

**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS  
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL GENERAL**

**2018/2019**



**TII**

**ESTRATÉGIA DA CHINA PARA O PACÍFICO.  
INCIDÊNCIAS NA SEGURANÇA E DEFESA  
AO NÍVEL INTERNACIONAL**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A  
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO  
SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS  
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL  
REPUBLICANA.**

**Nuno Maria D. R. Cornélio da Silva  
Capitão-de-mar-e-guerra, Marinha**



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**ESTRATÉGIA DA CHINA PARA O PACÍFICO.**  
**INCIDÊNCIAS NA SEGURANÇA E DEFESA AO NÍVEL**  
**INTERNACIONAL**

**CMG M Nuno Maria D. R. Cornélio da Silva**

Trabalho de Investigação Individual do CPOG

Pedrouços 2019



**INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS**

**ESTRATÉGIA DA CHINA PARA O PACÍFICO.  
INCIDÊNCIAS NA SEGURANÇA E DEFESA AO NÍVEL  
INTERNACIONAL**

**CMG M Nuno Maria D. R. Cornélio da Silva**

Trabalho de Investigação Individual do CPOG 2018/2019

Orientador: BRIG PILAV António Carlos de Amorim Temporão

Pedrouços 2019



### **Declaração de compromisso Antiplágio**

Eu, Nuno Maria d'Orey Roquette Cornélio da Silva, declaro por minha honra que o documento intitulado “Estratégia da China para o Pacífico. Incidências na segurança e na defesa ao nível internacional” corresponde ao resultado da investigação por mim desenvolvida enquanto auditor do CPOG 2018/2019 no Instituto Universitário Militar e é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 16 de maio de 2019

Nuno Maria D. R. Cornélio da Silva



### **Agradecimentos**

Mais que um trabalho de investigação, o resultado do esforço desenvolvido durante este período contribuiu de forma relevante para o meu conhecimento acerca de um dos fatores que está a alterar a ordem mundial, e para o qual, para além da curiosidade intelectual, considero dever estar pessoalmente preparado.

Para a realização do trabalho tive o privilégio de ter podido contar com a disponibilidade e o apoio do meu orientador – Brigadeiro PILAV António Carlos de Amorim Temporão – e de todos aqueles a quem manifestei o interesse de entrevistar, cruzar opiniões ou receber recomendações, nomeadamente: MGEN João Vieira Borges, Dr.<sup>a</sup> Maria João Carmona, TCOR Manuel Carriço, TCOR João Pinto Correia, Prof. Doutor Luís Cunha, Prof. Doutor Paulo Duarte, Prof.<sup>a</sup> Doutora Carla Fernandes, CMG João Ramalho Marreiros, COR Nuno Lemos Pires, CFR Pargana, Prof. Doutor José Félix Ribeiro, COR Lúcio Barreiros dos Santos, TCOR Rui Pais dos Santos, Prof. Doutor Luís Tomé e Prof.<sup>a</sup> Doutora Alexandra Ventura. A todos manifesto o meu mais profundo agradecimento.

Agradeço também à minha Família pela compreensão e o apoio.



## Índice

Introdução.....	1
1. Base conceptual e metodologia da investigação.....	6
1.1. Revisão da literatura .....	6
1.2. Base conceptual .....	6
1.3. Metodologia de investigação .....	9
1.4. Instrumentos metodológicos .....	12
2. Caracterização dos mares da China e do oceano Pacífico .....	13
2.1. Análise do fator político .....	13
2.2. Análise do fator militar .....	15
2.3. Análise do fator económico .....	16
2.4. Síntese conclusiva.....	18
3. Os interesses e a estratégia da República Popular da China.....	20
3.1. Objetivos políticos .....	20
3.2. Riscos e ameaças .....	21
3.3. Estratégia total .....	22
3.4. Estratégia militar.....	23
3.5. Síntese conclusiva.....	27
4. Os interesses e a estratégia dos principais atores na região .....	29
4.1. Estados Unidos da América.....	29
4.2. Outros atores .....	31
4.3. <i>Wild cards</i> .....	32
4.4. Organizações multinacionais .....	32
4.5. Síntese conclusiva.....	33
5. Tendências de evolução .....	34
5.1. Consequências para a estabilidade internacional.....	37
Conclusões.....	38



Referências bibliográficas ..... 42

### **Índice de anexos**

Anexo A — China ..... Anx A-1  
Anexo B — Disputas territoriais nos mares da China ..... Anx B-1  
Anexo C — O dispositivo dos EUA no Pacífico Ocidental..... Anx C-1

### **Índice de apêndices**

Apêndice A — Corpo de conceitos ..... Apd A-1  
Apêndice B — Relevância, percepções e alinhamentos dos países ..... Apd B-1  
Apêndice C — Organizações multinacionais..... Apd C-1  
Apêndice D — Fator físico..... Apd D-1  
Apêndice E — Fator histórico ..... Apd E-1  
Apêndice F — Forças Armadas Chinesas ..... Apd F-1  
Apêndice G — Cooperação no âmbito da defesa entre países asiáticos e EUA ... Apd G-1  
Apêndice H — Capacitação aeronaval dos países asiáticos..... Apd H-1  
Apêndice I — Estratégia genética dos EUA..... Apd I-1  
Apêndice J — Guião das entrevistas..... Apd J-1  
Apêndice K — Quadro de peritos entrevistados ..... Apd K-1  
Apêndice L — Sinopse e análise do resultado das entrevistas ..... Apd L-1

### **Índice de figuras**

Figura 1 – As regiões Ásia-Pacífico e Indo-Ásia-Pacífico ..... 1  
Figura 2 – Militarização de uma ilha do arquipélago das ilhas Spratly ..... 2  
Figura 3 – Os mares da China Oriental e Meridional e o mar das Filipinas ..... 4  
Figura 4 – Cascata da estratégia ..... 7  
Figura 5 – “Cebola da investigação” ..... 9  
Figura 6 – Esquema-resumo da metodologia ..... 11



Figura 7 – Esquema de análise .....	12
Figura 8 – Espectro da conflitualidade da competição na dimensão militar.....	16
Figura 9 – SLOC e corredores terrestres da Belt and Road Initiative .....	19
Figura 10 – <i>Milestones</i> do <i>Chinese dream</i> .....	21
Figura 11 – O “cerco” das ilhas visto da China.....	22
Figura 12 – Estratégia chinesa do “String of Pearls” .....	26
Figura 13 – Sistema A2/AD no Mar da China Oriental .....	27
Figura 14 – Cenários evolutivos da região Ásia-Pacífico .....	37
Figura 15 – Projeção demográfica para a China.....	Anx A-1
Figura 16 – Disputas territoriais nos mares da China.....	Anx B-1
Figura 17 – Dispositivo dos EUA no Pacífico Ocidental.....	Anx C-1
Figura 18 – Organização das Forças Armadas Chinesas.....	Apd F-1
Figura 19 – Evolução do orçamento oficial de defesa da China 2007-2018.....	Apd F-2

## **Índice de quadros**

Quadro 1 – Objetivos, problema e questões da investigação .....	5
Quadro 2 – Domínios, variáveis e indicadores.....	10
Quadro 3 – Guerras regionais desde 1274.....	15
Quadro 4 – Reservas e produção de petróleo e de gás natural nos MdC em 2017 .....	17
Quadro 5 – Apreciação das Forças Armadas chinesas por elementos de capacidade.....	28
Quadro 6 – Análise das prioridades da estratégia genética dos EUA .....	30
Quadro 7 – Matriz de alinhamento e relevância dos países .....	Apd B-1
Quadro 8 – Matriz de perceções .....	Apd B-2
Quadro 9 – Principais guerras entre atores asiáticos pós 1200 dC.....	Apd E-1
Quadro 10 – Evolução dos princípios da estratégia chinesa desde 1943 .....	Apd E-3
Quadro 11 – Dispositivo PLAN .....	Apd F-2
Quadro 12 – Objetivos e questões guião das entrevistas.....	Apd J-1



Quadro 13 – Relação de entrevistados ..... Apd K-1

Quadro 14 – Sinopse das entrevistas ..... Apd L-1



## **Resumo**

O objetivo desta investigação é prospetivar, para um horizonte de 30 anos, a evolução geoestratégica na região dos mares da China e no oceano Pacífico e deduzir as consequências no âmbito da segurança e defesa, da ação da China naquela região. Para o efeito, estabelece-se o quadro inicial de referência e, seguidamente, induz-se o resultado da conjugação das ações prováveis dos atores, através da análise das estratégias enunciadas e dos dados recolhidos junto de peritos e em publicações relevantes.

Configura-se no horizonte uma eventual transição de poder na região da Ásia-Pacífico a favor da China, que evidencia um comportamento cada vez mais assertivo, expansionista e revisionista. Os EUA reforçarão a presença, tentando manter o *statu quo*. Os restantes atores armam-se e tentam preservar a sua soberania e liberdade de ação através de alinhamentos, voláteis e muitas vezes incoerentes nos diversos domínios, ora com a China ora com os EUA. Está-se perante uma nova edição da denominada “armadilha de Tucídides”.

A comunidade de segurança tenderá assim para um sistema de segurança competitiva, onde todos os instrumentos de poder dos diversos atores estarão em ação, prevendo-se um aumento substancial da tensão na Ásia-Pacífico, com tendência para alastrar.

## **Palavras chave**

China; Estratégia; Mar do Sul da China; Ásia-Pacífico; A2/AD



***Abstract***

The aim of this research is to provide a prospective analysis of the geostrategic evolution in the region of the China Seas and in the Pacific Ocean over a thirty-year horizon and to deduce the consequences of China's action in that region in the context of security and defence. With this purpose in mind, an initial framework has been established and subsequently the result inferred of the combination of the actors' probable actions by analysing the strategies outlined as well as the data collected from experts and relevant publications.

On the horizon, a possible transition of power in the Asia-Pacific region might favour China, which shows an increasingly assertive, expansionist, and revisionist behaviour. The U.S. will strengthen their presence while trying to maintain the *statu quo*. The remaining actors arm themselves while trying to maintain their sovereignty and freedom of action through volatile and often inconsistent alignments in various domains, at times with China, at times with the U.S.. We are now facing a new edition of the so-called "Thucydides Trap".

Therefore, the security community will tend towards a competitive security system where all the various actors' instruments of power will be in action, with a substantial increase in tension in the Asia-Pacific region tending to spread.

***Keywords***

China; *Strategy*; South China Sea; Asia-Pacific; A2/AD



### Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

A2/AD	<i>Anti-access/area denial</i>
AB	Navio de apoio
ADB	Asian Development Bank
ADIZ	<i>Air defense identification zone</i>
AEGIS BMD	Sistema AEGIS de defesa antimíssil balístico
AEW&C	<i>Airborne early warning and control</i>
AIIB	Asian Infrastructure Investment Bank
AM	Academia Militar
AOR	<i>Area of responsibility</i>
ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
ASW	<i>Anti-submarine warfare</i>
ATK	<i>Attack</i>
BBR	<i>Bomber</i>
BMD	<i>Ballistic missile defense</i>
BRI	Belt and Road Initiative
BRIG PILAV	Brigadeiro-general piloto aviador
C4ISR	Comando, controlo, comunicações, computadores, <i>intelligence</i> , vigilância e reconhecimento
COR	Coronel
CFR	Capitão de fragata
CMC	Comissão Militar Central
CMG	Capitão-de-mar-e-guerra
CNO	Chief of Naval Operations
CNUDM	Convenção das Nações Unidas sobre o direito do mar
CPOG	Curso de Promoção a Oficial General
CV	Porta-aviões
DD	<i>Destroyer</i>
DIME	Diplomático, informacional, militar, económico
DoD	Departamento de Defesa dos EUA
DOTMLPFI	Doutrina, organização, treino, material, liderança, pessoal, infraestruturas, interoperabilidade
Dr. <sup>(a)</sup>	Doutor(a)



ELINT	<i>Electronic intelligence</i>
EMW	<i>Electromagnetic Warfare</i>
EUA	Estados Unidos da América
FF	Fragata
FGA	<i>Fighter ground attack</i>
FOC	<i>Final operational capability</i>
FOIP	Free and open Indo-Pacific concept
FoN	<i>Freedom of navigation</i>
FS	Corveta
FTAAP	Free Trade Area of the Asia-Pacific
FTR	<i>Fighter</i>
Heli	Helicóptero
IAP	Região Indo-Ásia-Pacífico
IAEM	Instituto de Altos Estudos Militares
ICBM	<i>Intercontinental Ballistic Missile</i>
IDN	Instituto de Defesa Nacional
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
IISS	International Institute for Strategic Studies
IOC	<i>Initial Operational capability</i>
ISCSP	Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
ISCTE-IUL	ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa
ISNG	Instituto Superior Naval de Guerra
ISR	<i>Intelligence, surveillance and reconnaissance</i>
IUM	Instituto Universitário Militar
JAM-GC/ASB	Joint concept for access and maneuver in global commons/AirSea battle concept
LPD	<i>Landing platform dock</i>
LS	<i>Landing ship</i>
MCMV	<i>Mine counter measures vessel</i>
MCO	Mar da China Oriental
MdC	Mares da China
MGEN	Major-general



MIDFIELD	Militar, informacional, diplomático, financeiro, <i>intelligence</i> , económico, legal e de desenvolvimento
MIRV	<i>Multiple independently targetable reentry vehicle</i>
MSC	Mar do Sul da China ou mar da China Meridional
NATO	North Atlantic Treaty Organization
OBOR	One belt, one road initiative
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
OP	Oceano Pacífico
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PC	Patrulha costeiro
PCC	Partido Comunista Chinês
PI	Propriedade intelectual
PIB	Produto interno bruto
PLA	Exército Popular de Libertação – Forças Armadas
PLAA	Exército Popular de Libertação – Exército
PLAAF	Exército Popular de Libertação – Força Aérea
PLAN	Exército Popular de Libertação – Marinha
PLARF	Exército Popular de Libertação – Força de Foguetes
PMESII	Político, militar, económico, social, infraestrutural e informacional
Prof. <sup>(a)</sup>	Professor(a)
RPC	República Popular da China
SCO	The Shangai Cooperation Organisation
SLBM	<i>Submarine-launched ballistic missile</i>
SLOC	<i>Sea lines of communication</i>
SSB	Submarino convencional balístico
SSBN	Submarino nuclear balístico
SSF	Strategic Support Force
SSK	Submarino convencional de ataque
SSN	Submarino nuclear de ataque
TCOR	Tenente-coronel
THAAD	<i>Terminal high-altitude area defense battery</i>



TII	Trabalho de investigação individual
TKR	<i>Tanker</i>
TPT	<i>Transport</i>
TRG	<i>Training</i>
UAL	Universidade Autónoma de Lisboa
UAV	<i>Unmanned air vehicle</i>
UCAV	<i>Unmanned combat air vehicle</i>
UCP	Universidade Católica Portuguesa
USAF	<i>United States Air Force</i>
USD	<i>United States dollar</i>
USN	<i>United States Navy</i>
UUV	<i>Unmanned underwater vehicle</i>



## Introdução

### Enquadramento e justificação do tema

No âmbito do Instituto Universitário Militar (IUM), a investigação enquadra-se no domínio das Ciências Militares, na área científica do Estudo das Crises e dos Conflitos Armados, na subárea da Estratégia Militar e Prospetiva Estratégica Militar.

O século XXI é denominado “o século da Ásia” pelo desenvolvimento e transformação em curso naquele que é o continente mais populoso do mundo (ADB, 2011). As transformações expectadas nos âmbitos geoestratégico, geopolítico, geoeconómico e ao nível da segurança e defesa na Ásia são especialmente sensíveis na região Ásia-Pacífico (Figura 1), por via do grande desafio que é a manutenção da paz e do progresso num período de grande dinâmica de poderes (Lai, Troxell, & Gellert, 2018, p. 16).



**Figura 1 – As regiões Ásia-Pacífico e Indo-Ásia-Pacífico**  
*Fonte:* Adaptado de *Internet Commons* (2019)

A incidência do estudo sobre a República Popular da China (China ou RPC) justifica-se em virtude deste país se destacar das outras potências regionais também em ascensão (*e.g.* Coreia do Sul, Índia, Japão), pela dimensão e potencial impacto das suas ambições.

A China é um “gigante” em acelerado desenvolvimento, cuja ambição é, em 2049, concluir o grande rejuvenescimento da nação chinesa (*Chinese dream*), tornando-se num país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático, culturalmente avançado e harmonioso (Xinhua, 2015).

Para atingir este objetivo político, a China desenhou a grande estratégia dos “Dois Centenários” que orienta e marca o ritmo do seu desenvolvimento. O sucesso do plano



depende da sua capacidade de desenvolvimento económico, para o qual todas as estratégias particulares concorrem, incluindo a militar.

A questão são os métodos e a forma cada vez mais ostensiva como a China implementa essas estratégias, que incluem a reunificação de Taiwan, pondo em causa o *statu quo* da ordem regional e mundial, motivando sérias preocupações nos países da região, que vivem há sete décadas na relativa tranquilidade da *pax americana*, e também aos aliados destes, que lá detêm interesses (O'Rourke, 2018, p. Summary).

A estratégia militar chinesa, com o intuito de melhorar a capacidade de defesa própria<sup>1</sup> e ou apropriação de recursos<sup>2</sup>, inclui, ao arripio do direito internacional<sup>3</sup>, a ocupação e militarização de espaços contestados internacionalmente (Figura 2), pondo em causa a propriedade, direitos e liberdades de outros atores, defendendo, como necessário, a pretendida posse<sup>4</sup> (Pargana, 2016, p. 8).



**Figura 2 – Militarização de uma ilha do arquipélago das ilhas Spratly**  
Fonte: CNES (2014)

<sup>1</sup> Nomeadamente através da instalação de uma arquitetura de defesa anti-acesso/negação de área (A2/AD).

<sup>2</sup> Recursos vivos e não vivos como pescado, petróleo e gás existentes em espaços marítimos contestados.

<sup>3</sup> Entre outros a China viola a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM) e não reconhece as decisões do Tribunal Arbitral Permanente da Haia de 12 de julho de 2016 (PAC, 2016).

<sup>4</sup> “Por objetivos «vitais», morre-se; por objetivos importantes, «combate-se»; por objetivos secundários «negoceia-se»” (Couto, 1988, p. 66).



Por outro lado, essa mesma estratégia define também novas missões em apoio aos interesses chineses para lá da região Ásia-Pacífico<sup>5</sup>, para as quais as suas Marinha e Força Aérea se preparam com meios expedicionários e de projeção de força, bem como com bases de apoio (Carriço, 2007; The State Council The People's Republic of China [RPC], 2015).

As transformações verificadas no domínio militar – ao nível das estratégias estrutural, operacional e genética – e a falta de clareza de intenções por parte da China provocam alterações substanciais nas perceções, causando desconfiança e desconforto entre os atores regionais (Lai *et al.*, 2018, p. 6).

Face à incerteza e à importância do que está em jogo, assiste-se, na região, a uma corrida aos armamentos e desenvolvem-se estratégias e conceitos<sup>6</sup> para garantir a segurança e os interesses dos restantes atores (Harris, 2018; Tomé, 2010, p. 385).

Os EUA como potência hegemónica e a China como potência em ascensão, entram numa fase de competição declarada, assistindo-se a uma possível transição de poder. Os Estados protegem-se, alinhando-se por conveniências em acordos bilaterais e multilaterais. Está-se perante duas superpotências, com objetivos, valores e ideologias diferentes, sendo que a solução de se acomodarem mutuamente terá sempre um custo muito inferior ao da guerra para qualquer uma das partes (Cordesman & Kendall, 2017, p. 346).

A estratégia militar chinesa instiga respostas por parte dos outros atores regionais, e essa interação provoca incidências na segurança e defesa ao nível internacional. Pelo impacto que uma eventual crise ou guerra naquela região poderá provocar ao nível internacional e pelas potenciais consequências para Portugal – entre outras razões pela expressividade e crescente presença chinesa na economia nacional –, considera-se o tema muito atual, relevante e pertinente (Rodrigues & Santos, 2018, pp. 1-2).

### **Objeto de estudo e sua delimitação**

O objeto de estudo deste Trabalho de Investigação Individual (TII) consiste nas incidências para a segurança e defesa ao nível internacional (o quê), decorrentes da ação da China (quem) nos mares da China e no oceano Pacífico Ocidental (onde) num horizonte temporal de 30 anos (quando).

Delimita-se no tempo a análise prospetiva da evolução geoestratégica para os próximos 30 anos por quatro motivos: porque provavelmente abrange a janela mais perigosa

---

<sup>5</sup> Nomeadamente os inerentes à Belt and Road Initiative (BRI).

<sup>6</sup> *e.g.* Free and Open Indo-Pacific, Joint Concept for Access and Maneuver in Global Commons e Strategic Reliability.

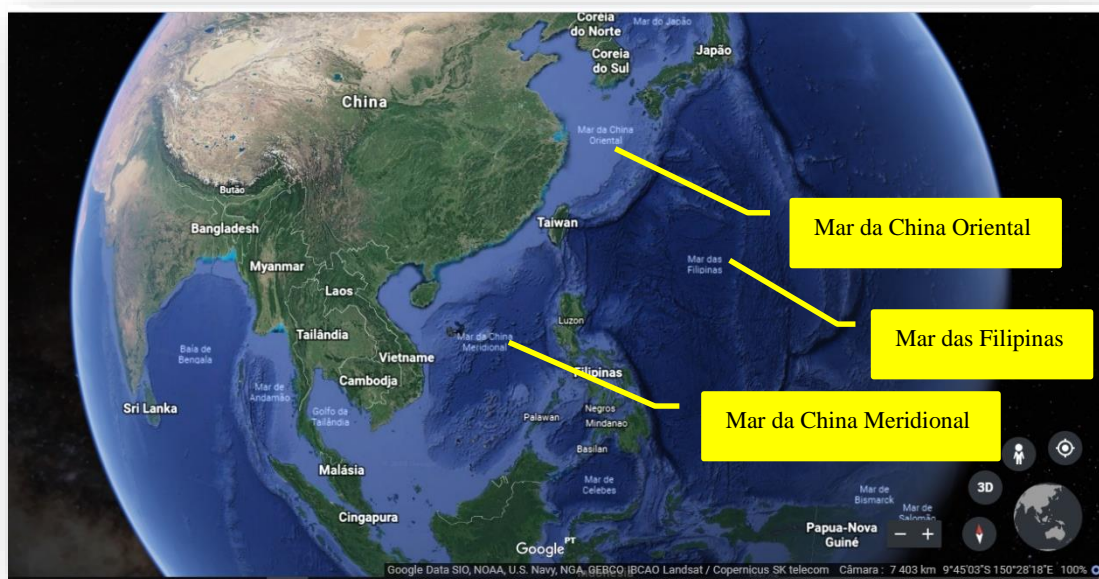


durante uma eventual transição de poder; porque a evolução tecnológica não recomenda a previsão de longo prazo (Haddick, 2014, p. 4); porque as prioridades dos Estados dependem das circunstâncias; porque dentro de 30 anos se celebra o centésimo aniversário da RPC, marco do plano dos “dois centenários” para atingir o seu *end state*.

Relativamente a países, analisam-se a China e os EUA. Os restantes serão analisados em função da sua relevância para os assuntos a avaliar. Entre eles: Brunei, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, Tailândia, Taiwan, Vietname e Singapura.

Relativamente às organizações internacionais, opta-se também pelo critério de análise por relevância. Entre elas: Association of Southeast Asia Nations (ASEAN) e Shanghai Cooperation Organization (SCO).

Delimita-se o resultado da análise prospetiva ao domínio da variável militar. Em área geográfica, delimita-se o estudo ao mar da China Oriental (MCO), mar da China Meridional ou mar Sul da China (MSC) e mar das Filipinas, no oceano Pacífico Ocidental (OP) (Figura 3), por serem as áreas mais interessantes no âmbito do tema do TII.



**Figura 3 – Os mares da China Oriental e Meridional e o mar das Filipinas**

Fonte: Adaptado de Google Earth (2018)



## Objetivos, problema e questões da investigação

No Quadro 1 elencam-se os objetivos e as respetivas questões.

Quadro 1 – Objetivos, problema e questões da investigação

<b>Objetivo Geral</b>	
Prospetivar, para um horizonte temporal de 30 anos, a evolução geoestratégica na região dos MdC e no OP e deduzir as consequências no âmbito da segurança e defesa, da ação da China naquela região.	
<b>Problema/Questão Central</b>	
Qual a evolução geoestratégica esperada nos MdC e no OP nos próximos 30 anos e suas repercussões na estabilidade internacional, nomeadamente no âmbito da segurança e defesa, considerando a conjugação das ações prováveis levadas a cabo pela China com as dos outros principais atores <sup>7</sup> com interesses na região?	
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Questões Derivadas</b>
OE1 – Caracterizar a situação atual nos MdC e no OP nos domínios político, militar e económico.	QD1 – Qual a situação atual nos MdC e no OP nos domínios político, militar e económico?
OE2 – Analisar os aspetos fundamentais da “grande estratégia”, estratégia militar e estratégia marítima e aérea da China para a área dos MdC e do OP.	QD2 – Quais os principais elementos caracterizadores da “grande estratégia”, a estratégia militar e a estratégia marítima e aérea da China para a área dos MdC e do OP?
OE3 – Analisar os interesses e as estratégias dos outros principais atores na área dos MdC e do OP e inferir como irão utilizar os seus instrumentos de poder, nomeadamente o militar, face às ações da China naquela área.	QD3 – Como utilizarão os outros principais atores os seus instrumentos de poder, nomeadamente o militar, em função dos seus interesses e estratégia em reação às ações da China nos MdC e no OP?

## Organização do estudo

Após a contextualização feita na “Introdução”, o TII apresenta um caminho lógico a percorrer pelos capítulos: no primeiro, descreve-se a base conceptual, metodologia e método utilizados; no segundo, caracteriza-se a situação atual nos MdC e OP para estabelecer um ponto de partida ao leitor; no terceiro, são analisados os interesses e a estratégia da China; no quarto, analisam-se os interesses e estratégias dos outros atores na região; no quinto, aponta-se as tendências de evolução e as consequências para a estabilidade internacional; encerra-se com as conclusões.

<sup>7</sup> Atores: Brunei, China, Coreia do Norte, Coreia do Sul, EUA, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, Tailândia, Taiwan, Vietname e Singapura; ASEAN e SCO.



## **1. Base conceptual e metodologia da investigação**

### **1.1. Revisão da literatura**

A literatura consultada é constituída por documentação estratégica oficial dos principais atores (disponível em fonte aberta), relatórios, livros e publicações da especialidade.

Relativamente à China, parte da informação oficial encontra-se condensada em *white papers*. No caso dos EUA, para além da doutrina publicada, são consultados relatórios e depoimentos ao Senado e ao Congresso.

Para efeitos de análise de capacidades, de situação e de *procurement* são consultadas as publicações *Military Balance* e *IHS Jane's* e revistas como a *Jane's Defence Weekly*.

A exploração dos sítios da *Internet* dedicados à análise estratégica, como International Institute for Strategic Studies (IISS), Geopolitical Futures, Strategic Forum (Stratfor), Center for Strategic & International Studies (CISS), Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI), Mercator Institute for China Studies (MERICS), Federal Academy for Security Policy (BAKS), entre outros, revela-se fundamental.

Através dos *media* de referência, como *The Economist*, *The Diplomat*, *Xinhua* entre outros, acompanha-se a situação político-militar. Os desafios das grandes tendências captam-se nas *Harvard Business Review* e *McKinsey Quarterly*.

São consultadas obras publicadas por especialistas na área da geoestratégia e geopolítica e trabalhos de investigação desenvolvidos por reputados estudiosos nas mesmas áreas, conforme listado nas referências bibliográficas. As mais relevantes foram (Carriço, 2013), (Cunha, 2013), (Friedberg, 2011), (Mahnken & Blumenthal, 2014) e (Tomé, 2010).

### **1.2. Base conceptual**

No decurso deste trabalho são referidas expressões que têm um significado específico. Apresentam-se neste subcapítulo os principais conceitos que servem de quadro teórico de referência – geopolítica, geoestratégia, estratégia e sistema de segurança – encontrando-se os restantes no Apêndice A.

A geopolítica trata do "estudo das constantes e das variáveis do espaço acessível ao homem que, ao objectivarem-se na construção de modelos de dinâmica do poder, projecta o conhecimento geográfico no desenvolvimento e na actividade da ciência política" (Instituto de Estudos Superiores Militares [IESM], 2007). Vale a pena aqui relevar o pensamento do Professor Marques Guedes, segundo o qual o centro de gravidade das dinâmicas geopolíticas internacionais é hoje constituído pelas bacias oceânicas por via da concentração do comércio



internacional, raciocínio que se aplica muito bem à região Ásia-Indo-Pacífico (Guedes, 2016, *cit.* por Costa, 2016, p. 9).

A geoestratégia ocupa-se do "estudo das constantes e variáveis do espaço acessível ao homem que, ao objectivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego, ou ameaça de emprego de formas de coacção, projecta o conhecimento geográfico na actividade estratégica" (IESM, 2007).

Convém esclarecer as subordinações entre a política e estratégia. Assim, apesar de ser informada pela estratégia, “a política comanda a estratégia: a política é um *fim*; a estratégia é, como actividade, um *meio* para esse fim.” (Couto, 1988, p. 220).

Entende-se por “grande estratégia” ou “estratégia total” a estratégia global de uma nação ou aliança de nações na qual se utiliza todo o poderio nacional, tendo como objetivo proteger e desenvolver os seus interesses permanentes ao longo do tempo. As estratégias gerais subdividem-se em estratégias particulares. Como charneira entre as estratégias geral e particulares deverão ser consideradas divisões da estratégia geral por: aspetos da geração de meios – estratégia genética; aspetos estruturais – estratégia estrutural; aspetos operacionais – estratégia operacional (Figura 4) (Couto, 1988, p. 227).

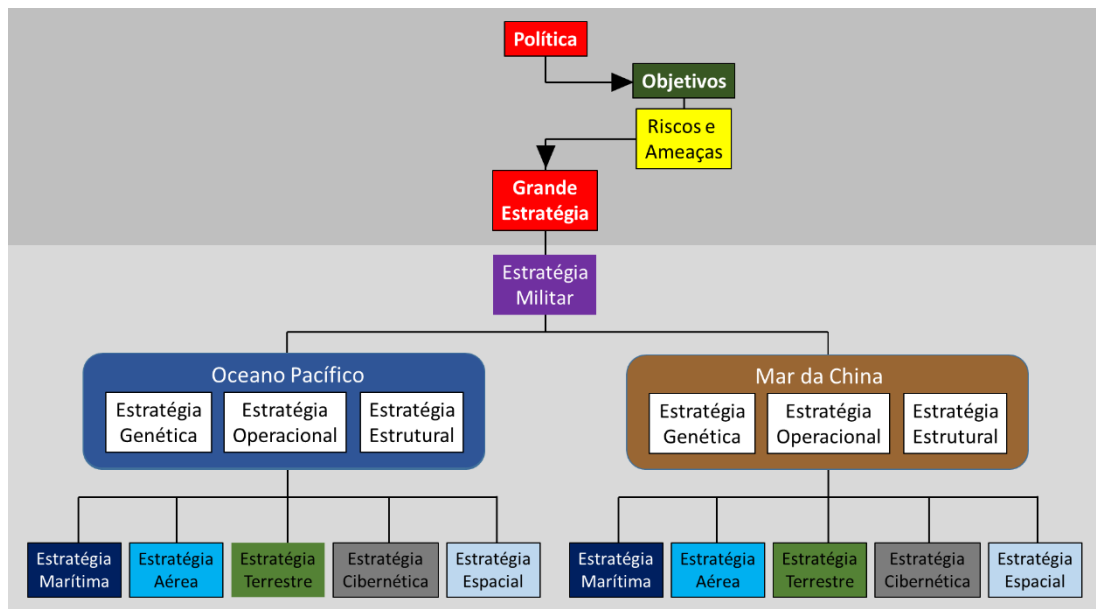


Figura 4 – Cascata da estratégia

Fonte: Adaptado de Couto (1988)

Em termos conceptuais, “Estratégia é a arte e a ciência que se ocupa da escolha, preparação e emprego dos fatores do Poder Nacional, em tempo de paz perante antagonismos, e em situações de crise ou de guerra, para a realização dos objetivos definidos



pela Política” (Instituto Superior Naval de Guerra, n.d., p. 2.1). Já a estratégia militar, enquanto estratégia geral, define-se como sendo a forma e a utilização que é feita da força e da ameaça do uso da força em prol dos fins da política (Gray, 2009).

Segurança é definida operacionalmente “como a protecção e a promoção de valores e interesses considerados vitais para a sobrevivência política e o bem-estar da comunidade, estando tanto mais salvaguardada quanto mais perto se estiver da ausência de preocupações militares, políticas e económicas.” (Tomé, 2010, p. 419).

No âmbito deste TII, aborda-se amiúde o conceito de complexo de segurança regional que, segundo Tomé, deve ser:

[...] entendido como um sistema de sistemas, uma rede de relações lineares e não lineares entre múltiplas partes e de interações entre vários sistemas de segurança, em diferentes escalas e dimensões, de que resultam determinados padrões nas conexões, estruturas e comportamentos que, por sua vez, interagem com os ambientes interno e externo a essa rede de segurança – conjuga vários sistemas de segurança:

- Segurança competitiva – expressa, por exemplo, no fortalecimento generalizado das capacidades militares, nas alianças, parcerias estratégicas e trilateralismos ou nas políticas de balanceamento e contenção mútua;
- Segurança comum – embora suspeitando uns dos outros e temendo-se e vigiando-se mutuamente, os atores enfatizam um virtual compromisso comum de sobrevivência e de segurança acomodando-se aos interesses uns dos outros, procurando assim aumentar a segurança mútua com e não contra os outros;
- Segurança cooperativa – baseada na percepção de não existir ameaça imediata e de existirem interesses comuns onde é possível cooperar e articular posições, privilegiando os atores regionais estratégias diplomáticas de *win-win* ou ganhos mútuos e relativos e transpondo isso para os relacionamentos bilaterais e para algumas instituições e mecanismos multilaterais, prevenindo e gerindo conflitos num determinado quadro estabelecido de normas e procedimentos;
- Comunidade de segurança – concretamente, no Sudeste Asiático, onde as identidades e os interesses estão relativamente fundidos na mais vasta “comunidade ASEAN”, não havendo exceção para o uso da força entre os seus



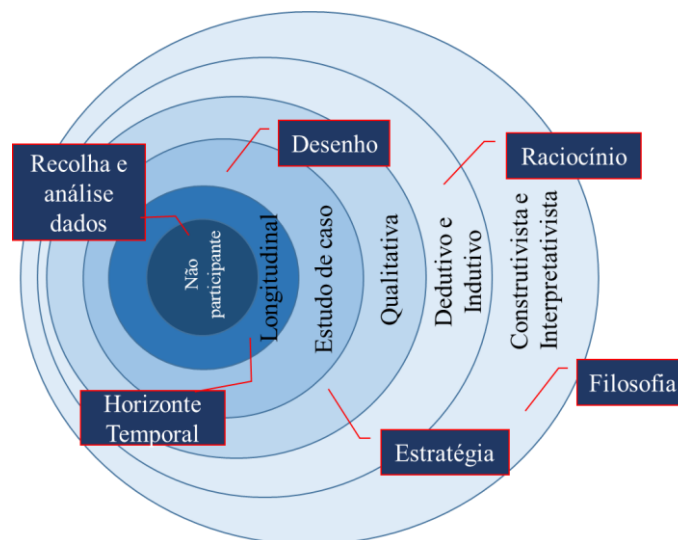
membros e sendo a força encarada como ilegítima nas relações políticas entre eles. (Tomé, 2010, pp. 419-420)

As referências a áreas marítimas neste TII respeitam as definições constantes na publicação *Limits of Oceans and Seas* (Organização Hidrográfica Internacional, 1953).

As referências ao oceano Pacífico e aos mares da China (MdC) respeitam, respetivamente, à área do mar das Filipinas e ao conjunto do mar Sul da China (MSC)<sup>8</sup> e mar da China Oriental (MCO) (Figura 3).

### 1.3. Metodologia de investigação

A presente investigação configura um estudo de caso em que se utiliza numa 1.ª fase uma abordagem dedutiva, e numa 2.ª fase indutiva. Adota-se: uma estratégia de investigação qualitativa; uma postura ontológica construtivista, por se crer que “os fenómenos sociais e os seus significados estão constantemente a ser executados pelos atores sociais”; uma postura epistemológica interpretativista, por se advogar que “o mundo social, ao ser formado por indivíduos e pelas suas interações, não pode nem deve ser estudado a partir dos princípios, ferramentas e técnicas das ciências naturais” (Santos & Lima (coords.), 2016, pp. 16-20; 29; 39). No que se refere a recolha, tratamento e interpretação de dados e apresentação de conclusões, conta-se com uma observação não participativa (Harris, 2018) (Figura 5).



**Figura 5 – “Cebola da investigação”**  
Fonte: Adaptado de Santos & Lima (2016)

<sup>8</sup> Mar Sul da China ou Mar da China Meridional



A investigação segue um desenho de pesquisa específico, adaptado a estudos no âmbito da geopolítica e da geoestratégia, onde é necessário fazer análise prospetiva. Recorre-se a um desenho de pesquisa adaptado da publicação *Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégica* do IESM (IESM, 2007), do raciocínio explanado no artigo *Contributos da prospetiva e do pensamento estratégico para o planeamento estratégico militar* (Saraiva, Vieira, & Correia, 2017, p. 345), faz-se uso<sup>9</sup> da técnica de análise dos domínios político, militar, económico, social, infraestrutural e informacional (PMESII) explanada na publicação *Comprehensive Operations Planning Directive* da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (OTAN, 2013), resultando na busca e apreciação de dados nos domínios, variáveis e indicadores apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Domínios, variáveis e indicadores

Domínios	Variáveis	Indicadores
Político	Alinhamento político	Acordos, tratados e posicionamento
	Estratégia total	Definição dos objetivos políticos e da ameaça
	Confiança	Taxa perceção população confiança líderes
Militar	Estratégia militar	Definição objetivos e ameaças
	Estratégia operacional	Prontidão das forças para combate
	Estratégia estrutural	Adequação estrutural para combate
	Estratégia genética	Ordem de batalha e programas reequipamento
	Orçamento defesa	Valor, tendência e coerência
	Capacidade	Elementos de capacidade (DOTMLPFI) e tendência
	Alinhamento militar	Taxa perceção melhor aliado/maior ameaça
		Alianças e tratados
	Histórica	Histórico de beligerância
	Posição geoestratégica	Posição e configuração do país
Económico	Produto interno bruto	Taxa de crescimento PIB
	Autonomia	Dependência externa

Fonte: Adaptado de Freixo (2012)

Assim, baseado nos indicadores do Quadro 2, o modelo preconizado percorre o seguinte esquema lógico:

- Num primeiro passo, pretende-se fazer um “diagnóstico” da situação presente. Ou seja, procura-se definir o “quadro geopolítico de referência”, a fim de identificar a distribuição geográfica das relações de poder relacionadas com a área/problema, os atores e interesses presentes;
- Num segundo passo, pretende-se identificar tendências de evolução da situação no domínio militar. Esse prognóstico é elaborado com base na compreensão do comportamento estratégico dos atores presentes quando sujeitos à “interação com as

<sup>9</sup> De forma não exaustiva.

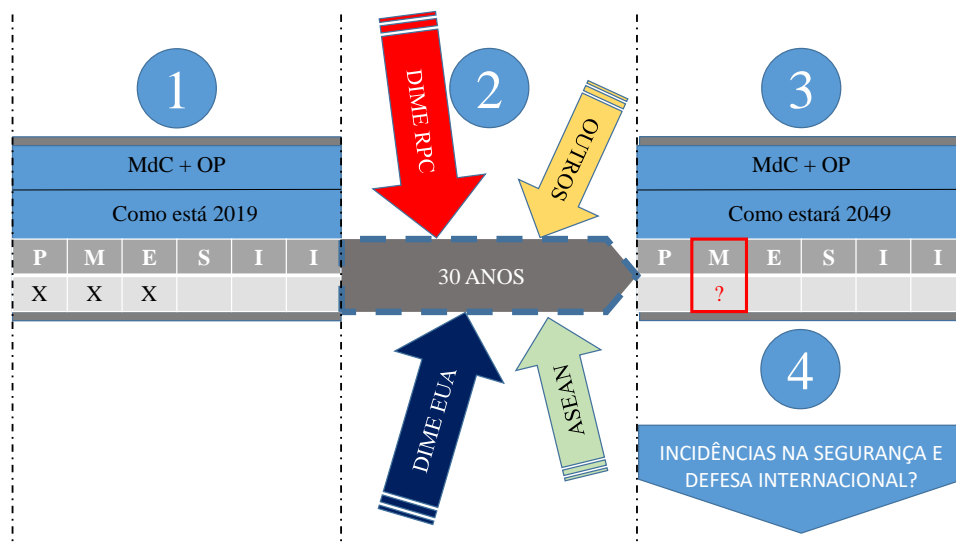


influências externas”. Em termos práticos, essa interpretação faz-se correlacionando as estratégias operacionais, genéticas e estruturais dos atores com os dados recolhidos, e prospetivando as suas dinâmica e interação de forma exploratória (fazendo recurso a inferências indutivas do comportamento estratégico esperado por parte dos principais atores), a fim de encontrar modelos interpretativos da realidade.

Por fim, combinando e integrando o “diagnóstico” e o “prognóstico” apresenta-se a prospetiva de evolução geoestratégica daquela região deduzindo-se como “conclusões” as implicações ao nível da segurança e defesa, com base nos elementos anteriores, limitando a análise no tempo.

Descrito o modelo, importa referir que a escolha do mesmo se deve à complexidade do ambiente geoestratégico e geopolítico que se desenvolve na região em apreço, dificilmente modelável ou estruturável, adequando-se portanto a elaboração de uma análise prospetiva (Saraiva, Vieira, & Correia, 2017).

As Figuras 6 e 7 apresentam o resumo da metodologia.



Legenda:

- 1 – Fase de “diagnóstico”
- 2 – Análise da interação dos atores regionais
- 3 – Prognóstico da situação futura na região, delimitada em tempo e em âmbito
- 4 – Dedução das incidências na segurança e defesa internacional

Figura 6 – Esquema-resumo da metodologia

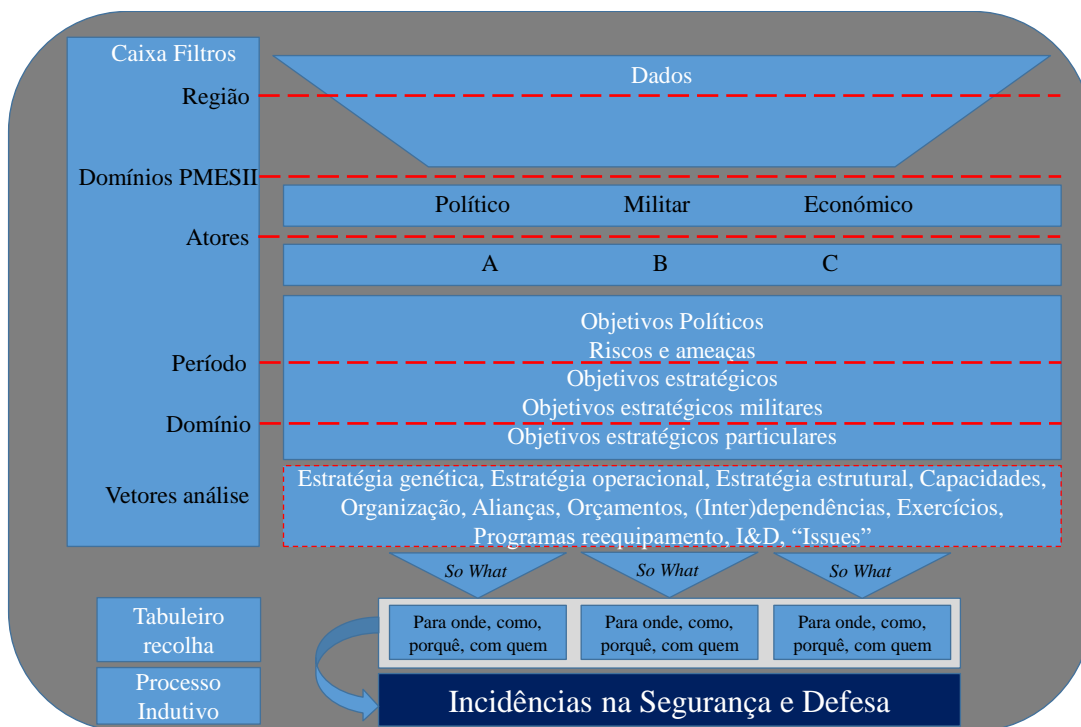


Figura 7 – Esquema de análise

#### 1.4. Instrumentos metodológicos

Para efeito de recolha de dados, recorre-se a pesquisa bibliográfica e análise documental de documentação estratégica oficial dos atores, publicações de centros de análise estratégica e autores reputados. Incorporam-se dados recolhidos em seminários e em sessões de aula e realizam-se entrevistas semiestruturadas a um conjunto de personalidades de reconhecido mérito na temática em apreço.

Para efeitos de referenciação bibliográfica, adota-se o estilo APA (6.<sup>a</sup> edição), utilizando as facilidades de referenciação automática do *software* Microsoft Word® 2013.



## 2. Caracterização dos mares da China e do oceano Pacífico

### 2.1. Análise do fator político

Em termos políticos, o sistema de relações internacionais da Ásia-Pacífico está num processo de transformação de unipolar para bipolar com tendência para multipolar, muito complexo, face à quantidade de países na região com um potencial estratégico expressivo ou emergente, às diferentes alianças e alinhamentos políticos com base nos interesses económicos e securitários, e aos antagonismos criados pelos conflitos da História (Quadro 3 e Apêndice E).

Identificam-se dois atores incontornáveis: os EUA – presentes e garantes da ordem mundial pós-Guerra Fria –, e a China – gigante em dimensão e ambição, a querer assumir o seu lugar de potência regional, expurgando os EUA do sistema, e impor aos restantes o seu modelo de “socialismo com características chinesas” (Defense Intelligence Agency [DIA], 2019, p. 9).

Existe também uma série de atores regionais “secundários” relevantes para o tema: Camboja, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, Singapura, Tailândia, Taiwan e Vietname. Conceptualmente, segundo Ciorciari (2010, Cit. por Rees, 2019) as alternativas político-estratégicas destes são:

- “balanceamento”, alinhando-se com a potência rival (EUA) da potência mais próxima e ameaçadora (China);
- *bandwagoning*, alinhando-se como parceiros<sup>10</sup> da China;
- assumir uma posição propositadamente “ambígua/neutral”, por forma a tentar ganhar o melhor da parte das duas potências.

Seguindo este conceito, e de acordo com a análise de perceções e alinhamentos (que interessará seguir no tempo) elaborada no Apêndice B, optaram por uma postura de “balanceamento” no domínio da cooperação de defesa com os EUA: Coreia do Sul, Japão, Singapura, Taiwan e Vietname (Center for Strategic & International Studies [CSIS], 2017). A Coreia do Norte e o Camboja optaram por uma estratégia de *bandwagoning* com a China. Indonésia, Filipinas<sup>11</sup>, Malásia e Tailândia jogam na “ambiguidade”. Estas lógicas foram caldeadas num relacionamento multilateral de grande complexidade e elasticidade; por vezes são incoerentes com as relações estabelecidas noutros domínios, nomeadamente no económico, sendo por isso muito voláteis.

---

<sup>10</sup> Tentando desta forma não ser tomados como “presas”.

<sup>11</sup> Apesar da aliança com os EUA, a sua relação esfriou com o Presidente Duterte.



Assistindo-se a um reajustamento da balança de poder regional, segundo Tomé (2010, p. 332) Pequim mantém especial atenção a eventuais estratégias de contenção anti-China, efetivadas através da:

- “normalização” estratégica do Japão;
- ressurgência e crescente influência da Índia na Ásia Oriental;
- novas parcerias e cooperações estratégicas em redor da China<sup>12</sup>.

No entanto, ainda segundo Tomé (*op. cit.*):

[...] a principal fonte de preocupação chinesa a este nível é o que os dirigentes chineses consideram ser o “hegemonismo”, o “imperialismo” e o virtual *containment* anti-China dos Estados Unidos, incluindo a ingerência americana nos “assuntos internos chineses” e a prática americana de “duas Chinas” relativamente a Taiwan.

Relativamente à situação política de Taiwan, a totalidade dos entrevistados reitera que é a que provoca maior inquietação na região (Apêndice L).

A situação da Coreia do Norte é também muito preocupante, considerando o seu arsenal bélico e o seu antagonismo visceral à presença americana, aos japoneses e aos sul coreanos, e à aparente imprevisibilidade comportamental do seu líder.

Desagregando o sistema em elementos políticos, a complexidade mantém-se. No Sudeste Asiático há países em que as Forças Armadas têm participação ativa na política nacional, nomeadamente a Tailândia. Nalguns assumem também responsabilidades significativas no âmbito da segurança interna, como na Indonésia, Filipinas e Tailândia. Por outro lado, nos países de partido único (China, Laos, Coreia do Norte e Vietname) a manutenção da estabilidade interna e da disciplina partidária são preocupações vitais das Forças Armadas (The International Institute for Strategic Studies [IISS], 2017, p. 237).

Outro fator que não contribui para a simplificação do sistema é o relativo às disputas de soberania sobre as áreas marítimas, complicado *per se*, mas ainda agravado pela posição que a China tem vindo a tomar em contraposição ao direito internacional.

---

<sup>12</sup> Envolvendo EUA, Japão, Rússia e Índia, mas também Mongólia, Coreia do Sul, ASEAN, Singapura, Indonésia, Paquistão e Austrália.



## 2.2. Análise do fator militar

A preocupação fundamental na formulação das políticas de defesa ao nível regional das forças armadas asiáticas é o desenvolvimento das capacidades convencionais da guerra. Os programas de capacitação são talhados pelas culturas estratégicas, sedimentadas nos conflitos do passado (Quadro 3), na real perceção dos perigos que a fraqueza militar representa e, também, num sentimento de incerteza relativamente às alterações do sistema de segurança regional e à linha de ação que os países mais poderosos irão seguir durante a competição estratégica em curso (IISS, 2017, p. 237).

Quadro 3 – Guerras regionais desde 1274

Contendores		N.º Guerras
China	Japão	6
China	EUA	5
China	Vietname	4
China	Taiwan	4
China	Coreia	2
Japão	Coreia	4
Japão	Vietname	2

Fonte: Resumo do Quadro 9 Apêndice E (não exaustivo)

A questão da segurança nos MdC é uma preocupação crescente para os atores regionais e afeta os respetivos planeamentos de defesa, de *procurement* e de empenhamento de meios militares. O reforço da posição da China no MSC tornou-se uma prioridade do Exército Popular de Libertação (PLA). Este fortalecimento serve para<sup>13</sup> afirmar a posse dos territórios contestados, para apoio logístico e proteção dos seus submarinos nucleares de ataque (SSBN), – elemento essencial da sua componente de *deterrence* nuclear –, para efeitos de controlo e defesa A2/AD do MSC e, também, para capacitar a sua projeção de poder no Pacífico e Índico (Correia, 2018). Para além das Paracel, a China ocupa sete áreas nas ilhas Spratly, tendo militarizado seis delas. O *modus operandi* da China nos MdC tem sido cada vez mais assertivo nas áreas disputadas. A situação leva a que a Marinha (USN) e a Força Aérea (USAF) americanas executem navegações marítimas e aéreas militares nessas áreas para afirmação do direito de passagem (FONOP) (Harris, 2018).

No MCO, a situação em redor das ilhas Diaoyu/Senkaku tem levado a subidas de tensão entre Tóquio e Pequim por causa da guerra híbrida que a China vem conduzindo periodicamente. A instalação de um sistema de defesa antimíssil THAAD na Coreia do Sul, destinado à defesa dos mísseis lançados pela Coreia do Norte, mereceu também a oposição

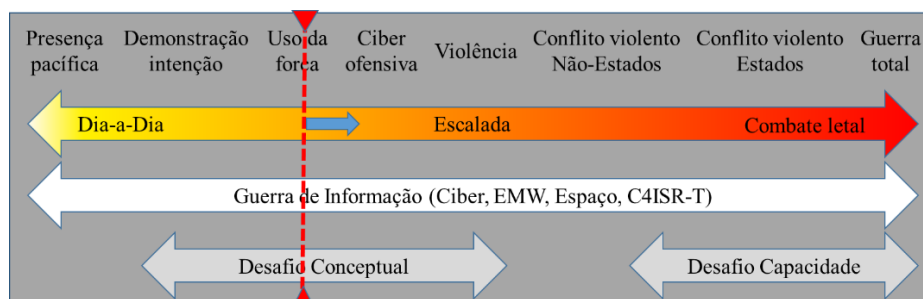
<sup>13</sup> Além da posse dos recursos vivos e não vivos.



da China. No que se refere às tensões entre a China e Taiwan não se verificaram tão-pouco melhoras, tendo a China, cada vez mais, evidenciado a sua superioridade militar e anunciado a inexorabilidade do processo de reunificação (CSIS, 2017). A este respeito, os EUA mantêm no Taiwan Relations Act uma posição de ambiguidade estratégica (Orchard, 2019).

A análise efetuada nos Apêndices F, G e H demonstra que a militarização do Sudeste Asiático e da Ásia Oriental é patente. A China é a protagonista, mas a maioria dos restantes países ribeirinhos dos MdC e do OP tem investido em equipamento militar para reforço da sua capacidade de afirmação de soberania nos respetivos espaços marítimos.

O uso da força por parte da China nos MdC situa-nos no espetro da conflitualidade conforme apresentado na Figura 8.



**Figura 8 – Espectro da conflitualidade da competição na dimensão militar**  
Fonte: Adaptado de *Chief of Naval Operations* [CNO] (2018)

### 2.3. Análise do fator económico

Estima-se que em 2030 as três maiores economias mundiais depois da americana sejam as de China, Índia e Japão, todas localizadas na região Indo-Ásia-Pacífico (IAP) (Lai *et al.*, 2018, p. 419).

A exposição económica<sup>14</sup> do mundo à China aumentou de 0,4 em 2000 para 1,2 em 2017. Pelo contrário, a exposição da China ao mundo diminuiu de 0,9 em 2007 para 0,6 em 2017.

Atualmente, 2,6% do consumo mundial é importado da China; em 2000 era 0,8%. A China importa hoje 2,0% da produção bruta do resto do mundo, em comparação com 0,4% em 2000 (Woetzel *et al.*, 2018). Releva-se o nível de interdependência, já que 60% dos produtos produzidos na China e nos países ASEAN são vendidos nos EUA e na Europa (Kauphasen & Lai, 2015, p. 349).

<sup>14</sup> A exposição de um país a uma região é a proporção das suas receitas oriundas dessa região.



Estima-se que cerca de 80% do comércio mundial seja transportado por via marítima. 60% desse volume transita pela Ásia, assumindo-se assim que o MSC represente 1/3 do tráfego mundial. As águas do MSC são particularmente críticas para China, Taiwan, Japão e Coreia do Sul, havendo uma fortíssima dependência da passagem pelo estreito de Malaca. Como segunda maior economia do mundo, com mais de 60% do valor do seu comércio a circular por via marítima, a segurança económica da China está dependente da segurança dos MdC, e do MSC em particular, por onde passa 40% do total do comércio daquele país, incluindo 80% das suas importações de petróleo. Dependendo das fontes, o valor global da mercadoria que circulou em 2016 no MSC situa-se entre os 3,4 e os 5,3 biliões de USD, o que representa mais de 20% do valor do comércio marítimo global (CSIS, 2017) (Figura 9).

Relativamente aos recursos de hidrocarbonetos no MSC, estima-se que exista uma reserva de 38,3 mil milhões de barris de petróleo e 12,2 biliões de metros cúbicos de gás. Embora exista gás e petróleo na área das ilhas Spratly e Parcel, as reservas aí existentes não serão muito expressivas (Quadro 4) (BP, 2018).

**Quadro 4 – Reservas e produção de petróleo e de gás natural nos MdC em 2017**

	Reservas petróleo confirmadas (x10 <sup>9</sup> barris)	Reservas de gás confirmadas (x10 <sup>12</sup> m <sup>3</sup> )	Produção petróleo (x10 <sup>6</sup> barris/dia)	Produção gás (x10 <sup>9</sup> m <sup>3</sup> )
Brunei	1,1	0,3	113	12
China	25,7	5,5	3.846	149,2
Indonésia	3,2	2,9	949	68
Malásia	3,6	2,7	697	78,4
Tailândia	0,3	0,2	465	38,7
Vietname	4,4	0,6	335	9,5
Total	38,3	12,2	6.405	355,8

Fonte: Adaptado de BP (2018)

O MSC é uma das zonas de pesca mais ricas do mundo. Existem 1,8 milhão de embarcações de pesca, representando 55% da frota de pesca mundial. Emprega mais de 3,7 milhões de pessoas e gera milhares de milhões de dólares anualmente. Os *stocks* de pesca estão exauridos, pondo em causa a segurança alimentar e o crescimento económico dos países dependentes da pesca (Bale, 2016).

No que respeita a orçamento de defesa, os Estados Asiáticos gastaram 367,7 mil milhões de USD (1,46% PIB) em 2016, mais 5,3% que no ano anterior. No período de 2012 a 2016 aumentaram o investimento, no seu conjunto, entre 5% e 6% por ano; já de 2016 para



2017 o crescimento ficou pelos 2,2%. A China representa cerca de 40% do montante global. O orçamento (oficial) de defesa chinês de 2018 é de 170,4 mil milhões de USD, mantendo-se nos 1,3% do PIB (Figura 19), representando um aumento nominal de 8,6% face ao de 2017. O Japão representa 12,9% do total do orçamento de defesa dos Estados asiáticos e a Coreia do Sul 9,2% (CSIS, 2017; DIA, 2019; IISS, 2018, p. 223).

Atualmente, a China lidera os principais segmentos da economia digital e é o segundo maior investidor mundial em investigação e desenvolvimento (I&D), após os EUA. As importações chinesas de tecnologia sob a forma de propriedade intelectual e em tecnologia de serviços e equipamentos cresceu de 11.000 milhões em 2007 para 48.000 milhões de USD em 2017. Entretanto, estas importações baixaram em consequência do investimento interno em I&D (Woetzel *et al.*, 2018).

No que diz respeito à área do capital e do financiamento, a China transformou-se numa fonte de capital cada vez mais importante ao nível global, sendo também um destino significativo para o investimento. Em 2017, o investimento direto estrangeiro (FDI) da China no mundo representou aproximadamente 10% do total global.

No primeiro semestre de 2018 o consumo interno chinês contribuiu para 80% do crescimento do seu PIB. A China é o maior mercado do mundo em muitas categorias de consumo (Woetzel *et al.*, 2018).

#### **2.4. Síntese conclusiva**

Em termos gerais, assiste-se na região Ásia-Pacífico a uma competição estratégica entre os EUA e a China na qual ambos aplicam todos os instrumentos de poder.

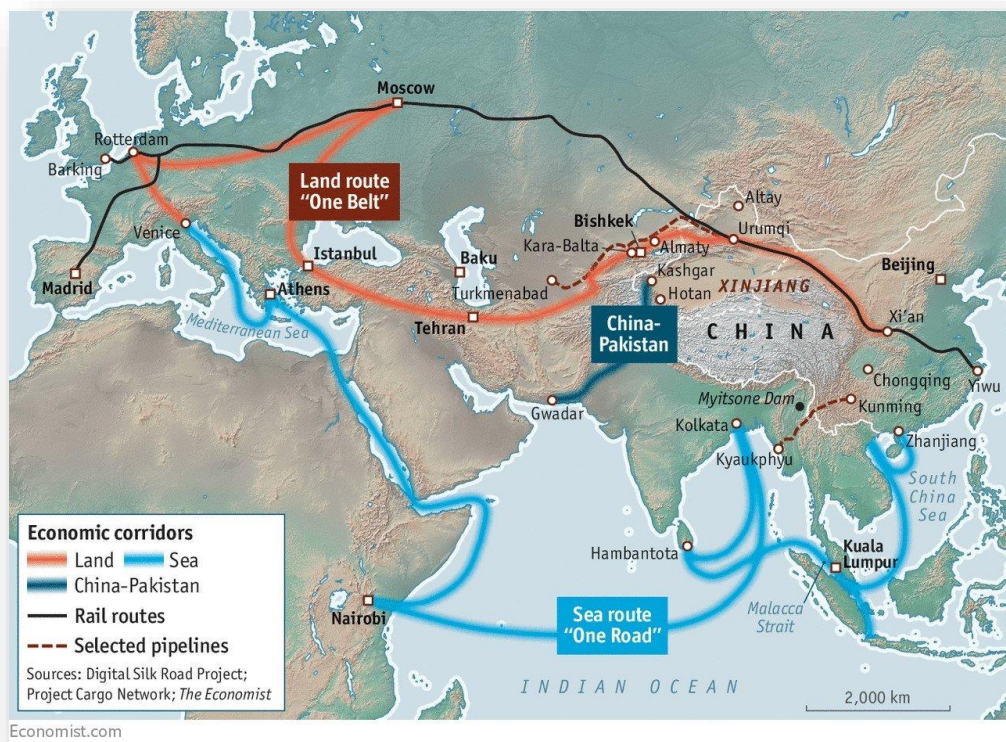
Na perspetiva política, a região Ásia-Pacífico é um sistema que está num processo de transformação de unipolar para bipolar com tendência para multipolar, sendo muito complexo e instável. Num processo de reajustamento da balança de poder regional, a China quer assumir a liderança, expurgar os EUA do sistema e impor aos restantes o seu modelo de “socialismo com características chinesas”. Os EUA querem manter o *statu quo* da ordem pós-Guerra Fria. Os atores secundários ou optam por uma estratégia de “balanceamento”, alinhando com a potência rival da potência mais ameaçadora, ou de *bandwagoning*, aliando-se à potência ameaçadora mais próxima, ou assumem uma posição propositadamente “ambígua/neutral”, por forma a tentarem ganhar o melhor por parte das duas potências.

No que se refere ao fator militar, os atores regionais sentem a incerteza da transição de poder entre os EUA e a China, e tentam garantir a sua soberania através de um reforço da



sua capacitação militar e por via do estabelecimento de parcerias/alianças. Três dos atores regionais detêm capacidade nuclear, espacial e cibernética. Quem dominar o mar domina 80% do mercado asiático. O uso da força por parte da China nos MdC situa-nos no espetro da conflitualidade.

O comércio é a alavanca do desenvolvimento da região Ásia-Pacífico, que será em breve o maior mercado do mundo, e conseqüentemente o *hotspot* para criação de riqueza. Pese embora ter-se registado algum arrefecimento no último ano, a região continua a viver um período de bom crescimento económico. A China é o *driver* do desenvolvimento e os restantes países da região reconhecem a sua dependência comercial. A segurança económica depende em muito da segurança das vias de comunicação (Figura 9). O bom desempenho da economia tem permitido um investimento relevante na sua própria defesa.



**Figura 9 – SLOC e corredores terrestres da Belt and Road Initiative**  
Fonte: The Economist (2015)



### **3. Os interesses e a estratégia da República Popular da China**

#### **3.1. Objetivos políticos**

O plano estratégico dos “dois centenários” estipula que em 2021, por ocasião do centésimo aniversário do Partido Comunista Chinês (PCC), a China deve, tendo 2010 como referência, duplicar o seu PIB e o rendimento dos cidadãos, completando a “construção de uma sociedade moderadamente próspera”. O objetivo do segundo centenário, marcado pelo centésimo aniversário da fundação da China, é, em 2049, alcançar “o grande rejuvenescimento da nação chinesa” construindo “um país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático, culturalmente avançado e harmonioso.” (RPC, 2015; Xinhua, 2015).

Desde 2002 que os líderes do PCC – incluindo o Presidente Xi Jinping –, caracterizam as duas primeiras décadas do século XXI como um “período de oportunidade estratégica”, pois entendem que as condições internacionais durante este período facilitarão o desenvolvimento interno e a expansão do “poder nacional abrangente” da China (Office of the Secretary of Defense, 2018, p. i).

Incorporando a questão militar nos objetivos políticos, expressam que o “sonho chinês” é alcançar “o grande rejuvenescimento da nação chinesa”. Que o “sonho chinês” é construir um país poderoso. Que as Forças Armadas têm o sonho de serem poderosas como parte do “sonho chinês” (RPC, 2015).

Acrescentam que, em resposta aos novos requisitos derivados dos crescentes interesses estratégicos do país, as Forças Armadas participarão ativamente em ações de cooperação aos níveis regional e internacional e protegerão eficazmente os interesses externos chineses (RPC, 2015).

Concretamente, estipulam que:

[...] as Forças Armadas chinesas desenvolverão eficazmente as suas missões no período histórico, defendendo a liderança do PCC e do sistema socialista com características chinesas, salvaguardando a soberania, a segurança e desenvolvimento dos seus interesses, aproveitando o importante período de oportunidade estratégica para o desenvolvimento da China, mantendo a paz regional e mundial, e lutando para providenciar uma garantia sólida no cumprimento da construção de uma sociedade moderadamente próspera em todos os aspetos, por forma a alcançar o grande rejuvenescimento da nação chinesa. (Figura 10) (RPC, 2015)

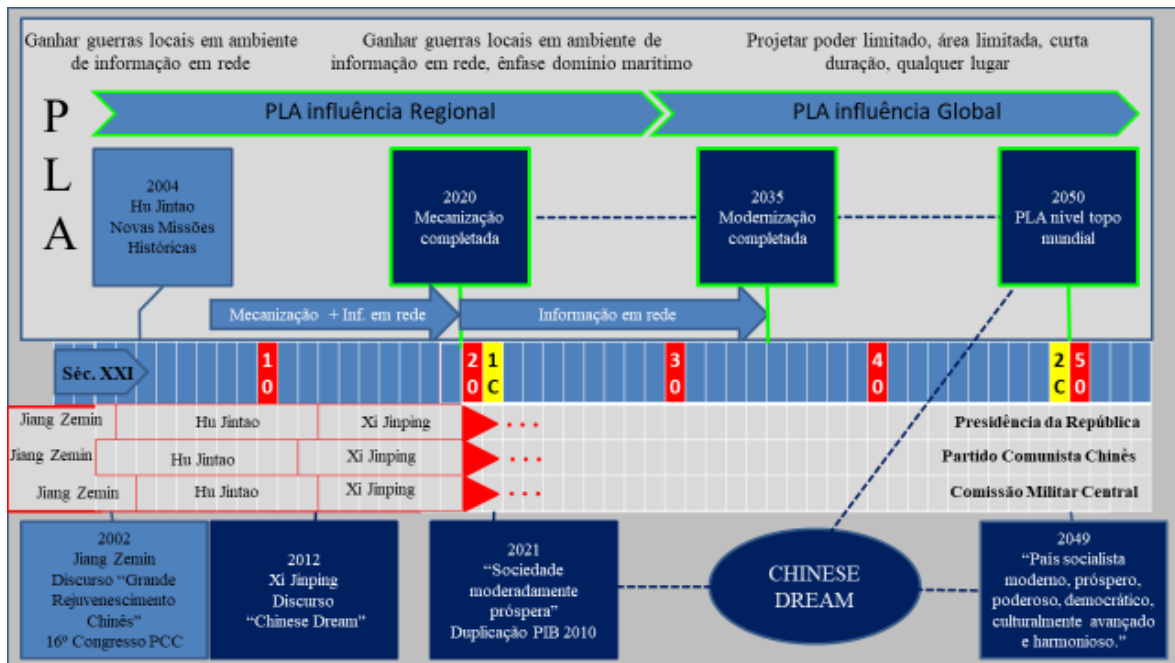


Figura 10 – Milestones do Chinese dream  
Fonte: Construído a partir de RPC (2013) e RPC (2015)

### 3.2. Riscos e ameaças

A capacidade fabril da China depende da importação de recursos, nomeadamente de petróleo, que circula essencialmente por via marítima. A atividade mercantil da China também é baseada no transporte marítimo. Ou seja, há uma forte dependência da navegação marítima, que é especialmente vulnerável nos *chokepoints* (Mahnken & Blumenthal (coords.), 2014, p. 46).

Os estrategas chineses identificam como ameaça a possibilidade de um “adversário poderoso” – leia-se EUA –, eventualmente em aliança com outro(s), projetar(em), a partir do oceano, a sua superior capacidade de combate de longa distância, ameaçando os interesses chineses (RPC, 2013, pp. 105-106).

O crescimento económico e militar da China perturba o *statu quo*. A potência hegemónica pode ser tentada a exercer uma política de contenção.

Muitas das principais cidades costeiras chinesas estão situadas dentro do alcance de sistemas de armas de longo alcance instaladas na primeira cadeia de ilhas. Na perspetiva chinesa, essa cadeia de ilhas constitui um obstáculo ao acesso ao oceano e facilita ao inimigo a montagem de um cerco<sup>15</sup> (Figura 11).

<sup>15</sup> Bloqueio naval.



**Figura 11 – O “cerco” das ilhas visto da China**  
Fonte: Adaptado de Google Earth (2019)

A China faz fronteira com 14 países e confronta com seis Estados marítimos ao longo dos seus 17.700 km de costa. Na perspetiva chinesa, a sua costa Este é a situação mais desafiante em termos de segurança; a independência de Taiwan provocaria a perda de profundidade da defesa do continente, abrindo uma porta de entrada marítima para forças externas, cortando a defesa da China em dois; por outro lado, provocaria a perda de um vasto território marítimo e de recursos valiosos a favor de outros; deixaria ainda a linha de comércio e transporte marítimo, que é fundamental para o seu desenvolvimento, exposta a terceiros; Taiwan representa a sua defesa e a sua porta de saída para o Pacífico. A situação de vantagem geoestratégica do Japão e das forças norte-americanas ali estacionadas constitui uma pressão oceânica de Leste à China. As ilhas japonesas Ryukyu constituem também um potencial entrave à ação da China (Mahnken & Blumenthal (coords.), 2014, pp. 47-57).

### 3.3. Estratégia total

A estratégia chinesa para atingir os objetivos políticos passa, em primeiro lugar, por manter a unidade de comando do PCC<sup>16</sup>. A unidade territorial constitui um segundo pilar, onde se inclui a reunificação de Taiwan, tentativamente por via político-económica, mas também de Spratly, Paracel, Pratas, Pescadores e Diaoyu/Senkaku (Cunha, *O Mar da China Meridional*, 2001, p. 246). Tendo em vista o desenvolvimento económico e o aumento do

<sup>16</sup> O Presidente Xi Jinping apertou o controlo político, regredindo na abertura havida em presidências anteriores (CFR.org, 2018).



nível de vida da população, promove um processo de urbanização que pretende aumentar a produtividade, o rendimento *per capita* e, conseqüentemente, o consumo interno. Aposta na autonomia, produção e inovação nacional com a iniciativa “Made in China 2025” (RPC, 2019). Na vertente de comércio externo, é sua intenção criar entrepostos e dispersar pelo mundo os seus cidadãos, que servirão de rede de distribuição dos seus produtos e serviços através da Belt and Road Initiative (BRI) (RPC, 2017). Tenta ganhar protagonismo através das organizações regionais e internacionais. Não se intromete em questões internas de outros países. Relativamente a recursos naturais vivos e não-vivos, exerce uma política de apropriação. Diversifica tanto quanto possível as fontes e cria rotas alternativas de abastecimento.

### 3.4. Estratégia militar

A estratégia militar chinesa<sup>17</sup> encontra-se refletida em três documentos fundamentais: *The Science of Military Strategy 2013* (Academy Military Strategy, 2013; Fravel, 2016; Qiu, 2015), *White Paper – The Diversified Employment of China’s Armed Forces 2013* (RPC, 2013) e *White Paper – China’s Military Strategy 2015* (RPC, 2015).

Em termos conceptuais, a estratégia militar chinesa<sup>18</sup> (Quadro 10, Apêndice E) está enunciada nos seguintes moldes:

A China seguirá de forma inabalável o caminho do desenvolvimento pacífico, perseguirá uma política externa independente, de paz, e uma política de defesa nacional de natureza defensiva, opondo-se a hegemonismos e políticas de poder em todas as suas formas, e nunca procurará hegemonia ou expansão. No ponto de partida deste marco histórico, as Forças Armadas chinesas adaptar-se-ão às novas mudanças no ambiente de segurança nacional, seguirão firmemente o objetivo do PCC de construir umas Forças Armadas fortes para a nova situação, implementando a orientação estratégica militar de defesa ativa na nova situação, acelerarão a modernização da defesa nacional e das Forças Armadas, defenderão a soberania da China bem como a segurança e interesses em desenvolvimento, e providenciarão uma forte garantia que atingem o objetivo estratégico nacional

---

<sup>17</sup> Disponível em fonte aberta.

<sup>18</sup> A estratégia militar chinesa alterou nove vezes desde 1949. As alterações de 1956, 1980 e 1993 foram substantivas.



dos “dois centenários” da realização do “sonho chinês” com o grande rejuvenescimento da nação chinesa. (RPC, 2015)

Os analistas ocidentais afirmam que a Marinha Chinesa (PLAN) está no seu terceiro estágio de evolução, conforme previsto no plano desenvolvido pelos líderes chineses; um estágio em que ao conceito de “defesa nos mares próximos” se junta, como camada externa, o conceito de “proteção nos mares longínquos”. Como refere a publicação *Defense White Paper 2015* (RPC, 2015), “The PLAN will continue to organize and perform regular combat readiness patrols and maintain a military presence in relevant sea areas”, ao mesmo tempo que continuará a aumentar a sua capacidade de projeção de força como uma marinha de *blue waters* (McReynolds, 2017).

À PLAN são atribuídas oito “missões estratégicas” (RPC, 2013):

- Participar em operações de larga-escala no principal eixo estratégico de operações;
- Conter e resistir a invasões por via marítima;
- Proteger a soberania das ilhas, os direitos marítimos e recursos existentes;
- Garantir a segurança do transporte marítimo;
- Proteger os interesses externos e os direitos e interesses dos cidadãos chineses;
- Exercer dissuasão nuclear e contra-ataque;
- Coordenar e apoiar com as forças terrestres o combate em terra
- Proteger a segurança dos espaços marítimos internacionais.

Segundo aquela doutrina, com o propósito de cumprir essas missões, a PLAN deve:

- Robustecer os sistemas de informação marítima (C4ISR), por forma a ganhar “guerras locais em ambiente de informação em rede”<sup>19</sup>;
- Acelerar o desenvolvimento dos armamentos navais de próxima geração, no sentido de ter capacidade de ataque tridimensional, nomeadamente através de forças navais com porta-aviões;
- Reforçar o desenvolvimento de forças estratégicas nucleares, concretamente com submarinos;

---

<sup>19</sup> *Informationized* ou *network centric*.



- Ajustar o dispositivo e a projeção de forças navais por forma a conectar as três áreas marítimas/camadas estratégicas: águas costeiras (*brown waters*), águas dos MdC (*green waters*) – através do apoio das instalações nas ilhas Paracel e Spratly – e alto-mar (*blue waters*) – através do apoio de bases<sup>20</sup> como a do Djibouti;
- Otimizar a PLAN conferindo-lhe uma estrutura orientada para a missão.

Os estrategas da Academia das Ciências Militares referem ainda a importância da PLAN dar relevo à(s):

- Profundidade nas operações marítimas, não se confinando aos MdC;
- Operações ofensivas, essenciais para ganhar a iniciativa e lutar pela vitória nas futuras guerras locais, num conceito “enriquecido” de defesa ativa;
- Operações conjuntas<sup>21</sup>, incluindo a Guarda Costeira e as milícias marítimas;
- Guerra assimétrica, distinguindo as técnicas e os diferentes alvos em função da geografia e das capacidades (RPC, 2013).

O ritmo de crescimento da esquadra chinesa é muito expressivo, quer em quantidade quer em qualidade, mas terá tendência para abrandar face ao arrefecimento da economia, ao envelhecimento da população<sup>22</sup> e ao facto de dentro de poucos anos as necessidades de manutenção ocuparem espaço e recursos hoje apenas dedicados à construção. O desafio será manter o ritmo de forma sustentada no tempo ao nível dos *gold standards*. Em termos tecnológicos, terão ainda de desenvolver muitas das suas capacidades, nomeadamente as de propulsão nuclear, defesa aérea, *land strike*, guerra antissubmarina (ASW), acústica submarina e *intelligence, surveillance and reconnaissance* (ISR). A questão da projeção de um grupo de porta-aviões chinês é uma questão de prestígio, sendo um conjunto muito complexo de articular eficazmente, em termos quer ofensivos quer defensivos, e que ainda levará alguns anos a atingir. O desenvolvimento de um esquema coerente de formação e treino das técnicas, táticas e procedimentos das diversas áreas da guerra será crucial para operarem eficazmente como um todo. Nesta competição, se as tendências se mantivessem inalteradas, a PLAN poderia atingir o nível da USN em 2030 (ChinaPower, 2018).

---

<sup>20</sup> Os portos/bases controladas pela China fora das suas águas formam o denominado “colar de pérolas”.

<sup>21</sup> A estrutura do PLA está a ser adaptada ao conceito *conjunto*.

<sup>22</sup> O envelhecimento da população conduz à diminuição de mão-de-obra disponível.



A estratégia militar da China para o Pacífico consiste em:

- Implementar um dispositivo naval que garanta a segurança das *sea lines of communication* (SLOC), consideradas a “linha de vida” do desenvolvimento<sup>23</sup> social e económico da China (Figura 12);
- Criar uma camada de defesa em profundidade, dificultando a aproximação de potenciais agressores à China (Figura 13);
- Capacitar o PLA para defender os seus interesses e os dos seus cidadãos espalhados pelo mundo.

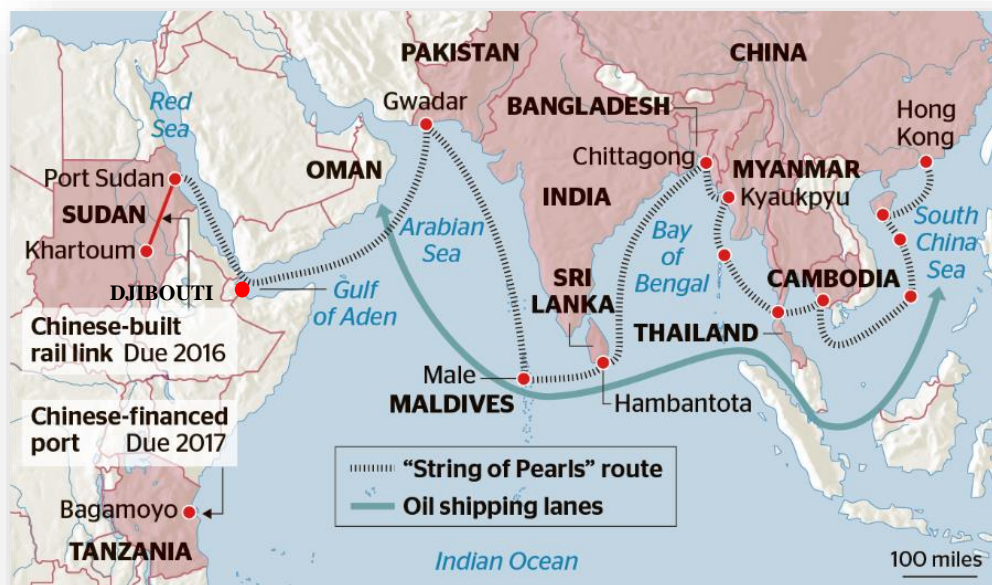


Figura 12 – Estratégia chinesa do “String of Pearls”

Fonte: Adaptado de Voice of Djibouti (2015)

O reforço da posição chinesa no MSC surgiu como uma prioridade recente para o PLA, tendo os seguintes objetivos:

- Reforçar a posse das extensões territoriais reclamadas;
- Constituir uma proteção para os submarinos nucleares de ataque (SSBN);
- Servir de base avançada para efeitos de C4ISR do MSC;
- Servir de ponto de defesa na arquitetura A2/AD do MSC;
- Servir de base logística para os navios e meios aéreos em patrulha no MSC;

<sup>23</sup> As SLOC assumem uma importância vital na circulação de mercadorias em termos quer de importações quer de exportações.



- Servir de trampolim para a projeção de meios para as águas do oceano Pacífico e oceano Índico;
- Permitir a saída da esquadra para as águas entre a primeira e a segunda cadeia de ilhas, por forma a impedir a entrada do adversário;
- Evitar que o adversário utilize as ilhas como barreira de contenção contra si.

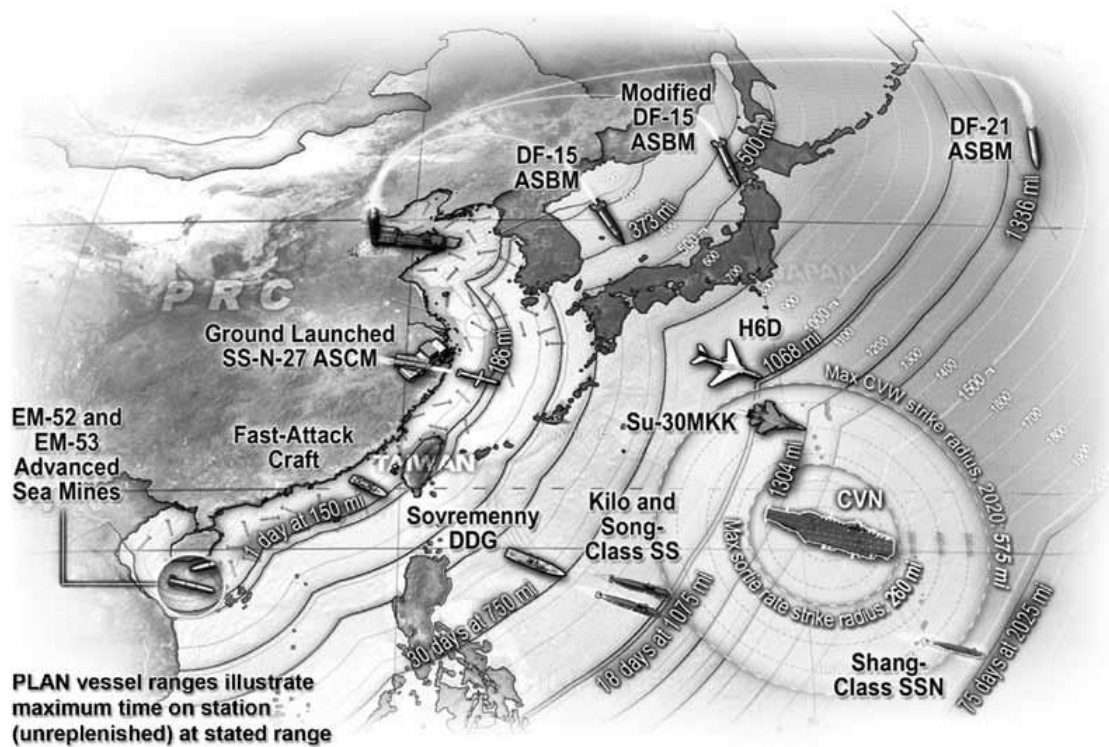


Figura 13 – Sistema A2/AD no mar da China Oriental  
Fonte: Krepinevich (2010)

### 3.5. Síntese conclusiva

A China quer-se assumir a curto-médio prazo como a potência regional da Ásia-Pacífico (2021), e uma potência global a médio-longo prazo (2049).

O objetivo político do plano “dos dois centenários” é, até 2049, alcançar o grande rejuvenescimento do povo chinês – *chinese dream* – construindo “um país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático, culturalmente avançado e harmonioso”. A estratégia é manter inquestionável a unidade de comando do PCC e assegurar a unidade territorial, alavancando o desenvolvimento económico nas iniciativas Made in China 2025, que favorece a autonomia, produção e inovação nacional e Belt and Road Initiative, que projeta os interesses da China para o resto do mundo.



A estratégia militar chinesa é caracterizada, em termos estruturais, por ter adotado uma organização permanente para a ação e, em termos operacionais, por ter introduzido uma forte componente marítima com carácter expedicionário de projeção de força, adicionada ao conceito de “defesa ativa” do eixo Nordeste-Sudoeste paralelo à sua costa (“direção primária”) e a uma intensificação do treino para níveis de ambição realistas; em termos genéticos, por estar num processo de reformulação quantitativa e qualitativa dos meios e capacidades (Quadro 5), inclusive em domínios como o nuclear, a *ciber* e o espaço. A transformação em curso, verdadeira *revolution in military affairs*, tem a ambição de as Forças Armadas chinesas se tornarem das mais evoluídas em 2050, preparadas para ganhar guerras locais em ambiente de informação em rede (*informationized*), acompanhando e apoiando o *chinese dream*.

As estratégias marítima e aérea da China para o Pacífico são caracterizadas *de facto* pela ocupação e militarização de espaços contestados, implementando em termos defensivos uma arquitetura A2/AD em profundidade nas suas *green waters*, e pelo desenvolvimento de uma capacidade expedicionária de projeção de força para as *blue waters*; incluem a construção de bases no estrangeiro, para contribuir para a defesa em profundidade e para proteger as SLOC e os interesses chineses no estrangeiro, e também uma capacidade de *deterrence* estratégico através dos vetores submarino, aéreo e terrestre.

Quadro 5 – Apreciação das Forças Armadas chinesas por elementos de capacidade

D	O	T	M	L	P	F	Inf	Int
<b>Legenda:</b>								
	Excelente	D – Doutrina			O – Organização			
	Bom	T – Treino			M – Meios			
	Satisfatório	L – Liderança			P – Pessoal			
	Com deficiências	F – Infraestruturas			Inf – Informação			
	Abaixo do padrão	Int – Interoperabilidade						
- A inclinação da seta indica a tendência de evolução								

Fonte: Adaptado de DIA (2019), PRC (2013), PRC (2015) e Rodrigues & Santos (2018)



#### 4. Os interesses e a estratégia dos principais atores na região

##### 4.1. Estados Unidos da América

###### 4.1.1. Objetivos políticos

A visão política dos EUA para o Indo-Pacífico é inclusiva e pretende:

[...] reforçar ou estabelecer novas alianças e parcerias na região com aqueles que compartilhem o respeito pela soberania, pelo comércio justo e recíproco e pelo direito; garantir a liberdade dos mares e a resolução pacífica das disputas marítimas e terrestres de acordo com a direito internacional; a desnuclearização da península da Coreia, e a não-proliferação no Nordeste Asiático. (The White House, 2017, pp. 46-47)

O objetivo de maior alcance da estratégia da defesa americana é estabelecer um relacionamento militar com a China num caminho de transparência e não-agressão (Departamento de Defesa dos EUA [DoD], 2018, p. 2).

###### 4.1.2. Riscos e ameaças

A principal ameaça ao sistema de alianças dos EUA é o potencial de conflito direto entre os Estados asiáticos. A segunda é a negação do acesso aos *global commons*<sup>24</sup> (Mahnken & Blumenthal (coords.), 2014, p. 80).

Uma outra ameaça à estabilidade é a possibilidade de Taiwan ser tomada pela força pela China<sup>25</sup> (Office of the Secretary of Defense, 2018).

A China utiliza a BRI para angariar Estados-“clientes” e ganhar o correspondente alinhamento, havendo o risco de os EUA perderem influência entre estes.

A China e a Rússia estão alinhados, podendo vir a dominar a Eurásia; ambos estão a ganhar vantagem competitiva e a explorar as vulnerabilidades dos EUA. Podem afetar as relações diplomáticas, económicas e militares entre os EUA e seus aliados e parceiros; são confrontacionais e querem redefinir as normas do sistema internacional. Esta competição estende-se ao domínio marítimo e aos domínios do espaço e *ciber* (Brown, 2018; CNO, 2018).

---

<sup>24</sup> Vide definição de *global commons* no Apêndice A.

<sup>25</sup> O *Taiwan National's Defense Report 2017* releva o aumento da atividade do PLA nas imediações de Taiwan (TMoD, 2018, p. 36).



#### 4.1.3. Estratégia militar

Para atingir os objetivos políticos, o DoD está a reformular as suas estratégias genética, estrutural e operacional, por forma a garantir que retém a capacidade para defender o seu território, dissuadir a agressão, proteger os seus aliados e preservar a paz regional, a prosperidade e a liberdade (Office of the Secretary of Defense, 2018, p. iii).

Em termos de estratégia genética, os EUA preparam-se para um período de competição prolongado, em que a sustentação e a diferenciação tecnológica serão fatores críticos. Os seus programas de reequipamento são a reativação de uma esquadra (Second Fleet) e a contratação prioritária de meios de superfície e apoio logístico, veículos submarinos não tripulados (UUV), veículos aéreos não tripulados (UAV), aviação naval e armamento de nova geração (*hypersonic* e *laser*) (Quadro 6 e Apêndice I). O esforço em I&D nas novas tecnologias é direcionado para: computação avançada, tratamento analítico da *big data*, inteligência artificial, autonomia, robótica, energia direta, *hypersonics* e biotecnologia (CNO, 2018, p. 8; DoD, 2018, p. 3).

**Quadro 6 – Análise das prioridades da estratégia genética dos EUA**

Meios prioritários	Utilização	Observações	Análise
Submarino balístico nuclear (SSBN)	<i>Deterrence</i>	Capacidade nuclear	Preocupação EUA em: recuperar capacidade nuclear; ganhar capacidade e autonomia de projeção de força; reforçar e modernizar capacidade <i>strike</i> aéreo; nos meios navais de superfície infere-se preocupação de escolta multi-domínio de porta-aviões, em deter capacidade de penetração em áreas A2/AD e reforçar capacidade antimíssil balístico.
<i>Future frigate</i>	Escolta multifunções	Meios fundamentais para escolta de porta-aviões e intervenção robusta	
<i>Large surface combatant</i>	Escolta multifunções/AAW e AEGIS BMD		
<i>Large surface unmanned vehicle</i>	<i>Picket</i>	Entrada em zonas de ameaça como A2/AD	
<i>Auxiliary</i>	Reabastecedor para sustentação/projeção	Navios de apoio logístico para projeção de força	
F-35	Multifunções	Capacidade nuclear	
KC-46	Reabastecedor aéreo	Meios fundamentais para aumentar autonomia caças e permitir <i>standoff</i> dos porta-aviões	
B-21	Bombardeiro <i>stealth</i> capacidade nuclear de longo alcance	Bombardeiro capaz de efetuar melhor penetração em áreas defesa inimigas.	
SLBM D5	Míssil nuclear de lançamento submarino	Trident II	
B-52H	Bombardeiro estratégico pesado de longo alcance	Capacidade nuclear	
B-2A	Bombardeiro <i>stealth</i> com capacidade nuclear de longo alcance	Bombardeiro capaz de efetuar melhor penetração em áreas defesa inimigas	

Fonte: Adaptado de IISS (2018) e Congress of the United States of America (2018)



Em termos de estratégia estrutural, alteram a estrutura de comando introduzindo dois *forward command afloat* integrados nas Second e Third Fleets. Preveem a criação de uma força conjunta<sup>26</sup>, que integra forças americanas e de aliados/parceiros.

Em termos de estratégia operacional, esforçam-se por manter um balanço de poder favorável na região do Indo-Pacífico e também por ganhar agilidade em termos conceptuais<sup>27</sup>, geográficos e tecnológicos na força conjunta, assegurando a prontidão para a ação em todo o espectro da competição ou conflito. Objetivamente, pretendem que os *commons* se mantenham abertos e livres, evitando assim que a Rússia e a China controlem o *Rimland* da Eurásia e dos seus mares adjacentes (Brzezinski, 2012; DoD, 2018, pp. 2-4).

4.1.4. A estratégia dos EUA para o oceano Pacífico consiste em:

- Reforçar a presença de meios militares;
- Reforçar parcerias com aliados e parceiros;
- Aplicar todos os instrumentos de poder de forma coordenada.
- Proteger as SLOC entre os EUA e os seus aliados e parceiros (CNO, 2018, pp. 5-6).

4.1.5. A estratégia dos EUA para os mares da China consiste em:

- Para além dos pontos anteriores, manter a liberdade de acesso aos *global commons*;
- Exercer os direitos consagrados pelo direito internacional.

## 4.2. Outros atores

No Apêndice B caracteriza-se o potencial estratégico e a tendência de alinhamento dos atores regionais secundários. Da análise das matrizes de alinhamentos e perceções (Apêndice B), em conjugação com a informação recolhida nas entrevistas (Apêndice L), releva-se o seguinte:

– Independentemente da vontade, nenhum dos atores regionais tem relevância militar/potencial estratégico suficiente para bloquear *per se* a ação da China.

– Embora as capacidades militares dos Estados secundários não sejam despidiendas, tendo presente que a primeira linha de ilhas funciona como barreira ou trampolim para a estratégia da China ou dos EUA (Erikson & Wuthnow, 2016), o fator que mais releva é a geografia (*vide* coluna “Geostrat” no Quadro 7 do Apêndice B). Nesse aspeto, sobressai a

---

<sup>26</sup> Força conjunta - Força composta por unidades de dois ou mais ramos, operando sob um único comandante.

<sup>27</sup> O novo conceito em desenvolvimento denomina-se *Distributed Maritime Operations*.



importância de Taiwan e das Filipinas – que os chineses tentam captar –, mas também de Indonésia, Malásia, Singapura e Vietname (Rees, 2019; Zhang, 2019).

Conforme referido, os Estados secundários podem adotar três posturas em termos de alinhamento: balanceada, *bandwagon* ou neutralidade. A análise dos apêndices B e L aponta que: Coreia do Sul, Japão, Singapura, Taiwan e Vietname optam por uma postura balanceada a favor dos EUA. Com uma postura de *bandwagon* a favor da China (que não tem aliados) identifica-se o Camboja e a Coreia do Norte. Os neutrais/ambíguos são: Indonésia e Filipinas<sup>28</sup>, Malásia e Tailândia<sup>30</sup>, que podem ou não vir a apoiar qualquer deles. A Coreia do Norte será abordada no subcapítulo seguinte.

É de realçar que todos estes países são muito sensíveis, por um lado, ao *soft power* chinês e, por outro, às questões das disputas marítimas (Pew, 2014). Assim, os alinhamentos não são rígidos nem coerentes, podendo alterar-se no tempo consoante os interesses e as pressões (Rees, 2019; Stratfor, 2019).

#### **4.3. Wild cards**

Conforme referiram Carriço e Tomé (entrevistas presenciais, 26 de dezembro de 2018 e 30 de janeiro de 2019, respetivamente), “uma eventual declaração unilateral de independência de Taiwan provocará uma reação muito forte de Pequim, que, face à importância explícita do objetivo, poderá usar a força para consumir a reunificação, situação que conduziria a um conflito com os EUA”. Carriço, na mesma oportunidade (*op. cit.*), referiu ainda mais quatro *wild cards*: “Um incidente entre aeronaves ou navios dos EUA e China nos MdC em que os mecanismos de contacto direto sejam deficientes podem gerar uma espiral de conflito difícil de controlar. O mesmo poderá suceder num incidente entre aviões e navios do Japão e da China em torno das Senkaku”; no caso de a “Coreia da Norte retomar o programa nuclear e testar com sucesso um míssil intercontinental tipo MIRV” ou uma “retoma da escalada entre as duas Coreias”.

#### **4.4. Organizações multinacionais**

Da recolha de informação conclui-se que a ASEAN é uma organização importante para os Estados mais fracos se unirem e ganhar algum poder negocial com os mais fortes, nomeadamente com a China<sup>29</sup>. Apesar dos esforços expressos no seu *ASEAN Political-Security Community Blueprint 2025* (ASEAN, 2016), em termos securitários a ASEAN

---

<sup>28</sup> Apesar de aliados dos EUA, a ambiguidade é refletida na expressão *remain*: “[...] *the Philippines and Thailand remain important allies*” (The White House, 2017, p. 46).

<sup>29</sup> Que insiste na negociação bilateral.



ainda não introduziu alterações tangíveis para além da implementação de um “código de conduta no MsC” (Ali, 2017, pp.55-67; Senore, 2018, pp.39-41).

A Shanghai Cooperation Organization está vocacionada para a segurança da Ásia Central, não havendo nada de relevante a referir no âmbito deste TII.

A identificação de outras organizações multilaterais regionais encontra-se no Apêndice C.

#### **4.5. Síntese conclusiva**

O objetivo da estratégia militar dos EUA é garantir a sua presença militar na Ásia-Pacífico, a fim de evitar que a China (e a Rússia) controlem o *Rimland*. Consequentemente, reforçarão substancialmente o seu dispositivo militar na área com meios tecnologicamente avançados, conferindo à força conjunta projetada a agilidade para responder aos desafios, nomeadamente o livre acesso por via dos *commons*<sup>30</sup> para defender os seus interesses e aliados. Simultaneamente, tentarão pela via diplomática e económica cativar e reforçar alianças entre os países da região.

Identificam-se três grupos de países do Sudeste Asiático: os que tendem a apoiar a China – Camboja e Coreia do Norte – para a constituição de uma nova ordem regional; os que preferem a segurança do *statu quo* que a América garante – Coreia do Sul, Japão, Singapura, Taiwan e Vietname –; e os que têm um alinhamento neutral/ambíguo: Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia. Estes alinhamentos não são coerentes nos diversos domínios<sup>31</sup> e são voláteis no tempo. Em termos militares, o eventual contributo destes Estados poderá passar pela participação com as suas forças, prestação de apoio logístico ou o reforço de C4ISR, conferindo maior profundidade estratégica a um dos competidores.

As organizações internacionais têm-se constituído como plataformas para o estabelecimento de relações político-económicas; no domínio securitário, para além dos contactos político-militares, os resultados práticos são muito escassos.

---

<sup>30</sup> Para forçar esse objetivo lançaram a iniciativa *Free and Open Indo Pacific* (FOIP) (Harris, 2018)

<sup>31</sup> O alinhamento militar não vincula os alinhamentos comercial ou cultural, podendo haver opções opostas.



## 5. Tendências de evolução

As dinâmicas futuras na região da Ásia-Pacífico serão determinadas por um conjunto de cinco fatores (Rodrigues & Santos, 2018; USAWC, 2015. pp. 356-357):

- Alterações de relação de poder entre países asiáticos;
- Aumento do impacto da globalização económica e trocas de informação ao nível internacional;
- Gestão das tensões na península Coreana e no Sudoeste Asiático, e eficácia da luta contra o terrorismo e a proliferação de armas de destruição maciça;
- Crescimento do multilateralismo asiático;
- Nível de envolvimento dos EUA nos assuntos asiáticos.

As prospetivas dos analistas dos principais *think tanks*<sup>32</sup> são corroboradas pelo resultado das entrevistas (*vide* Apêndice L), pelas perspetivas apresentadas em aula e pela análise das estratégias genéticas, estruturais e operacionais da China e dos EUA:

- A China continuará a crescer e a expandir-se. Manterá a postura assertiva, continuando a implantar-se militarmente nos espaços já ocupados e, eventualmente, se considerar necessário e oportuno, ocupará novos espaços contestados nos MdC, enquanto através dos instrumentos económico e diplomático influenciará os Estados do MSC, nomeadamente os “neutrais/ambíguos”;
- A evolução do PLA dependerá da liderança do Presidente Xi Jinping, das consequências das ações da China nos MdC e das perturbações da ordem internacional aos níveis regional e global (USAWC, 2015, p. 10), pelo que se admite a continuidade dos seus programas de acordo com os *milestones* determinados pelo Presidente: “[...] by the year 2020, mechanization will be basically achieved, and the modernization of national defense and the armed forces should be basically completed by 2035” e “[...] fully transformed into a first tier force by 2050” (Gang, 2017);
- Serão as alianças/parcerias que a China ou os EUA conseguirem captar entre os Estados dos MdC que ditarão o quanto cada um conseguirá penetrar na estratégia do outro. A complexidade está no facto de os alinhamentos serem voláteis e

---

<sup>32</sup> Como (Stratfor, 2018), Geopolitical Futures e (O'Rourke, 2018)



poderem não ser coerentes nos vários domínios (Heginbotham, 2015, pp. 350-352);

- Pela parte dos EUA, a reação da administração Trump é clara ao declarar formalmente a competição com a China, decidindo o (re)investimento nos programas militares, incluindo a componente nuclear<sup>33</sup>, bem como na reconfiguração das forças e conceitos, especificamente talhados para a área do Pacífico: “The Joint Force is forward-stationed throughout the Indo-Pacific region to deter conflict or to defeat adversaries should deterrence fail” (Harris, Statement of admiral Harry B. Harris JR., 2018). Tentarão captar alinhamentos dos países dos MSC, essenciais do ponto de vista militar para penetrar na área A2/AD chinesa e implementar a contra-estratégia Distributed Force<sup>34</sup>. De referir ainda as *reassurance measures* junto dos seus aliados, incluindo a mensagem de *deterrence* alargada perante a China (Heginbotham, 2015, pp. viii, 350-352);
- A China e os EUA vão entrar num *balancing*<sup>35</sup> evitando um conflito direto, disputando alinhamentos, fragmentando bipolarmente os Estados dos MdC, utilizando todos os meios disponíveis para se vigiarem mutuamente num esquema de segurança competitiva (Carriço, 2013);
- A China poderá criar uma *air defense identification zone* (ADIZ) no MSC. Os americanos prosseguirão com as suas operações FONOP e explorarão as fragilidades chinesas. As SLOC serão permanentemente vigiadas em todos os domínios. Utilizar-se-ão todas as tecnologias disponíveis para ganhar vantagem informacional, fazendo uso do segmento espacial e do espectro eletromagnético, utilizando veículos não tripulados (inclusivamente armados), inteligência artificial, realidade aumentada, *quantum computing*, 5G, nanomateriais, etc. Os meios serão equipados com o armamento mais sofisticado e a utilização do elemento nuclear não será descartada (Carriço, 2013; Coats, 2018, pp. 12-13, 18; DoD, 2018, pp. 11, 31-32);
- A sustentação logística e a rotação das forças serão asseguradas enquanto a desconfiança perdurar, as economias aguentarem ou outros cenários não forem prioritários;

---

<sup>33</sup> Vide *Nuclear Posture Review 2018*.

<sup>34</sup> Conceito que prevê a pulverização geográfica de forças, bem armadas e conectadas em rede.

<sup>35</sup> *Balancing* positivo e *balancing* negativo, militar e não militar.



- A Coreia do Norte entra num processo de negociação para alívio das sanções depois de conseguir atingir o seu *end state* relativamente ao programa nuclear, sem nunca abdicar dele;
- A ASEAN tentará encontrar soluções, mas a regra do consenso é bloqueadora.

Tendo presente a volatilidade dos posicionamentos dos atores políticos dentro do complexo sistema regional, identificam-se os alinhamentos atuais dos Estados ribeirinhos dos MdC, distribuídos por três grupos:

- Postura *bandwagon* (pró-China): Camboja e Coreia do Norte;
- Postura balanceada (pró-EUA): Coreia do Sul, Japão, Singapura, Taiwan e Vietname;
- Postura ambígua/neutral: Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia.

Relativamente às organizações internacionais, têm-se constituído como um palco do multilateralismo, contribuindo para o estabelecimento de conversações entre os países, mas sem grandes resultados práticos no que se refere à segurança e defesa.

Em resumo, fruto do aumento expectável da presença militar americana na região da Ásia-Pacífico, do aumento do potencial estratégico da China e da corrida ao armamento por parte dos restantes Estados da região, a prospetiva para os próximos 30 anos é dar-se uma acesa competição entre os EUA e a China pela primazia na região Ásia-Pacífico (Figura 14), prevendo-se uma elevada concentração de meios militares em todos os domínios, movendo-se num ambiente de elevadas incerteza e volatilidade entre atores secundários incoerentes nos seus alinhamentos.

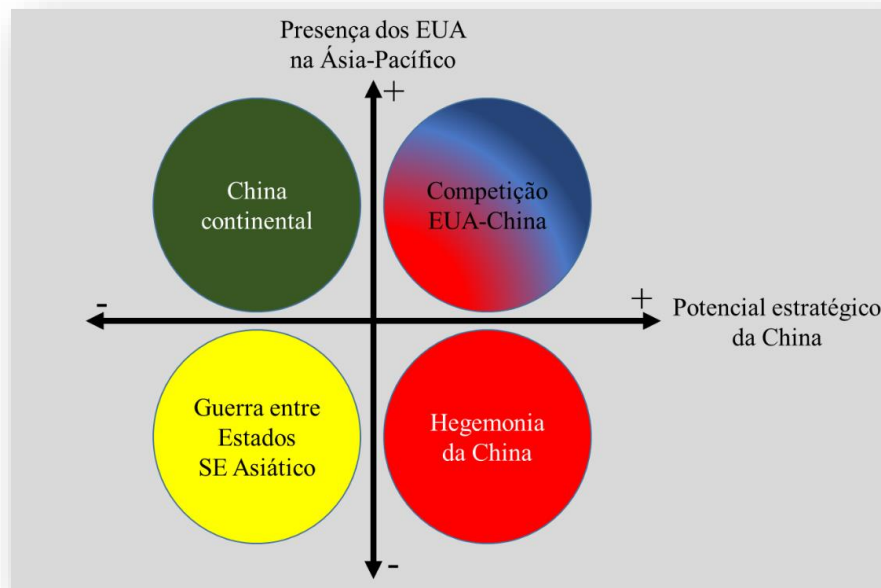


Figura 14 – Cenários evolutivos da região Ásia-Pacífico  
Fonte: Adaptado de Ribeiro (2019)

### 5.1. Consequências para a estabilidade internacional

Enquanto os objetivos da China não forem claros, o seu *modus operandis* aceitável e o seu nível de ambição contido dentro do direito internacional, haverá desconfianças e tensão entre todos os atores (Cordesman & Kendall, 2017, pp. 31-32). Os países da região Ásia-Pacífico viverão apartados em função dos seus alinhamentos e sofrerão as repercussões das escolhas. A perceção de insegurança transbordará a região<sup>36</sup>, enquanto não se reencontrar o equilíbrio. Manter-se-á uma tensão elevada em redor dos espaços marítimos disputados nos MdC e os chineses vigiarão apertadamente todas as zonas contestadas, impedindo qualquer tentativa de ocupação por parte de terceiros.

A China tentará prejudicar o desenvolvimento da política externa dos EUA através de uma não-cooperação estratégica. E evitará a participação dos EUA nas plataformas multilaterais asiáticas<sup>37</sup>. Por seu lado, os EUA transferirão tecnologia, venderão armamento aos seus aliados asiáticos e embargarão a venda de tecnologia dual à China. Tentarão prejudicar a China nas disputas da Organização Mundial do Comércio e incentivarão o prosseguimento de iniciativas que rivalizem com a BRI. Blindarão o acesso aos seus processos de I&D mais sensíveis (Carrigo, 2013).

<sup>36</sup> Nomeadamente para o oceano Índico.

<sup>37</sup> e.g. ASEAN+3, ASEAN+6, *Six Party Talks*, *East Asia Community*, entre outros.



## Conclusões

O presente trabalho de investigação pretende prospetivar as incidências para a segurança e defesa, ao nível internacional, decorrentes da ação da China nos mares da China e no oceano Pacífico Ocidental num horizonte temporal de 30 anos.

Através de um raciocínio dedutivo, procurou-se caracterizar o complexo regional de segurança através dos fatores político, militar e económico, por forma a definir o quadro inicial de referência. Seguidamente, através da análise das estratégias enunciadas e dos dados recolhidos junto de peritos e em publicações relevantes relativamente aos diversos atores, realizou-se um raciocínio indutivo para prospetivar as incidências ao nível da segurança e defesa.

O documento foi estruturado em cinco capítulos. Após a introdução e o enquadramento do tema, o Capítulo 1 apresenta a base conceptual e faz a descrição da metodologia utilizada. Cada um dos três capítulos seguintes corresponde a um dos objetivos específicos, procurando responder às respetivas questões derivadas, para que no quinto capítulo, antes das conclusões, se conseguisse responder à questão central: “Qual a evolução geoestratégica esperada nos MdC e no OP nos próximos 30 anos e suas repercussões na estabilidade internacional, nomeadamente no âmbito da segurança e defesa, considerando a conjugação das ações prováveis levadas a cabo pela China com as dos principais atores com interesses na região?”.

A questão derivada – “Qual a situação atual nos MdC e no OP nos domínios político, militar e económico?” –, a que se pretendia responder no Capítulo 2, teve como resposta: a região da Ásia-Pacífico é um sistema que está num processo de transformação de unipolar para bipolar com tendência para multipolar heterogéneo, muito complexo, e consequentemente muito instável, onde se assiste a uma competição estratégica entre os EUA – ainda potência hegemónica – e a China – em rápida ascensão. A China quer assumir a liderança regional, e os EUA querem manter o *statu quo* da ordem pós-Guerra Fria. Os atores regionais secundários vão-se alinhando estrategicamente ou mantendo a neutralidade, de acordo com as suas conveniências, tentando preservar a soberania e a liberdade de ação, através de um reforço da sua capacitação militar e por via do estabelecimento de alianças ou parcerias.

O Capítulo 3 pretendia responder à questão “Quais os principais elementos caracterizadores da “grande estratégia”, a estratégia militar e a estratégia marítima e aérea da China para a área dos MdC e do OP?”:



A China quer-se assumir a curto-médio prazo como a potência regional da Ásia-Pacífico (2021), e uma potência global a médio-longo prazo (2049).

A grande estratégia chinesa, denominada dos “dois centenários”, é caracterizada por ter o objetivo de, até 2049, alcançar o grande rejuvenescimento do povo chinês (*chinese dream*), que corresponde à “transformação da China num país socialista moderno, próspero, poderoso, democrático, culturalmente avançado e harmonioso”. A unidade de comando do PCC e a unidade territorial são considerados inquestionáveis e críticos para o sucesso. Concomitantemente, a reunificação de Taiwan faz parte da estratégia. O desenvolvimento económico é alavancado nas iniciativas “Made in China 2025”, que favorece a autonomia, produção e inovação nacional e “Belt and Road Initiative” que projeta os interesses da China para o resto do mundo.

A estratégia militar chinesa é caracterizada, em termos estruturais, por ter adotado uma organização permanente para a ação; em termos operacionais, por ter introduzido uma forte componente marítima com carácter expedicionário de projeção de força, adicionada ao conceito de “defesa ativa”; em termos genéticos, por estar num processo de reformulação quantitativa e qualitativa dos meios, inclusive em domínios como o nuclear, a *ciber* e o espaço. A transformação em curso, verdadeira *revolution in military affairs*, estabelece como nível de ambição as Forças Armadas chinesas serem das mais evoluídas em 2050, preparadas para, além de ganhar guerras locais em ambiente de informação em rede (*informationized*), projetarem poder, em qualquer lugar do mundo, por forma a acompanhar e apoiar o *chinese dream*.

A estratégia marítima e aérea da China para o Pacífico é caracterizada, nos mares da China, pela ocupação e militarização de espaços contestados, implementando em termos defensivos uma arquitetura A2/AD em profundidade; e pelo desenvolvimento de uma capacidade expedicionária de projeção de força para as *blue waters*, incluindo a construção de bases em países terceiros, para contribuir para a defesa em profundidade e defesa das SLOC e dos interesses chineses no mundo; contém também uma capacidade de *deterrence* estratégico através dos vetores submarino, aéreo e terrestre.

O Capítulo 4 pretendia responder à questão “Como utilizarão os outros principais atores os seus instrumentos de poder, nomeadamente o militar, em função dos seus interesses e estratégia em reação às ações da China nos MdC e no OP?”

No que respeita aos EUA, o objetivo da estratégia militar é evitar que a China (e a Rússia) controlem o *Rimland* da Eurásia. O controlo exige presença militar efetiva, pelo que



necessitam de garantir o acesso por via dos *commons*. Para esse fim, reforçarão substancialmente o seu dispositivo militar na região Indo-Ásia-Pacífico, com meios tecnologicamente avançados, conferindo à força conjunta projetada agilidade geográfica, conceptual, estrutural, operacional e genética para responder aos desafios, incluindo a defesa dos seus aliados. Simultaneamente, tentarão, pelas vias diplomática e económica, cativar e reforçar alianças e parcerias entre os países da região, procurando a profundidade estratégica que precisam.

Relativamente aos restantes atores, identificam-se três grupos de países: os que tendem a apoiar a China – Camboja e Coreia do Norte; os que preferem manter o *statu quo* que a América garante – Coreia do Sul, Japão, Singapura, Taiwan e Vietname; os que têm um alinhamento neutral/ambíguo – Indonésia, Filipinas, Malásia e Tailândia. Estes alinhamentos não são coerentes nos diversos domínios e são voláteis no tempo. Em termos militares, o eventual contributo destes Estados poderá passar pela participação com as suas forças, prestação de apoio logístico ou reforço de C4ISR, conferindo maior profundidade estratégica a um dos competidores.

As organizações internacionais têm sido um elemento positivo, servindo como plataforma para o estabelecimento de relações político-económicas; no domínio securitário, para além dos contactos político-militares, os resultados práticos são muito escassos.

O Capítulo 5, onde se pretendia responder à questão central “Qual a evolução geoestratégica esperada nos MdC e no OP nos próximos 30 anos e suas repercussões na estabilidade internacional, nomeadamente no âmbito da segurança e defesa, considerando a conjugação das ações prováveis levadas a cabo pela China com as dos principais atores com interesses na região?”, concluiu-se que, fruto do incremento da presença militar americana na região da Ásia-Pacífico, do aumento do potencial estratégico da China e da corrida ao armamento por parte dos restantes Estados da região, a prospetiva para os próximos 30 anos é viver-se num ambiente com uma elevada concentração de meios militares em todos os domínios, movendo-se num ambiente de elevada incerteza e volatilidade por entre atores secundários melhor armados mas potencialmente incoerentes nos seus alinhamentos, ou seja num sistema complexo de segurança competitiva. A consequência para a estabilidade internacional será um aumento generalizado da tensão na região Ásia-Pacífico, gerando uma perceção de insegurança que alastrará para fora da região.



A China tentará prejudicar o desenvolvimento da política externa dos EUA e pressionará os países da região a seu favor; os EUA apoiarão os seus aliados/parceiros asiáticos e tentarão prejudicar a China em todos os domínios.

Como contributo para o conhecimento, refere-se que a utilização da análise PMESII complementada com o desdobramento das estratégias operacional, estrutural e genética dos atores revelou-se uma metodologia interessante na análise prospetiva de âmbito securitário.

Como limitação indica-se a impossibilidade de interpretar documentos originais em mandarim e a opacidade da estratégia genética chinesa.

Recomenda-se a continuação deste trabalho, alargando o seu âmbito geográfico para a região da Indo-Ásia-Pacífico e completando a análise PMESII em todos os seus domínios.



## Referências bibliográficas

- Abrahamson, A. (2018). *Maritime partnerships and the future of U.S. seapower in the Indo-Pacific* [Página online]. Obtido de CIMSEC.org: <http://cimsec.org/maritime-partnerships-and-the-future-of-u-s-seapower-in-the-indo-pacific/38951>
- Academy Military Strategy. (2013). *The science of military strategy*. Pequim.
- Ali, D. (coord.) (2017). *Maritime security in the asia-pacific: a navigational map for the new administration* [versão PDF]. University of Washington, Seattle. Obtido de <https://digital.lib.washington.edu/researchworks/handle/1773/38700>
- Asia Development Bank. (2011). *Asia 2050 – Realising the Asian Century* [versão PDF]. ADB. Obtido em <https://www.adb.org/sites/default/files/publication/28608/asia2050-executive-summary.pdf>
- Association of Southeast Asian Nations. (n.d. de março de 2016). *ASEAN* [versão PDF]. Obtido de [www.asean.org](http://www.asean.org): <https://www.asean.org/wp-content/uploads/2012/05/ASEAN-APSC-Blueprint-2025.pdf>
- Bale, R. (2016). One of the world's biggest fisheries is on the verge of collapse. *National Geographic*. Obtido de [www.nationalgeographic.com](http://www.nationalgeographic.com): <https://news.nationalgeographic.com/2016/08/wildlife-south-china-sea-overfishing-threatens-collapse/>
- B. R. Deepak (eds.). (2018). *China's global rebalancing and the new Silk Road* [versão PDF]. (B. Deepak, Ed.) Singapura, Singapura, India: Springer Nature Singapore Pte Ltd.
- BBC. (fevereiro de 2018). *Japan profile – timeline* [Página online]. Obtido de [www.bbc.com](http://www.bbc.com): <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-15219730>
- BBCa. (18 de abril de 2018). *China profile – timeline* [Página online]. Obtido de [www.bbc.com](http://www.bbc.com): <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-13017882>
- BBCb. (13 de junho de 2018). *North Korea profile – timeline* [Página online]. Obtido de [www.bbc.com](http://www.bbc.com): <https://www.bbc.com/news/world-asia-pacific-15278612>
- BP. (junho de 2018). *BP energy outlook 2018* [versão PDF]. Obtido a 22 de março de 2019, de [www.bp.com](http://www.bp.com): <https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economics/statistical-review/bp-stats-review-2018-full-report.pdf>



- Brown, D. (2018). China and Russia have forged a military 'partnership' . *Business Insider*.  
Obtido de <https://www.businessinsider.com/china-russia-military-political-partnership-us-2018-4>
- Brzezinski, Z. (2012). Balancing the east, upgrading the west - US grand strategy in an age of upheaval. *Foreign Affairs*, 5. Obtido de <https://www.foreignaffairs.com/articles/2011-12-13/balancing-east-upgrading-west>
- Carrico, M. A. (2007). Uma “pérola” perto de um mar de petróleo: A importância do porto de Gwadar para a China. *Revista Militar*. Obtido a 20 de dezembro de 2018, de <https://www.revistamilitar.pt/artigo/217>
- Carrico, M. A. (2013). O mútuo *balancing* sino-americano. *Revista Militar*, pp. 167-193. Obtido de <https://www.revistamilitar.pt/artigo/805>
- CFR.org, p. (2018). Xi Jinping's third revolution [E. Economy gravado]. CFR.org. Obtido de <https://www.cfr.org/podcasts/podcast-xi-jinpings-third-revolution>
- ChinaPower (2018). The PLA Navy's growing prowess: a conversation with Andrew Erickson [A. Erickson gravado]. EUA: CSIS. Obtido de <https://www.csis.org/podcasts/chinapower>
- Central Intelligence Agency. (julho de 2018). *The world factbook* [Página online]. Obtido de [www.cia.gov: https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html](https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ch.html)
- Chief of Naval Operations. (2018). *A design for maintaining maritime superiority* (2.0 ed.) [versão PDF]. Washington: USN. Obtido de [https://www.navy.mil/navydata/people/cno/Richardson/Resource/Design\\_2.0.pdf](https://www.navy.mil/navydata/people/cno/Richardson/Resource/Design_2.0.pdf)
- Coats, D. R. (2018). *Worldwide threat assessment of the US intelligence community* [versão PDF]. Washington: Office of the Director of National Intelligence. Obtido de <https://www.dni.gov/index.php/newsroom/congressional-testimonies/item/1851-statement-for-the-record-worldwide-threat-assessment-of-the-us-intelligence-community>
- Congress of the United States of America. (2018). *John S. McCain National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2019* [versão PDF]. Washington. Obtido de <https://docs.house.gov/billsthisweek/20180723/CRPT-115hrpt863.pdf>
- Cordesman , A. H., & Kendall , J. (2017). *Chinese Strategy and Military Modernization in 2017* [versão PDF]. Obtido de [www.csis.org](https://www.csis.org): <https://csis-prod.s3.amazonaws.com>



/s3fs-public/publication/170112\_Chinese\_Strategy\_and\_Military\_Modernization.pdf?ikd72h18mXYw.mcTydjM5ljuu7cjk2AL

- Correia, J. M. (2018). *Deterrence* no século XXI. Desafios para a estratégia contemporânea. *Revista Militar*, N.º 2599/2600, pp. 647-676. Obtido de [https://www.revistamilitar.pt/artigo/1340#\\_ftn75](https://www.revistamilitar.pt/artigo/1340#_ftn75)
- Costa, P. S. (2016). *A geopolítica do gás natural no Ártico. Implicações para a União Europeia* [versão PDF]. Lisboa: IUM.
- Coutau-Bégarie, H. (2007). *L'Océan globalisé – geopolitique des mers au XXI siècle*. Paris: Institut de Stratégie Comparée – Sorbonne.
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia* (Vol. I). Pedrouços: IAEM.
- CSIS. (2017). How much trade transits the South China Sea?. *ChinaPower*. Obtido de [www.chinapower.csis.org](http://www.chinapower.csis.org): <https://chinapower.csis.org/much-trade-transits-south-china-sea/>
- Cunha, L. (2001). *O Mar da China Meridional*. Lisboa: ISCSP.
- Cunha, L. (2013). O império da periferia marítima [versão PDF]. *Nação e Defesa*, 134, pp. 185-205.
- Davidson, P. (2018). *U.S. Indo-Pacific Command*. Obtido a 5 de dezembro de 2018, de [www.pacom.mil](http://www.pacom.mil): <http://www.pacom.mil/DesktopModules/ArticleCS/Print.aspx?PortalId=55&ModuleId=13576&Article=1702301>
- Defense Intelligence Agency. (2019). *China Military Power – modernizing a force to fight and win*. DIA. Obtido de [www.dia.mil/Military-Power-Publications](http://www.dia.mil/Military-Power-Publications)
- Department of Defense. (2018). *Department of Defense Dictionary of Military and Associated Terms* [versão PDF]. DOD. Obtido de <https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/pubs/dictionary.pdf>
- Department of Defense. (2018). *Nuclear posture review 2018* [versão PDF]. Washington: Department of Defense. Obtido de <https://media.defense.gov/2018/Feb/02/2001872886/-1/-1/1/2018-NUCLEAR-POSTURE-REVIEW-FINAL-REPORT.PDF>
- Department of Defense. (2018). *Summary of the 2018 national defense strategy of The United States of America* [versão PDF]. Washington: Department of Defense. Obtido de <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-Defense-Strategy-Summary.pdf>



- Erickson, A. S. (2019). Chinese shipbuilding and seapower: full steam ahead, destination uncharted. *CIMSEC*. Obtido de [www.cimsec.org](http://www.cimsec.org): <http://cimsec.org/chinese-shipbuilding-and-seapower-full-steam-ahead-destination-uncharted/39383>
- Erikson, A. S., & Wuthnow, J. (2016). Barriers, Springboards and Benchmarks: China Conceptualizes the Pacific "Island Chains". *The China Quarterly*, pp. 1-22. doi:10.1017/S0305741016000011
- Flint, C. (2006). *Introduction of Geopolitics*. New York: Routledge.
- Fravel, M. T. (2016). *China's changing approach to military strategy: the science of military strategy from 2001 and 2013*. Massachusetts Institute of Technology, Political Science Department. Obtido de <https://poseidon01.ssrn.com/delivery.php?ID=7410720221020240850791131271000830260160560000290240690691231110760820950090650921080161201110060270110490070690281171030050981230420420110810920900970150180060860700010520411011270940841161110020041041140290100>
- Fravel, M. T. (2018). Shifts in warfare and party unity - explaining China's changes in military strategy. (P. a. Technology., Ed.) *International Security*, 42, pp. 37-83. doi:10.1162/ISEC\_a\_00304
- Friedberg, A. L. (2011). *A contest for supremacy - China, America, and the struggle for mastery in Asia* (1ª ed.). New York: W. W. Norton & Company, Inc.
- Gang, L. (2017). Xi calls for building a strong army [Página online]. *Xinhua*. Obtido de [www.gov.cn](http://www.gov.cn): [http://www.xinhuanet.com/english/2017-10/26/c\\_136708142.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2017-10/26/c_136708142.htm)
- Global Security. (s.d.). South China Sea Oil and Natural Gas [Página online]. Obtido de [www.globalsecurity.org](http://www.globalsecurity.org): <https://www.globalsecurity.org/military/world/war/spratly-oil.htm>
- Gray, C. S. (2009). *Schools for Strategy: Teaching Strategy for 21st Century Conflict* [versão PDF]. Strategic Studies Institute US Army War College. Obtido de <https://ssi.armywarcollege.edu/pubs/display.cfm?pubID=947>
- Haddick, R. (2014). *Fire on the water*. Annapolis, Maryland: Naval Institute Press [versão PDF]. Obtido de <https://www.usni.org/press/books/fire-water>
- Harris, H. B. (2018). *Statement of Admiral Harry B. Harris JR., U.S. Navy Commander, U.S. Pacific Command before the House Armed Services Committee on U.S. Pacific Command posture*. House Armed Services. Obtido de



<https://docs.house.gov/meetings/AS/AS00/20180214/106847/HHRG-115-AS00-Wstate-HarrisJrH-20180214.pdf>

Heginbotham, E. (2015). *The US-China military scorecard – forces, geography, and the evolving balance of power*. Santa Monica: Rand Corporation. Obtido de [www.rand.org/t/rr392](http://www.rand.org/t/rr392)

Instituto de Estudos Superiores Militares. (24 de setembro de 2007). *Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégica*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.

The International Institute for Strategic Studies. (2017). *The military balance*. The International Institute for Strategic Studies. doi:10.1080/04597222.2017.1271212

The International Institute for Strategic Studies. (2018). *The military balance*. International Institute for Strategic Studies.

Instituto Superior Naval de Guerra. (n.d.). *Elementos de doutrina*. Lisboa: ISNG.

Joint Chiefs of Staff. (2016). *The Joint Force in a Contested and Disordered World* [versão PDF]. Joint Chiefs of Staff. Obtido de [www.jcs.mil:https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/concepts/joe\\_2035\\_july16.pdf?ver=2017-12-28-162059-917](http://www.jcs.mil:https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/concepts/joe_2035_july16.pdf?ver=2017-12-28-162059-917)

Joint Chiefs of Staff. (2018). *Joint doctrine note – strategy* [versão PDF]. Joint Chiefs of Staff. Obtido de [https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/jdn\\_jg/jdn1\\_18.pdf?ver=2018-04-25-150439-540](https://www.jcs.mil/Portals/36/Documents/Doctrine/jdn_jg/jdn1_18.pdf?ver=2018-04-25-150439-540)

Kamphausen, R.. & Lai, D. (Eds.) (2015). *The chinese People's Liberation Army in 2025* [versão PDF]. Strategic Studies Institute and US Army War College Press. Obtido de <https://fas.org/nuke/guide/china/pla-2025.pdf>

Krepinevich, A. F. (2010). *Why air-sea battle?* [versão PDF]. Center for Strategic and Budgetary Assessments. Obtido de <https://csbaonline.org/research/publications/why-airsea-battle/publication>

LaFond, E. C. (2017). East China Sea [página *online*]. Obtido de [www.britannica.com:https://www.britannica.com/place/East-China-Sea](http://www.britannica.com:https://www.britannica.com/place/East-China-Sea)

Lai, D., Troxell, J. F., & Gellert, F. J. (2018). *Avoiding the trap: U.S. Strategy and Policy for competing in the Asia-Pacific beyond the rebalance* [versão PDF]. Carlisle Barracks, PA, U.S.A.: Strategic Studies Institute and U.S. Army War College Press. Obtido de <https://publications.armywarcollege.edu/pubs/3524.pdf>



- Legarda, H. (2018). *China Global Security Tracker No.3* janeiro-junho de 2018 [versão PDF]. Mercator Institute for China Studies (MERICS). (S. Muscat, Ed.) Obtido de [www.merics.org](http://www.merics.org): [https://www.merics.org/sites/default/files/2018-09/MERICS\\_China\\_Global\\_Security\\_Tracker\\_No\\_3\\_4.pdf](https://www.merics.org/sites/default/files/2018-09/MERICS_China_Global_Security_Tracker_No_3_4.pdf)
- Mahnken, T. G., & Blumenthal (coords.), D. (2014). *Strategy in Asia. The past, present, and future of regional security*. Stanford: Stanford University Press.
- Mattis, J. N. (2018, junho). Remarks by Secretary Mattis at Plenary Session of the 2018 Shangri-La Dialogue. *Remarks by Secretary Mattis*. Singapura. Obtido de <https://dod.defense.gov/News/Transcripts/Transcript-View/Article/1538599/remarks-by-secretary-mattis-at-plenary-session-of-the-2018-shangri-la-dialogue/>
- McReynolds, J. (ed.). (2017). *China's evolving military strategy*. Washington: The Jamestown Foundation.
- Ministry of Defense of Japan. (2018). *Defense of Japan 2018* [versão PDF]. Obtido de [www.mod.go.jp](http://www.mod.go.jp): [http://www.mod.go.jp/e/publ/w\\_paper/pdf/2018/DOJ2018\\_Full\\_1130.pdf](http://www.mod.go.jp/e/publ/w_paper/pdf/2018/DOJ2018_Full_1130.pdf)
- Office of the Secretary of Defense. (2017). *Annual Report to Congress – Military and Security Developments Involving the People's Republic of China 2017* [versão PDF]. Washington DC: Department of Defense. Obtido de [https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2017\\_China\\_Military\\_Power\\_Report.PDF](https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2017_China_Military_Power_Report.PDF).
- Office of the Secretary of Defense. (2018). *Annual report to Congress: Military and security developments involving The People's Republic of China* [versão PDF]. Washington DC: Office of the Secretary of Defense. Obtido de <https://media.defense.gov/2018/Aug/16/2001955282/-1/-1/1/2018-CHINA-MILITARY-POWER-REPORT.PDF>
- Organização Hidrográfica Internacional. (1953). *Limits of oceans and seas* (3.<sup>a</sup> ed.). OHI.
- Office of Naval Intelligence. (2014). *The PLA Navy – New capabilities and missions for the XXI century* [versão PDF]. Office of Naval Intelligence Obtido de [https://www.oni.navy.mil/Portals/12/Intel%20agencies/China\\_Media/2015\\_PLA\\_NAVY\\_PUB\\_Print\\_Low\\_Res.pdf?ver=2015-12-02-081233-733](https://www.oni.navy.mil/Portals/12/Intel%20agencies/China_Media/2015_PLA_NAVY_PUB_Print_Low_Res.pdf?ver=2015-12-02-081233-733).
- Orchard, Philip (2019). *Taiwan: More than a US friend of convenience*. [Página online] Obtido de <https://geopoliticalfutures.com/taiwan-us-friend-convenience/>



- Organização das Nações Unidas. (2019). Convenção das Nações Unidas sobre Direito no Mar. [versão PDF]. ONU. Obtido de [www.un.org: http://www.un.org/Depts/los/convention\\_agreements/texts/unclos/unclos\\_e.pdf](http://www.un.org/Depts/los/convention_agreements/texts/unclos/unclos_e.pdf)
- Organização das Nações Unidas. (s.d.). United Nations 2017 Revision of World Population Prospects [Página online]. Obtido de <https://population.un.org/wpp/>.
- O'Rourke, R. (2018). *China Naval Modernization: Implications for U.S. Navy Capabilities—Background and Issues for Congress* [versão em PDF]. Congressional Research Service, Congressional Research Service. Congressional Research Service. Obtido de <https://fas.org/sgp/crs/row/RL33153.pdf>
- Pargana, M. J. (2016). *A disputa dos espaços marítimos no Mar do Sul da China*. (Tese de dissertação de Mestrado em Direito e Economia do Mar – 2015/2016). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Direito, Lisboa.
- Patrocínio, B. M. (2018). O colar de pérolas como uma estratégia geopolítica. *Conjuntura Internacional*. Obtido de [www.pucminasconjuntura.wordpress.com: https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2018/09/12/o-colar-de-perolas-como-uma-estrategia-geopolitica/](http://www.pucminasconjuntura.wordpress.com: https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2018/09/12/o-colar-de-perolas-como-uma-estrategia-geopolitica/)
- Permanent Arbitral Court. (12 de julho de 2016). *The South China Sea arbitration (the Republic of the Philippines v. The People's Republic of China)*. Obtido de [www.pca-cpa.org: https://pcacases.com/web/sendAttach/1801](http://www.pca-cpa.org: https://pcacases.com/web/sendAttach/1801)
- Pew Research Center. (2014). Chapter 2: China's Image [Página online]. Obtido de [www.pewglobal.org: http://www.pewglobal.org/2014/07/14/chapter-2-chinas-image/](http://www.pewglobal.org: http://www.pewglobal.org/2014/07/14/chapter-2-chinas-image/)
- Qiu, M. (2015). *China's Science of Military Strategy: Cross-Domain Concepts in the 2013 Edition*. Obtido de [http://deterrence.ucsd.edu/\\_files/Chinas%20Science%20of%20Military%20Strategy%20Cross-Domain%20Concepts%20in%20the%202013%20Edition%20Qiu2015.pdf](http://deterrence.ucsd.edu/_files/Chinas%20Science%20of%20Military%20Strategy%20Cross-Domain%20Concepts%20in%20the%202013%20Edition%20Qiu2015.pdf)
- Rees, E. (2019). In China's backyard, charting the course most advantage [Página online]. *Stratfor*. Obtido de [www.stratfor.com: https://worldview.stratfor.com/article/chinas-backyard-charting-course-most-advantage](http://www.stratfor.com: https://worldview.stratfor.com/article/chinas-backyard-charting-course-most-advantage)
- Rodrigues, T., & Santos, R. (coords.). (2018, maio). *A República Popular da China no mundo global do século XXI*. (Atas do seminário, 09 de maio de 2017). Cadernos do IUM, 25. Lisboa: Instituto Universitário Militar.



- Santos, L. A., & Lima (coords.), J. M. (2016). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Cadernos do IESM, 8. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Saraiva, L., Vieira, R., & Correia, J. (2017). *Estudos Estratégicos: da Estratégia, do Planeamento Estratégico Militar e da Conflitualidade*. Coleção “ARES”, 14. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Senore, F. (2018). *The South China Sea and ASEAN disunity*. (Tese de dissertação em *Politics, Society and Economy of Asia*). Leiden University. Leiden. Obtido de <https://openaccess.leidenuniv.nl/handle/1887/65050>.
- SHAPE. (2013). *Comprehensive operations planning directive (V2.0 ed.)* [versão PDF]. Bélgica: NATO. Obtido de <https://www.cmdrcoe.org/download.cgf.php?id=9>
- Stratfor. (2018). 2019 Annual forecast [versão PDF]. *Stratfor*. Obtido de <https://worldview.stratfor.com/article/2019-annual-forecast-geopolitics-intelligence-global-risk>
- The Economist. (2015). Made in China. *The Economist* março de 2015. Obtido de <https://www.economist.com/printedition/2015-03-14>
- The State Council The People’s Republic of China. (2013). *The diversified employment of China’s armed forces*. Pequim: Information Office of the State Council The People’s Republic of China. Obtido de [http://english.gov.cn/archive/white\\_paper/2014/08/23/content\\_281474982986506.htm](http://english.gov.cn/archive/white_paper/2014/08/23/content_281474982986506.htm)
- The State Council The People’s Republic of China. (2015). *China’s Military Strategy*. Obtido de [www.gov.cn: http://english.gov.cn/archive/white\\_paper/2015/05/27/content\\_281475115610833.htm](http://english.gov.cn/archive/white_paper/2015/05/27/content_281475115610833.htm)
- The State Council The People’s Republic of China. (2017). *Vision for Maritime Cooperation under the Belt and Road Initiative*. Obtido de [www.english.gov.cn: http://english.gov.cn/archive/publications/2017/06/20/content\\_281475691873460.htm](http://english.gov.cn/archive/publications/2017/06/20/content_281475691873460.htm)
- The State Council The People’s Republic of China. (2019). *Made in China 2025*. Obtido de [www.english.gov.cn: english.gov.cn/2016special/madeinchina\\_2025/](http://www.english.gov.cn: english.gov.cn/2016special/madeinchina_2025/)
- The White House. (2017). *National security strategy* [versão PDF]. Washington. Obtido de <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905-2.pdf>



- Taiwan Ministry of Defense. (2018). *Taiwan national's defense report 2017*. Obtido de <https://taiwan-in-perspective.com/2017/05/18/complete-collection-of-taiwans-defence-policy-documents/>
- Tomé, L. J. (2010). *A Geopolítica e o complexo de segurança na Ásia Oriental: Questões teóricas e conceptuais* [versão PDF]. (Tese de dissertação de doutoramento em Relações Internacionais). Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- USA Air Force. (2018). *USAF posture statement fiscal year 2019*. Washington: USAF. Obtido de [https://www.af.mil/Portals/1/documents/1/FY19\\_AF\\_POSTURE\\_STATEMENT\\_HIGH\\_RES.PDF](https://www.af.mil/Portals/1/documents/1/FY19_AF_POSTURE_STATEMENT_HIGH_RES.PDF)
- U.S. Indo-Pacific Command. (5 de dezembro de 2018). Area of responsibility [página online] Obtido de [www.pacom.mil](http://www.pacom.mil): <http://www.pacom.mil/About-USINDOPACOM/USPACOM-Area-of-Responsibility/>
- U.S.-China Economic and Security Review Commission. (2018). *Report to Congress* [versão PDF]. *U.S.-China economic and security review commission*. Washington: U.S. Government Publishing Office. Obtido de [https://www.uscc.gov/Annual\\_Reports/2018-annual-report](https://www.uscc.gov/Annual_Reports/2018-annual-report)
- Valencia, M. J. (2018). What does a "free and open Indo-Pacific" actually mean? *The Diplomat*. Obtido de <https://thediplomat.com/2018/03/what-does-a-free-and-open-indo-pacific-actually-mean/>
- Voice of Djibouti. (janeiro de 2015). *China maritime silk road and the string of pearls*. Obtido de [www.voiceofdjibouti.com](http://www.voiceofdjibouti.com): <http://voiceofdjibouti.com/wp-content/uploads/2015/01/China-Maritime-Silk-Road.png>
- Woetzel, J., Seong, J., Leung, N., Ngai, J., Manyika, J., Madgavkar, A., Lund, S., & Mironenko, A. (2018). China and the world: Inside a changing economic relationship [disponível online]. *McKinsey Global Institute*. Obtido de <https://www.mckinsey.com/featured-insights/asia-pacific/china-and-the-world-inside-a-changing-economic-relationship>
- Xinhua. (2013). Xinhuanet [Página online]. Obtido de [http://www.xinhuanet.com/english/2015-10/26/c\\_13748390.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2015-10/26/c_13748390.htm)
- Zhang, Z. (2019). *Philippines, U.S.: Washington clears some muddy waters in the South china Sea*. Obtido de [www.stratfor.com](http://www.stratfor.com):



<https://worldview.stratfor.com/article/philippines-us-washington-clears-some-muddy-waters-south-china-sea>



## Anexo A — China

### Governança (CIA, 2018)

Chefe de Estado: Presidente Xi Jinping (desde 14 de março de 2013)

Tipo de governação: Estado comunista, não democrático e ateuista.

Legislatura: Câmara única com 2.987 assentos (Congresso Nacional Popular)

Sistema judiciário: Supremo Tribunal Popular

### Geografia (CIA, 2018)

Área total: 9.596.960 km<sup>2</sup> (área seca – 9.326.410 km<sup>2</sup>; área molhada – 270.550 km<sup>2</sup>)

Clima: Muito diverso. Desde tropical no sul até subártico no norte.

Recursos naturais: Carvão, minério de ferro, petróleo, gás natural, mercúrio, tungsténio, antimónio, manganês, molibdeno, vanádio, magnetite, alumínio, chumbo, zinco, elementos raros, urânio, maior potencial mundial energia hídrica e terra arável.

### População e sociedade (CIA, 2018)

População: 1.380.000.000 com uma taxa de natalidade de 0,41% (estimativa em julho 2017)

Etnias: 91,6% Han; 1,3% Zhuang; 7,1% outras (Hui, Manchu, Uighur, Miao, Yi, Tujia, Tibetanos, Mongol, Dong, Buyei, Yao, Bai, Coreanos, Hani, Li, Cazaquistaneses e Dai)

Língua: Chinês comum ou mandarim (Pequim); Yue (Cantão); Wu (Xangai); Minbei (Fuzhou); Minnan (Taiwan); Xiang; Gan e dialetos Hakka.

Religião: Budismo (18,2%); Cristianismo (5,1%); Muçulmanos (1,8%); crenças populares (21,7%); Hinduísmo (0,1%); Judeísmo (0,1%); sem afiliação (52,2%).

Urbanização: população urbana (59,2%). Taxa de urbanização 2,42%/ano (estimado).

Literacia: 96,4%.

### Economia (CIA, 2018)

Maior economia e exportador do mundo, mas que mantém uma política de posse, controlo e apoios por parte do Estado nos setores considerados críticos.

Produto interno bruto (paridades de poder de compra): 23,12 biliões de dólares (2017).

Exportações: 2,17 biliões de dólares (2017). EUA (19%); Hong Kong (12,4%); Japão (6%); Coreia do Sul (4,5%).

Importações: 1,731 biliões de dólares (2017). Coreia do Sul (9,7%); Japão (9,1%); EUA (8,5%); Alemanha (5,3%); Austrália (5,1%).

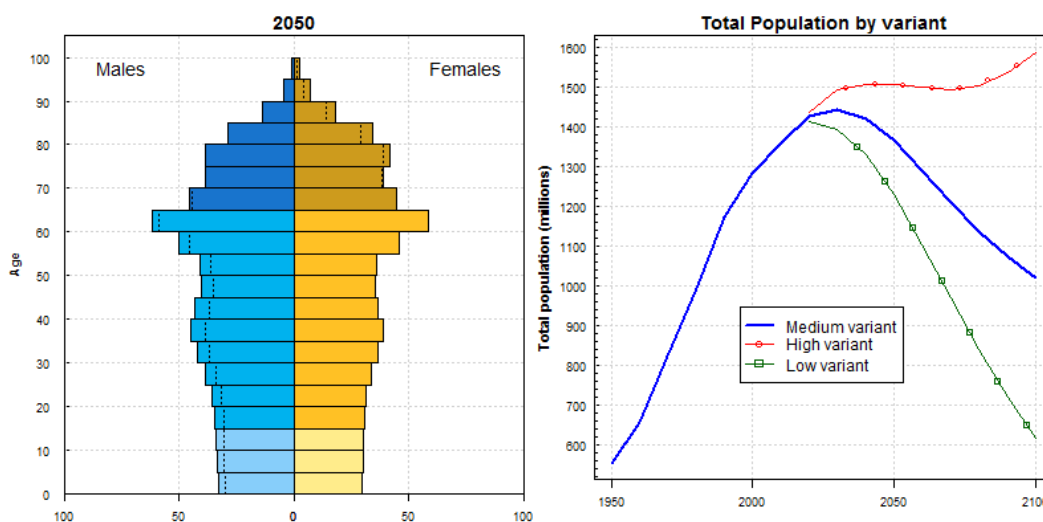


Figura 15 – Projeção demográfica para a China

Fonte: ONU (2017)



## Anexo B — Disputas territoriais nos mares da China

“As disputas territoriais, fronteiriças e de soberania envolvendo a China são as seguintes: Com o Japão, em torno das ilhas Senkaku/Diaoyutai; com a Coreia do Sul, com as ilhotas Socotra/Ieodo/Parangdo; com a Coreia do Norte, Coreia do Sul e Japão os limites fronteiriços no Mar Amarelo; com a Coreia do Sul e Japão as áreas territoriais no Mar da China Oriental; com o Vietnamee, as ilhas Paracel, com as Filipinas, os baixios/atóis de Scarborough ou Panatag (Huangyan Dao na designação chinesa) e de Macclesfield Bank; com o Vietnamee, as Filipinas, a Malásia, o Brunei e a Indonésia as Ilhas Spratly e as zonas de soberania no Mar da China Meridional” (Tomé, 2010, pp. 330-331) (Figura 16).



Figura 16 – Disputas territoriais nos mares da China

Fonte: The Diplomatic Envoy (2016)



### Anexo C — O dispositivo dos EUA no Pacífico Ocidental

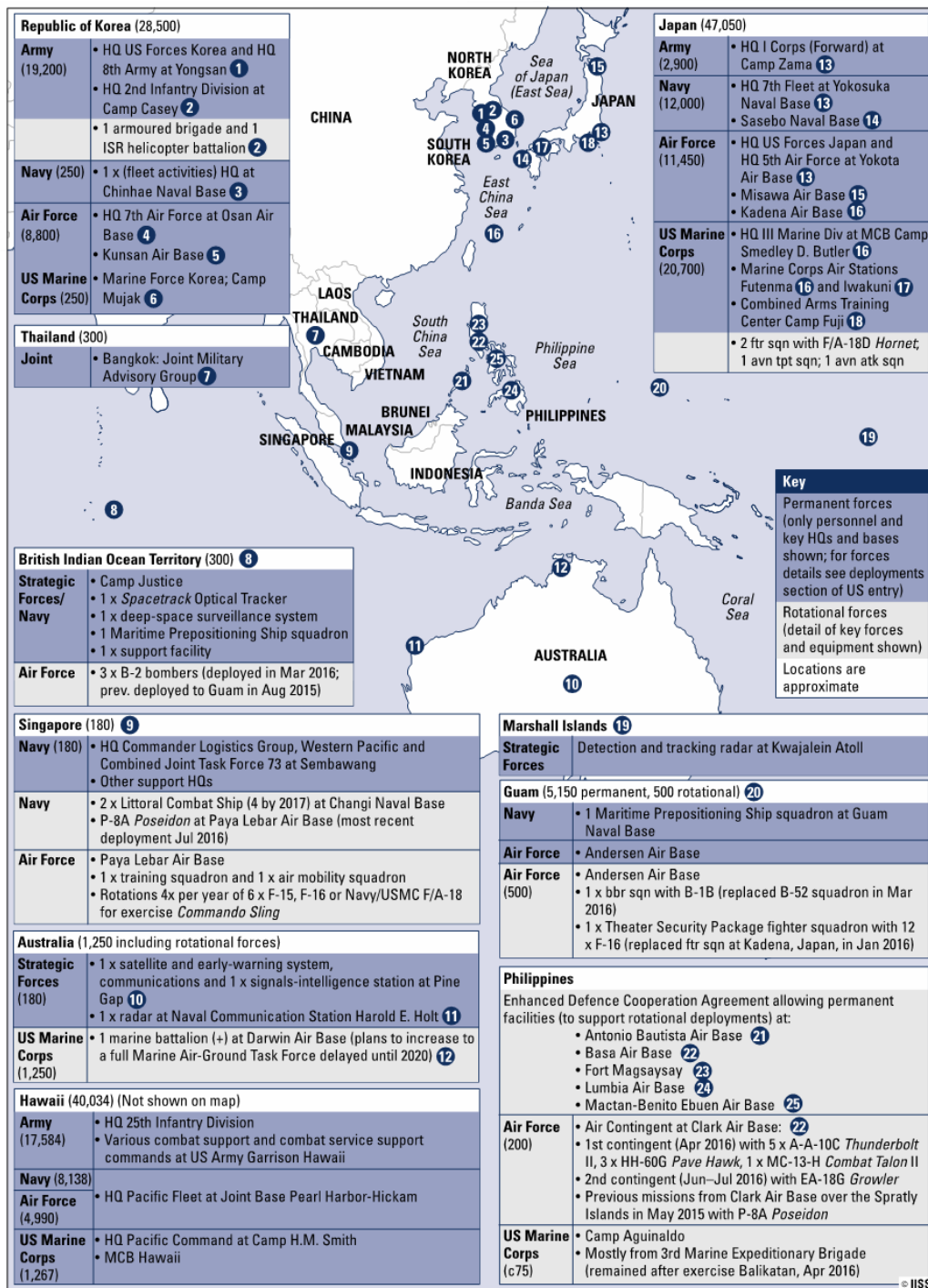


Figura 17 – Dispositivo dos EUA no Pacífico Ocidental  
 Fonte: IISS (2017)

**Análise:** os EUA estão estrategicamente presentes na primeira cadeia de ilhas, dominando as saídas dos mares da China (Meridional e Oriental).



## Apêndice A — Corpo de conceitos

- Alinhamento estratégico – Os atores políticos secundários de um sistema internacional podem optar por três posturas face aos atores principais: balanceamento, alinhando-se com a potência rival da potência mais ameaçadora por forma a dissuadir a influência desta, de *bandwagoning*, aliando-se à potência ameaçadora mais próxima tentando incutir uma postura de parceria e não de presa, ou uma posição propositadamente “ambígua/neutral”, por forma a tentarem ganhar o melhor por parte das potências.
- Poder nacional abrangente – Definição estratégica chinesa equivalente ao vulgarmente conhecido no ocidente por potencial estratégico.
- Configuração estratégica de poder – Definição chinesa que recomenda a espera pela oportunidade certa ou configuração certa para avançar com a implementação das estratégias.
- Estratégia da cadeia de ilhas – Estratégia que sugeria o cerco da URSS e da China por mar por forças americanas, e que se tornou numa obsessão para os analistas chineses (Military, 2018).
- Teoria do “colar de pérolas” – É constituído por uma série de bases aéreas e navais, portos comerciais e centros de *intelligence* estrategicamente posicionados pela China para formar um “cordão”, de modo a cercar a Índia e quatro importantes penínsulas: a Indochina, a Indostânica, a Arábica e o Corno de África (Patrocínio, 2018).
- Antiacesso ou *antiaccess* (A2) – Ação, atividade ou capacidade, normalmente de longo alcance, desenhada para evitar a entrada de uma força inimiga numa área de operações (Department of Defense, 2018).
- Negação de área ou *area denial* (AD) – Ação, atividade ou capacidade, normalmente de curto alcance, desenhada para limitar a liberdade de ação da força inimiga dentro de uma área de operações (Department of Defense, 2018).
- Operações de liberdade de navegação ou *freedom of navigation operations* (FONOP) – Operações conduzidas para proteger os interesses (direitos) da navegação marítima, sobrevoo e outros relacionados dos EUA no, sob e sobre o mar (Department of Defense, 2018).
- Domínios PMESII – As crises modernas são caracterizadas por interdependências complexas; os conflitos são baseados numa combinação de problemas de cariz histórico, político, militar, social, cultural e económico. Esses problemas são normalmente interdependentes e, conseqüentemente, as soluções necessárias para os resolver são de natureza variada. A OTAN adota seis domínios – político, militar, económico, social, infraestrutural e informacional – para trabalhar cada área (OTAN, 2013).
- Defesa ativa – “[...] o conceito chinês de “defesa ativa” é muito distinto do de legítima defesa, não significando resposta/reação a uma agressão nem preempção (ataque militar antecipatório mediante uma ameaça direta e iminente) nem prevenção (pre-posicionamento de forças ou gestão de crises e conflitos). Envolve tudo isso mas é muito mais abrangente, incluindo igualmente operações de projeção de poder, controlo de escalada, ataques cibernéticos e até abordagens coercivas. No fundo, pode dizer-se que a defesa ativa chinesa é estrategicamente defensiva mas de orientação operacional proactiva” (Rodrigues & Santos, 2018, p. 51).
- “Mares próximos” ou *near-seas* – Referência chinesa ao conjunto dos mar Amarelo, mar da China Oriental e mar da China Meridional. São as águas encerradas entre o continente e a primeira cadeia de ilhas (O'Rourke, 2018, pp. 1-2).
- *Free and open Indo-Pacific* (FOIP) – Conceito ainda em desenvolvimento pela administração Trump, que inclui uma componente militar visando garantir o livre acesso



aos *global commons* (O'Rourke, 2018, p. 75). Poderá ainda incluir o respeito pelo direito internacional, nomeadamente anticoerção, respeito por soberania, iniciativa privada, mercados abertos e a liberdade e a independência de todas as nações (Valencia, 2018).

- Joint concept for access and maneuver in global commons (JAM-GC)/airsea battle concept – Originalmente denominado “air-sea battle” (ASB), foi mais tarde batizado “joint concept for access and maneuver in the global commons” (JAM-GC), com o propósito de incrementar a eficiência da força conjunta das unidades navais e aéreas norte-americanas na oposição às forças adversárias dedicadas a operações de anti-acesso/negação de área (A2/AD) (O'Rourke, 2018, p. 77).
- Strategic reliability – Conceito que pretende “fidelizar” as nações asiáticas tradicionalmente alinhadas com os EUA, garantindo a sua segurança marítima, a liberdade de navegação e o acesso aos *commons*, através de uma presença naval duradoura dos EUA, entre outras utilizações dos instrumentos de poder.
- John S. McCain National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2019 Statement of policy — Determinação formal do Congresso dos EUA que declara como uma “prioridade principal” para o país a competição estratégica de longo prazo com a China (Congress of the United States of America, 2018).
- Estratégia de *salami-slicing* – Caracterização da estratégia utilizada pela China fazendo uso de uma técnica seriada de ganhos incrementais, em que nenhum deles constitui por si um *casus belli*, por forma a ir alterando gradualmente o *statu quo* a favor da China (O'Rourke, 2018, pp. 106-107).
- Plano dos “dois centenários” – Plano estratégico da China em que se estipulou que, em 2021, por ocasião do centésimo aniversário do Partido Comunista Chinês, a RPC deve, tendo 2010 como ano de referência, duplicar o seu PIB e duplicar o rendimento dos cidadãos urbanos e rurais, completando a construção de uma sociedade moderadamente próspera. O objetivo do segundo centenário, marcado pelo centésimo aniversário da fundação da RPC em 1949, é construir um país socialista moderno que seja próspero, poderoso, democrático, culturalmente avançado e harmonioso a meio desse século – será o grande rejuvenescimento da nação chinesa (Xinhua, 2015).
- *Global commons* – Para efeitos de navegação marítima, aérea ou espacial os *global commons* incluem os espaços marítimos e aéreos fora das águas territoriais (geralmente contidas por uma linha a 12 milhas náuticas da linha base reta de costa) e do espaço entre os 100 e 38.000 Km acima da superfície da Terra. O espetro eletromagnético – e particularmente o acesso ao sinal para efeito de comunicações, posição, navegação e tempo – são considerados parte dos *commons*.
- Rimland – Teoria de Spykman, que afirma que “quem controla o Rimland domina a Eurásia; quem domina a Eurásia controla os destinos do Mundo”. O Sudeste Asiático ocupa grande parte do Rimland. A Eurásia corresponde ao denominado Heartland.
- *Wild cards* – Atores ou eventos de qualquer natureza que podem alterar inopinadamente a ordem ou as expectativas criadas por raciocínio lógico.
- *Soft power* – Em contraposição ao poder militar/bélico (*hard power*), o *soft power* refere-se aos instrumentos de poder económico, diplomático e cultural.



## Apêndice B — Relevância, percepções e alinhamentos dos países

Quadro 7 – Matriz de alinhamento e relevância dos países

PAÍSES	ASEAN	SCO	BRI	TP11	2017 (USD)			TREND	US ALLY	US PTNER	US ASS	CN ALLY	ALI	NUC	GEOSTRAT	GPI	CONFLICT	MILIT
					PIB	DORC	%PIB											
AUSTRÁLIA	6			X	1,39 x 10 <sup>12</sup>	2,50 x 10 <sup>10</sup>	1,8	+	X				US		+	13	1,178	1,691
BRUNEI	1		X		1,20 x 10 <sup>10</sup>	4,52 x 10 <sup>8</sup>	3,8	-							++		-	-
CAMBOJA	1	2	X		2,3 x 10 <sup>10</sup>	7,88 x 10 <sup>8</sup>	3,5	++					CN		-	96	1,461	2,156
CHINA	3	1	X		1,19 x 10 <sup>13</sup>	1,50 x 10 <sup>11</sup>	1,3	++					CN	X	+	112	2,100	2,043
COREIA NORTE	-				-								CN	X	-	150	2,610	3,175
COREIA SUL	3				1,53 x 10 <sup>12</sup>	3,57 x 10 <sup>10</sup>	2,3	+	X				US		++	49	1,841	2,057
FILIPINAS	1		X		3,21 x 10 <sup>11</sup>	2,78 x 10 <sup>9</sup>	0,9	++	X						++	137	2,408	1,674
INDONÉSIA	1		X		1,01 x 10 <sup>12</sup>	8,98 x 10 <sup>9</sup>	0,9	++		X					+	55	1,661	1,516
JAPÃO	3			X	4,88 x 10 <sup>12</sup>	4,60 x 10 <sup>10</sup>	0,9	+	X				US		++	9	1,403	1,475
LAOS	1		X		1,72 x 10 <sup>10</sup>			++							-	46	1,403	1,760
MALÁSIA	1		X	X	3,10 x 10 <sup>11</sup>	3,48 x 10 <sup>9</sup>	1,1	++							++	25	1,051	1,460
SINGAPURA	1		X	X	3,06 x 10 <sup>11</sup>	1,02 x 10 <sup>10</sup>	3,3	+		X			US		++	8	1,024	2,076
TAILÂNDIA	1		X		4,38 x 10 <sup>11</sup>	6,16 x 10 <sup>9</sup>	1,4	+		X			CN		-	113	2,019	1,598
TAIWAN	0				5,71 x 10 <sup>11</sup>	1,04 x 10 <sup>10</sup>	1,8	+		X			US		++	34	1,604	1,883
VIETNAME	1		X	X	2,16 x 10 <sup>11</sup>	4,32 x 10 <sup>9</sup>	2,0	++			X		US		++	60	1,403	2,163
Fonte	ASEAN	SCO	BRI	TP11	The Military Balance 2018 / (Ali, 2017)									SIPRI	Autor	GPI Index 2018*		

## Legenda

ASEAN – Adesão à Association of Southeast Asian Nations (1= fundador; 3=ASEAN+3; 6=ASEAN+6; 0=Taiwan tem objeção diplomática da China)

SCO – Adesão à Shangai cooperation Organization (1= fundador; 2= *dialogue observer*)

BRI – Adesão à Belt and Road Initiative

TP11 – Adesão ao Comprehensive and progressive Agreement for Trans-Pacific Partnership

PIB – Produto interno bruto

DORC – orçamento da defesa

%PIB – Percentagem do orçamento da defesa relativamente ao PIB

Trend – Tendência de crescimento do PIB (+= 0-5%; ++= +5%)

US (ALLY/PARTNER/ASSOCIATED) – três graus de alinhamento com os EUA

CN ALLY – Aliado China

ALI – Alinhamento com os EUA ou China ou neutro/ambíguo

NUC – País detentor de armas nucleares

GEOSTRAT – posição geoestratégica nos MdC

GPI\* - Índice de Paz (decrecente)

CONFLICT\* - Índice de conflitualidade doméstica e internacional (crescente)

MILIT\* - Índice de militarização (crescente)

\* Indicadores, definições e critérios de pontuação *vide* Apêndice B ao global Peace Index 2018



**Quadro 8 – Matriz de percepções**  
(acrónimos dos países ISO 3166/2)

PAÍSES	CN IMAGEM (%)		XI CONFIANÇA (%)			CN Vs. US (% FAV)		MELHOR (%)		DISPUTAS (%)		ANÁLISE
	DESF	FAV	CONF	NCONF	NSNR	CN	US	ALLY	THREAT	NPREOC	PREOC	
COREIA SUL	42	56	57	37	5	56	82	US(68)	DPKR(36)	16	83	US
FILIPINAS	58	38	32	47	21	38	92	US(83)	CN(58)	6	93	US
INDONÉSIA	25	66	36	37	26	66	59	US(28)	US(25)	38	52	
JAPÃO	91	7	6	87	7	7	66	US(62)	CN(68)	13	85	US
MALÁSIA	17	74	54	21	24	74	51	CN(27)	US(26)	19	66	
TAILÂNDIA	17	72	52	22	26	72	73	US(29)	CAMB(11)	38	50	
VIETNAM	78	16	31	49	20	16	76	US(30)	CN(74)	12	84	US
CHINA								RUS (25)	US(36)	34	62	
USA								UK(31)	RUS(23)			

Fonte: Adaptado de Pew (2014)

**Legenda:**

- CN Imagem – Percepção da imagem da China (desfavorável/favorável, %)
- XI CONFIANÇA – Percepção da confiança no líder da China (Confia/Não confia/Não sabe ou não responde, %)
- CN Vs. US – Percepção de preferência entre a China (CN) e os EUA (US) (%)
- MELHOR – Percepção do melhor aliado (ALLY) e da maior ameaça (THREAT) (%)
- DISPUTAS – Percepção da importância das disputas territoriais/marítimas (Nada preocupado, Preocupado, %)

**Análise:** A análise dos Quadros 7 e 8 leva a considerar que, atualmente, Japão, Coreia do Sul, Taiwan, Vietname e Singapura optam por uma postura balanceada a favor dos EUA. Com uma postura de *bandwagon* a favor da China (que não tem aliados) identificam-se a Coreia do Norte e o Camboja. Os neutrais/ambíguos são: Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas (apesar de aliadas dos EUA), que podem ou não vir a apoiar um deles.



## Apêndice C — Organizações multinacionais

- Five Power Defense Arrangements (FPDA) – Acordos celebrados em 1971 no âmbito da defesa entre Austrália, Malásia, Nova Zelândia, Singapura e Reino Unido (Commonwealth) no sentido de desenvolverem contactos imediatos em caso de ameaça ou ataque ao seu território para coordenarem uma possível resposta conjunta. Desenvolvem um exercício anual conjunto e combinado “Bersama Shield” e a cada cinco anos o “Suman Protector”.
- ASEAN Defense Ministers Meeting (ADMM) – O plano de ação da ASEAN Security Community (ASC) estipulou a organização de um encontro anual de ministros da defesa. O ADMM é o encontro ao mais alto nível no seio da ASEAN para as matérias de segurança e defesa. O ADMM tem como propósito promover a confiança mútua através de um melhor entendimento dos desafios de segurança e defesa, bem como fomentar a abertura e a transparência entre os membros. São membros da ADMM Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Filipinas, Singapura, Tailândia e Vietname. Quando se reúnem no formato ADMM+, juntam-se os *Dialogue Partners*: Austrália, China, Índia, Japão, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Rússia e EUA. Foram acordadas cinco áreas de cooperação: segurança marítima, contraterrorismo, assistência humanitária, operações de apoio à paz, e medicina militar.
- Shangri-La<sup>38</sup> Dialogue (SLD) – Conferência anual no âmbito da segurança organizada desde 2002 em Singapura pelo International Institute for Strategic Studies (IISS), para o qual são convidados os ministros da defesa e chefes militares dos 28 países da região Ásia-Pacífico nomeadamente: Austrália, Brunei, Myanmar, Camboja, Canadá, Chile, China, França, Alemanha, Índia, Indonésia, Japão, Laos, Malásia, Mongólia, Nova Zelândia, Paquistão, Filipinas, Rússia, Coreia do Sul, Sri Lanka, Singapura, Suécia, Tailândia, Timor Leste, Reino Unido, EUA e Vietname.
- Western Pacific Naval Symposium – Fórum criado em 1987, descendente do International Seapower Symposium, para encontro e debate entre os chefes das marinhas da região do Pacífico Ocidental. São membros: Austrália, Brunei, Camboja, Canadá, Chile, França, Indonésia, Japão, Malásia, Nova Zelândia, Papua Nova Guiné, China, Filipinas, Coreia do Sul, Rússia, Singapura, Tailândia, Tonga, EUA, Vietname. Observadores: Bangladeche, Índia, México, Peru, Reino Unido. Foi neste fórum que foi acordado em 2014 o Code for Unplanned Encounters at Sea.
- Quadrilateral Security Dialogue (Quad) – plataforma de diálogo informal, criada em 2007, entre EUA, Japão, Austrália e Índia. O diálogo entre os membros era acompanhado pelo exercício Malabar. O Quad foi temporariamente interrompido, tendo sido reativado em 2017 no sentido de reprimar o pacto de segurança considerando as tensões existentes no mar Sul da China causadas pela China. O resultado dos últimos encontros não tem merecido uma retórica concordante pelas partes.
- Joint Vision Statement JUN15, Maritime Security Initiative e Global Peace Operations Initiative (Vietname-EUA) – Acordos firmados entre os EUA e o Vietname no sentido de reforçar os laços político-militares entre os dois países e a capacitação do Vietname no domínio da defesa e da segurança marítima.
- Shanghai Cooperation Organization (SCO) – aliança fundada em 2001 no âmbito político, económico e de segurança dos países da Eurásia. Os seus membros são a China, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão.
- East Asia Summit (EAS) – Fundado em 2005, é atualmente um encontro anual dos líderes da ASEAN+6+2 (EUA e Rússia).

---

<sup>38</sup> A conferência adotou o nome do hotel onde se realiza.



## **Apêndice D — Fator físico**

### **1. Mar da China Meridional**

O mar da China Meridional ou mar do Sul da China, em chinês Nan Hai, encontra-se entre a costa continental do Sudeste Asiático e o oceano Pacífico. Pelo lado oriental é limitado a nordeste por Taiwan e pelas Filipinas e a sudeste por Bornéu. A sudoeste o seu limite meridional é constituído pelo golfo da Tailândia e pela costa da península Malaia. A ocidente e a norte é limitado pelo continente asiático. O limite norte é uma linha entre a ponta norte de Taiwan e a costa de Fujinan, na China. O limite sul é uma elevação do fundo do mar existente entre Bornéu e Sumatra. O mar do Sul da China tem uma área de 3.685.000 km<sup>2</sup>, e uma profundidade média de 1.212 m. Tem cerca de 3.000 km de comprimento no eixo SE-NW e 1000 km no eixo NW-SE. Os países ribeirinhos são China, Taiwan, Filipinas, Malásia, Brunei, Indonésia, Singapura, Tailândia, Camboja e Vietname. Existem quatro arquipélagos: ilhas Spratly, ilhas Macclesfield, ilhas Paracel e ilhas Pratas.

### **2. Mar da China Oriental**

O mar da China Oriental tem uma área de 750.000 km<sup>2</sup>. Quase 75% da área tem profundidades inferiores a 200 m, e a sua profundidade média é de apenas 350m. A margem junto às ilhas Ryukyu é a mais profunda, havendo um canhão – Okinawa Trough – com profundidade superior a 1.000 m e máxima de 2.716 m. Tem cerca de 1.000 km no eixo SE-NW e 600 km no eixo NW-SE. A margem ocidental é a continuação da plataforma que se estende entre o mar do Sul da China e o mar Amarelo. Existem um grande número de ilhas e rochedos na margem oriental, assim como junto da costa continental chinesa (LaFond, 2017).

### **3. Oceano Pacífico Ocidental/mar das Filipinas**

O mar das Filipinas é uma área no oceano Pacífico Norte na costa este das Filipinas, sendo limitado: a oeste pelo arquipélago da Indonésia, o mar da China Meridional e mar da China Oriental; A norte pela costa sudeste de Kyushu e pela costa sul da ilha de Honshu; a este pela crosta que liga o Japão a Bonin, Volcano e Ladrone (Mariana), todas incluídas no mar das Filipinas; A sul, pela linha que une as ilhas de Guam, Palau e Halmahera.

### **4. Acessos marítimos aos mares da China**

O acesso ao MSC faz-se: por sul pelos estreitos de Malaca (Malásia, Indonésia, Singapura), Sunda (Indonésia) ou Lombok (Indonésia); por leste pelos mares de Celebes e Sulu, através dos estreitos de Balabac (Malásia/Filipinas) ou Mindoro (Filipinas); por norte pelo MCO. O acesso ao MCO faz-se: por sul pelo MSC; por leste pelo estreito de Luzon (Filipinas/Taiwan) ou pelos estreitos das ilhas Diaoyu/Senkaku (Japão contestadas), nomeadamente entre as ilhas Miyako e Ishigaki.

**Análise:** O controlo militar dos estreitos mencionados em 4., com especial ênfase os de Malaca, Luzon e Miyako/Ishigaki, é fundamental para entrar/sair com meios navais dos MdC. As ilhas Spratly, por se encontrarem no ponto de interceção das entradas/saídas por sul e leste no MSC, controlam todo o MSC. Taiwan e as Senkaku são cruciais para controlar os acessos ao MCO. Por estas razões releva-se a importância para qualquer dos competidores das relações com Filipinas, Indonésia, Japão, Malásia, Singapura e Taiwan, bem como com as ilhas Mariana, Guam e Palau, que constituem a segunda linha de acesso ao MCO.



## Apêndice E — Fator histórico

**Quadro 9 – Principais guerras entre atores asiáticos pós 1200 dC**  
(não exaustivo; acrónimos países ISO 3166/2)

Guerra	Iniciativa	Oponentes	Resultado
Invasões Mongol ao JP 1274-1281	CN, Coreia	JP	Vitória JP. Invasão retraída.
Invasão Ōei ao JP 1419	Coreia	JP	Vitória JP. Invasão coreana retraída.
Guerra dos Sete Anos 1592-1598	JP	Coreia, CN	Vitória estratégica da Coreia/CN. Retirada JP.
Primeira guerra sino-japonesa 1894-1895	JP	CN	Vitória JP
Invasão JP de TW 1895	JP	Formosa	Vitória JP. Anexação Formosa.
Revolta Boxer 1899-1901	JP e coligação	CN	Vitória coligação.
Guerra civil CN 1927-1950	PCC	China Nac. Kuomintang	Venceu PCC. Formação da RPC. Nacionalistas ocupam TW
Invasão JP da Manchúria 1931-1932	JP	CN	Vitória do JP.
Segunda Guerra CN-JP 1937-1945	JP e coligação	CN e coligação	Vitória da CN e coligação. Parte da IIGG.
Invasão da Indochina (FR) 1940	JP	FR	Vitória JP. Ocupação norte Indochina.
Segunda Guerra Mundial 1939-1945	JP, TH e coligação	CN, PH e coligação	Derrota JP e coligação.
Operação Masterdom 1945-1946	JP e coligação	Viet Min	Vitória do JP
Batalha de Chamdo 1950	CN	Tibete	Vitória CN e anexação do Tibete à CN
Guerra da Coreia 1950–1953	Coreia do Norte, CN, URSS	KR, US, GB, CA	Cessar-fogo. DMZ “Paralelo 38”
1ª crise do Estreito TW 1954–1955	CN	TW, US	Cessar-fogo. Retirada CN.
2ª crise do Estreito TW 1958	CN	TW, US	Cessar-fogo.
Revolta tibetana 1959	CN	Chushi Gangdruk	Vitória CN.
Camp. de fronteira China-Burma 1960-1961	CN, Burma	Kuomintang	Kuomintang erradicado de Burma
Conflito de Xinjiang 1960-presente	CN	Partido Islâmico do Turquistão	Em curso.
Guerra Sino-Indiana 1962	CN	IN	Vitória RPC. Regresso ao <i>Statu quo ante bellum</i> .
Incidentes de Nathu La e Cho La 1967	CN	IN	Vitória da IN. Retirada CN de Sikkim
Incidente da ilha de Zhenbao 1969	CN	URSS	<i>Statu quo ante bellum</i> . 1991 assinado acordo fronteiras Sino-soviético
Guerra do Vietname 1965–1969	Vietname do Norte CN, Viet Cong, Khmer Rouge, Pathet Lao	Vietname do Sul, US, KR, TH, AU, NZ, Republica Khmer, Reino de Laos	Ret US Indochina. Governos comunistas assumem poder no Vietname do Sul, LA e KH. Vietname do Sul anexado pelo Vietname do Norte.
Batalha das ilhas Paracel 1974	CN	Vietname do Sul	CN ocupa as Paracel.



Estratégia da China para o Pacífico. Incidências na segurança e defesa ao nível internacional.

Guerra Sino-Vietnamita 1979	CN	Vietname	Vietname ocupa Camboja até 1989.
Conflitos Sino-Vietnamitas 1979–1991	CN	Vietname	Ocupação do Vietname pelos chineses até 1992. Chineses assumem controlo de seis das ilhas Spratly
Terceira crise no estreito de Taiwan 1996	CN	TW, US	Cessar-fogo
Batalha de Amami-Ōshima 2001	JP	KP	Vitória do JP

Fonte: Adaptado de BBC (2018), BBCa (2018) e BBCb (2018)

**Análise de relevância de antagonismo militar:** desde 1274 a China esteve seis vezes em guerra contra o Japão, cinco contra os EUA, quatro vezes contra o Vietname e contra Taiwan, duas vezes contra a Coreia. O Japão esteve quatro vezes contra a Coreia e duas contra o Vietname.



**Quadro 10 – Evolução dos princípios da estratégia chinesa desde 1943**

Ano	Designação	Orientação				Indicadores de mudança		
		Opon.	Direção primária	Base de preparação	Forma de operações	Doutrina operacional	Dispositivo	Treino
1956	Defesa da pátria	EUA	NE	Assalto anfíbio	Posição defensiva. e ofensiva com mobilidade	Início da redação de doutrina operacional	Serviços de combate; redução de 3,5M efetivos	Publicado prog treino provisório
1960	Resistir a Norte, abrir no Sul	EUA	NE	Assalto anfíbio	Posição def. e of. c/ mobilidade	Doutrina operacional publicada		
1964	Atrair o inimigo em profundidade	EUA		Assalto anfíbio	Mobilidade e guerrilha	Início da redação de doutrina operacional	Aumento para 6,2 milhões efetivos	
1977	Defesa ativa, atração do inimigo em profundidade	URSS	Norte - Central	Assalto mec. e aéreo	Mobilidade e guerrilha	Doutrina operacional publicada		Publicado programa treino
1980	Defesa ativa	URSS	Norte - Central	Assalto mec. e aéreo	Defesa fixa	Doutrina op. e desenho de campanha publicado	Armas combinadas. Redução de 3M efetivos	Publicado programa treino
1988	Lidar com guerras locais e conflitos militares							Publicado programa treino
1993	Ganhar guerras locais em condições altamente tec.	TW EUA	SE	Guerra tecnológica	Operações conjuntas	Publicação de doutrina operacional e desenho de campanha	Mudança para estrutura de brigada. Redução de 700.000 efetivos	Publicado programa treino
2004	Ganhar guerras locais em ambiente de informação rede	TW EUA	SE	Guerra em ambiente de informação em rede	Operações conjuntas	Início da redação de doutrina operacional	Continuação alteração da estrutura para brigada.	Publicado programa treino
2014	Ganhar guerras locais em ambiente de informação em rede, com ênfase na guerra naval	TW EUA	SE Marítimo	Guerra de informação em rede	Operações conjuntas		Reorganização do comando e estruturas para a ação. Redução de 300.000 efetivos	

Fonte: Adaptado de Fravel (2018, pp. 50-52)

**Análise do Quadro 10:** de 1956 a 1993, a ameaça à China provinha dos quadrantes de Norte, por via ora da URSS, ora dos EUA. Em 1993, a China pivotou o eixo da ameaça do N/NE para SE, incluindo domínio marítimo. Os EUA são considerados a ameaça primária por causa de Taiwan (TW). O domínio da guerra tecnológica e de informação em rede (*network centric*) assume preponderância. A componente marítima assume destaque. A organização para ação em ambiente conjunto sobrepõe-se à organização administrativa. A qualidade sobrepõe-se à quantidade.



## Apêndice F — Forças Armadas Chinesas

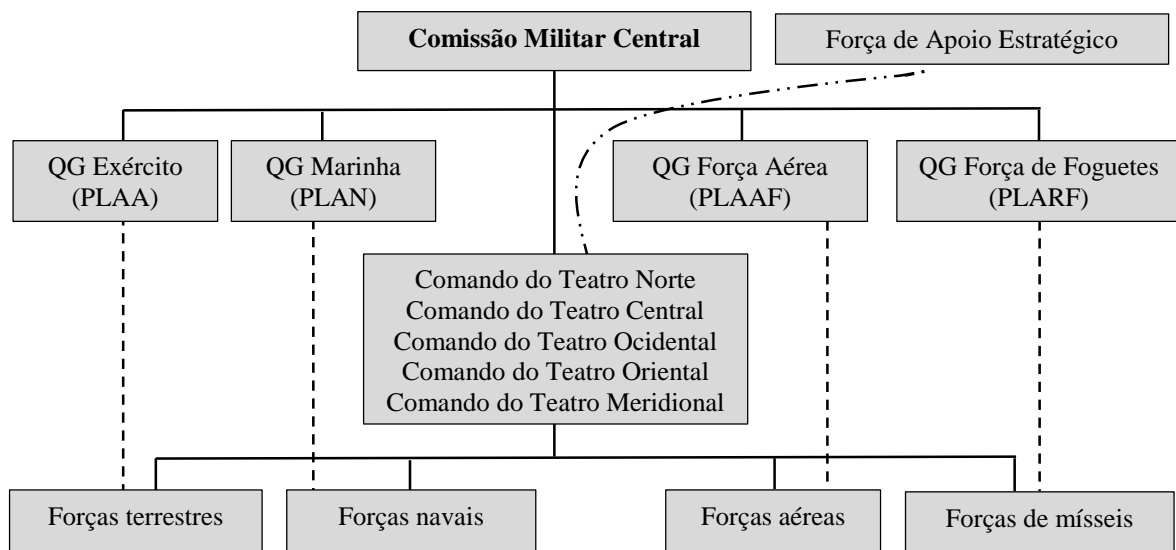
Pretende-se neste apêndice elucidar acerca das principais alterações havidas na PLA. A informação constante foi extraída de (IISS, 2017) (IISS, 2018) (ONI, 2014) e (Defense Intelligence Agency [DIA], 2019)

### 1. Estratégia estrutural

As Forças Armadas Chinesas dependem da Comissão Militar Central (CMC) (Figura 18), cujo responsável máximo é o Presidente Xi Jinping. Está em curso uma reorganização de fundo, com três objetivos implícitos: uma obediência estrita ao PCC; um alinhamento da estrutura com a estratégia; uma organização preparada para a guerra 24/7.

Os ramos são comandos administrativos. As operações são conduzidas a partir dos cinco comandos de teatro conjuntos (*theatre commands*) – Norte, Central, Ocidental, Oriental e Meridional. Supõe-se que o Comando Norte seja responsável pela área da península coreana, da Mongólia, da Rússia e possivelmente pelo Japão; o Comando Central pela reserva estratégica e possivelmente pelas operações no espaço e *ciber*; o Comando Ocidental por Afeganistão, Ásia Central, Índia e Paquistão; o Comando Oriental por Taiwan e possivelmente pelo Japão; o Comando Meridional pelo MSC e a parte continental do Sudeste Asiático.

A Força de Apoio Estratégico é responsável pela guerra da informação, pois condensa numa única estrutura as forças e os meios do espaço, de guerra eletrónica e de *network*, numa abordagem holística à guerra no domínio eletromagnético.



Legenda: — Comando Operacional    - - - - Comando Administrativo    - · · - Apoio

QG – Quartel-general

**Figura 18 – Organização das Forças Armadas Chinesas**

Fonte: Adaptado de IISS (2018)

A China ocupou, no início de 2016, sete posições no MSC, tendo militarizado seis delas. Entre as seis militarizadas, há três – Mischief Reef, Fiery Cross Reef e Subi Reef – em que foram construídas pistas de aviação de 3.000 m, que podem ser usadas por aeronaves de combate. Construiu também uma base no Djibuti.

### 2. Estratégia operacional

A China alterou nas últimas duas décadas a estratégia de “defesa costeira” (*brown waters*) para “defesa de *near seas*” (*green waters*) a que acresceu mais recentemente a



“estratégia de *far seas*” (*blue waters*). A estratégia aérea está alinhada com a marítima, tendo alterado o seu enfoque da defesa territorial para operações marítimas e fora de área (Fravel, 2018, pp. 50-51).

As forças passaram a ser comandadas em permanência a partir dos comandos conjuntos.

A PLAN tem um efetivo de 240.000 militares. Está organizada em cinco serviços: Superfície, Submarinos, Aviação Naval, Defesa de Costa e Fuzileiros (Quadro 11). O seu dispositivo é constituído por 574 navios de superfície (83 combatentes), 62 submarinos, os meios da aviação naval e fuzileiros.

**Quadro 11 – Dispositivo PLAN**

	Total	Observações
Superfície	574	1CV, 23DD, 59FF, 206FS/PC, 42MCMV, 4LPD, 53LS, 186AB
Submarinos	62	4SSBN, 9SSN, 48SSK, 1SSB
Aviação Naval		27BBR, 24FTR, 139FGA, 120ATK, 7ASW, 7ELINT, 17AEW&C, 5TKR, 36TPT, 107TRG, 115Heli, UAV
Fuzileiros	15.000	Segundo a <i>James Town Foundation</i> irão aumentar para 40.000

Fonte: Adaptado de IISS (2018)

## 2.1. Treino

A PLAN conduziu, em 2015, pelo menos três grandes exercícios no Pacífico Ocidental, envolvendo navios e meios aéreos das três esquadras, enquanto a PLAAF executou quatro missões de longa distância no Pacífico Ocidental, com diversos tipos de meios, incluindo bombardeiros H-6K. Os meios aéreos da PLAN e da PLAAF treinam conjuntamente. Em 2016 a PLAN conduziu diversos exercícios integrando meios das três esquadras e respetivo apoio logístico com o objetivo de defender “locais estratégicos no mar”. Os bombardeiros da PLAAF bateram recordes de tempo e distância de voo em operações marítimas e exercitaram ataques a ilhas e atóis.

Desde 2008 que os exercícios do PLA integram a componente ofensiva e defensiva da guerra *ciber*, bem como da guerra de informação.

## 3. Estratégia genética

A PLA tem um efetivo de 2.035.000 militares no ativo: PLAA, 975.000; PLAN, 240.000; PLAAF, 395.000; SMF, 100.000; SSF, 175.000; Outros, 150.000. Militarizados, 660.000. Na reserva, 510.000 elementos.

O orçamento de defesa mantém uma média de crescimento de 9,27% desde 2007, sendo o de 2018 de 170,4 mil milhões de USD, correspondendo a 1,3% do PIB (Figura 19).

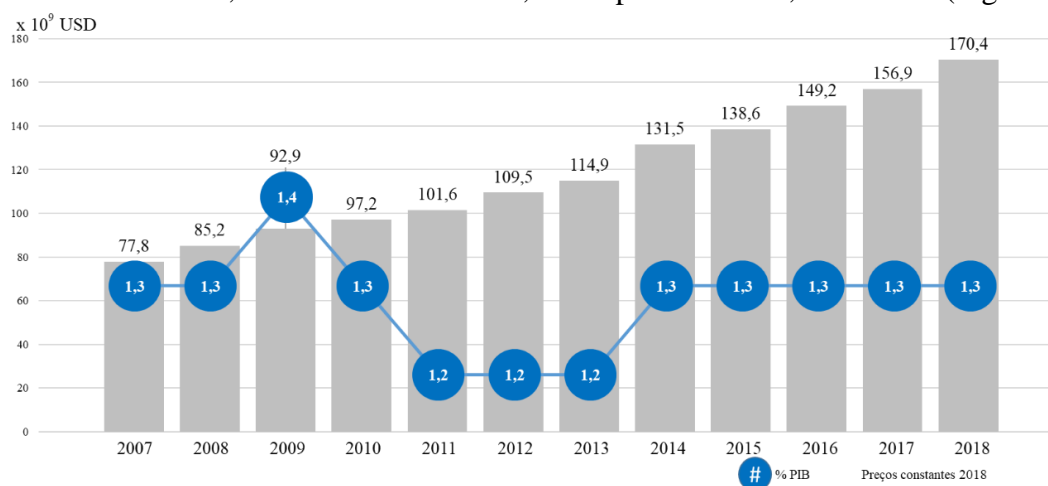


Figura 19 – Evolução do orçamento oficial de defesa da China 2007-2018

Fonte: adaptado de DIA (2019)



### 3.1. Marinha (PLAN)

Em termos gerais, a modernização da PLAN tem prosseguido num ritmo constante, tendo sido aumentadas ao efetivo mais unidades de combate e de apoio logístico. Em termos qualitativos, a China tem melhorado substancialmente as suas produções, mas ainda não domina várias técnicas de construção e integração de sistemas (*system-of-systems*), fundamentais para a eficácia dos meios. Em relação ao conjunto, nomeadamente no que à projeção de força diz respeito, a composição de um *carrier task group* exigirá uma agregação de capacidades de combate, apoio logístico de combate e conhecimento (*tribal knowledge*) que a China ainda não detém. Denota-se por isso preocupação com o robustecimento da doutrina e do treino (Erickson A. S., 2019).

No que se refere a porta-aviões, a PLAN está a desenvolver os seus segundo e terceiro. Atualmente a PLAN opera até oito aeronaves *Shenyang J-15* a partir do seu porta-aviões *Liaoning's*.

O programa de construção dos *destroyers/cruzadores Type-055* está em curso, tendo a primeira unidade sido lançada à água em 2017. O programa de construção de *destroyers* multimissão da classe *Type-052D* também continua, com um objetivo de 12. Também aumentaram recentemente ao efetivo mais fragatas *Type-054A* e corvetas *Type-056A*. Outra aquisição significativa foi a entrada ao serviço de um quarto navio de desembarque anfíbio (LPD) *Type-071* que ficará atribuído à esquadra do mar da China Oriental (os outros três estão alocados à esquadra do MSC). Especula-se sobre a intenção de construção de um navio de assalto anfíbio.

No que respeita a capacidade de apoio logístico aumentaram ao efetivo mais três reabastecedores *Type-903A* em 2016 e um *Type-901* em 2017, estando outro em construção.

Os submarinos nucleares *Type-094* da classe *Jin* (SSBN)<sup>39</sup> constituem o elemento central da capacidade de dissuasão (*deterrent*) nuclear chinesa (Correia, 2018). Estima-se que existam quatro destes submarinos já em operação, estando equipados com mísseis balísticos CSS-NX-14 (JL-2). O primeiro dos quatro submarinos nucleares de ataque *Type-093A* da classe *Shang II*, que têm capacidade de lançamento de mísseis de cruzeiro antisuperfície YJ-18, iniciou o ciclo operacional. Estão em fase de construção 16 submarinos convencionais da classe *Yuan I/II* (*Type-039A/B*).

A China também utiliza meios não militares para exercer a sua ação estratégica nos MdC num estilo de guerra híbrida, como embarcações de pesca e plataformas de petróleo. Estas plataformas são equipadas com meios tipicamente militares e sugerem uma nova utilização como “território nacional móvel”. A sua Guarda Costeira é também equipada com meios oriundos da Marinha (fragatas *Type-54A* e *Type-053H e G*), desarmados, e é empenhada em missões na “zona cinzenta”, dando cobertura às ações de guerra híbrida.

### 3.2. Força Aérea (PLAAF)

A PLAAF adquiriu em 2016 24 aeronaves russas multimissão *Su-35 Flanker E*. Internamente continua a ser desenvolvido o caça *J-11D* e o *Chengdu J-20*. A PLAAF mantém o esforço para colmatar as fragilidades em transporte pesado, aviso aéreo antecipado (AEW), reabastecimento aéreo, e ISR. Neste âmbito entraram ao serviço em 2016 os primeiros dois meios dedicados a transporte *Xian Y-20*.

## 4. Tecnologia militar em desenvolvimento pela China

A estratégia de desenvolvimento por via da inovação foi apresentada em 2017, seguindo um *roadmap* de três estádios até 2050. O primeiro, para 2021, tem o objetivo de

---

<sup>39</sup> Os submarinos nucleares balísticos (SSBN) têm apenas a missão estratégica de portar mísseis nucleares balísticos de lançamento submarino. Os submarinos de ataque têm diversas missões táticas, incluindo guerra de superfície e submarina, lançamento de mísseis de cruzeiro e recolha de informação.



transformar a China num país inovador. O segundo objetivo, a atingir em 2030, é juntar a China ao conjunto dos países mais avançados em inovação. Em 2050, a China deve atingir o terceiro objetivo, assumindo-se como uma potência com forte capacidade de inovação.

Os campos tecnológicos prioritários a desenvolver na área da defesa incluem: fabricação de *aero-engines* e turbinas a gás, comunicações *quantum*, segurança de redes informáticas e *ciber*, fabricação *smart* e robótica, exploração do *deep-space* e do *deep-sea* e materiais vitais e neurociência.

Em termos gerais, o PLA tem uma capacidade limitada no que respeita à inovação, e o seu nível de desenvolvimento tecnológico é ainda ultrapassado pela concorrência estrangeira. Poucas empresas chinesas detêm conhecimento, experiência ou capacidade para produção de produtos militares de topo. A China tem desenvolvido alguns sistemas de nicho, numa perspetiva de ganhos assimétricos, mas a sua indústria de defesa não aparenta ter a capacidade de produzir sistemas inovadores com capacidade disruptiva a serem instalados numa força expedicionária (USAWC, 2015, p. 18).

A China está a investir na tecnologia *quantum*, tendo anunciado em setembro de 2017 a construção do maior centro do mundo de pesquisa *quantum*, para apoiar os desenvolvimentos tecnológicos que possam ser usados nas forças armadas, incluindo quebra de cifras e capacidades de navegação *covert* de submarinos.

A China tem vindo a trabalhar em 16 megaprojetos, dos quais três são classificados. Estes últimos referem-se aos programas: *laser Shengguang* (Luz Divina), sistema de satélites *Beidou-2* de segunda geração e ao veículo hipersónico.

## 5. Análise

As Forças Armadas chinesas estão num processo de *revolution in the military affairs*. Em termos estruturais passaram a adotar uma estrutura *joint* permanente, vocacionada para a ação, com a decisão concentrada no PCC. Em termos operacionais, como viraram a sua estratégia para o mar, capacitam a PLAN e a PLAAF com meios adequados em quantidade e qualidade, não só para defesa próxima e em profundidade, mas também com carácter expedicionário e de projeção de força. Entraram nos novos domínios do espaço, do espectro eletromagnético e da *ciber*. Exploram as novas tecnologias com vista à sua aplicação em armamento. O treino prossegue o desenvolvimento normal *crawl-walk-run*, adotando de forma realista objetivos cada vez mais ambiciosos, mas revelando estar ainda numa fase incipiente na sincronização do conjunto.

O Quadro 5 exprime resumidamente a perceção do estado de desenvolvimento e tendência dos elementos de capacidade geral das Forças Armadas chinesas, quando em comparação com os da OTAN, baseado na apreciação qualitativa recolhida na bibliografia.

Predicting the composition of China's naval force in the next 10-15 years is difficult because of the opaque nature of China's military requirements and acquisition process. Another factor that will play an important part in the PLA(N)'s continued growth and modernization is China's economic health. Despite its slowing economy, China has continued double-digit increases to its defense budget [na perceção da contabilidade não oficial dos EUA]. [...] Should China's economy slow further, leadership could be faced with difficult decisions concerning continued military modernization. (ONI, 2014, p. 47)



## **Apêndice G — Cooperação no âmbito da defesa entre países asiáticos e EUA**

### **Coreia do Sul**

A aliança com os EUA tem uma importância muito especial na estratégia de defesa sul coreana. O acordo entre os países prevê inclusivamente a transferência do controlo operacional de forças dos EUA para Seul em tempo de guerra, em determinadas condições. Os EUA têm estacionados na Coreia do Sul um contingente de 28.500 efetivos pertencentes ao US Pacific Command.

### **Filipinas**

As Filipinas têm acordos de defesa ativos com os EUA desde 1951. Em março de 2016, entre os EUA e a República das Filipinas implementaram o acordo assinado em 2014 e válido por dez anos em que está prevista a operação das forças destacadas americanas.

Em março de 2016 tiveram início patrulhas marítimas conjuntas e em abril foi inaugurado o US Air Contingent.

Com a eleição do Presidente Duterte em maio de 2016, houve um arrefecimento das relações, com viragem para a China e a Rússia.

Em 2018 houve lugar a treino conjunto e a escalas de navios USN.

### **Japão**

A aliança do Japão com os EUA é a base da sua política de defesa. A presença americana permanente nas bases de Honshu, Kyushu e Okinawa, a utilização de material de guerra americano nos três ramos japoneses e o treino regular combinado, são a consecução do acordo firmado.

O crescimento e o comportamento da China e a permanente tensão com a Coreia do Norte justificaram uma alteração legislativa na sua política de defesa, permitindo às forças de autodefesa japonesas uma maior capacidade de intervenção na segurança internacional, em paralelo com um crescimento do orçamento de defesa e um reforço da aliança com os EUA.

### **Tailândia**

A relação está mais favorável à China desde o golpe de Estado de 2014. A Tailândia mantém uma relação cordial com os EUA, que ali mantêm um contingente de 300 militares.

### **Taiwan**

Taiwan continua a contar com a defesa americana prevista no Taiwan Relations Act, que tem como objetivo assegurar a Taipé capacidades de autodefesa contra agressões externas, através de um programa de venda de armamento.

### **Singapura**

As relações estão a consolidar-se e a crescer em âmbito. Os acordos assinados em 1990 e 2005 foram reforçados em 2015. Singapura considera a presença militar americana na Ásia-Pacífico como “crítica” para a paz; 220 militares e meios USN permanecem na base naval de Changi. Meios USAF têm feito base em Singapura.

### **Vietname**

Os desenvolvimentos das relações têm sido mais lentos pelo receio das reações chinesas. Em junho de 2015 foi assinado o Joint Vision Statement e levantada inibição de venda de material militar. A prioridade de cooperação é a capacitação das FFAA através da Maritime Security Initiative e Global Peace Operations Initiative. Os EUA solicitaram maior acesso aos portos. Em 2019 está previsto um grande incremento de visitas de navios dos EUA ao Vietname.



## Apêndice H — Capacitação aeronaval dos países asiáticos

Os dados deste apêndice foram obtidos essencialmente em (IISS, 2017).

### China

*Vide* o Apêndice F.

### Coreia do Sul

A Coreia do Sul tem um plano de reequipamento substancial, essencialmente destinado à defesa da ameaça proveniente da Coreia do Norte, mas também da China. Para o efeito acordou com os EUA a implementação no seu território de um sistema THAAD, esperando-se que a sua versão mais avançada, conectada com o sistema *Aegis* dos seus cruzadores da classe *Sejong the Great*, entre em operação em 2023-2024. A Coreia do Sul tem planeada a entrada ao serviço nos próximos três anos de um segundo navio de assalto anfíbio da classe *Dokdo*, de mais nove submarinos T-214 e três da classe KSS-III, três cruzadores da classe *Sejong the Great*, mais fragatas da classe *Incheon* e recebeu oito helicópteros navais *Wildcat*.

No domínio aéreo equipou os seus F-15K com os mísseis *Taurus* e iniciou a receção dos 40 caças F-35. Entre 2026 e 2031 equipará a sua força aérea com 120 caças KF-X.

### Indonésia

Na Indonésia o esforço está centrado no reforço das defesas aéreas e marítimas. As duas fragatas multimissão Sigma 10514 da classe *Perusak Kawal Rudal*, foram entregues em 2017. Receberá três submarinos sul-coreanos da classe *Chang Bogo* e está em curso a negociação da construção, na Indonésia, de submarinos franceses da classe *Scorpène 1000* e a revisão dos seus T-206. A documentação estratégica da Indonésia refere que deveria possuir entre 12 e 14 submarinos.

No domínio aéreo, recebeu em 2010 dos EUA 24 aeronaves F-16 e adquiriu também em 2010 à Rússia 180 caças Su-27 e Su-30. Estão a desenvolver com a Coreia do Sul um projeto conjunto em que receberá 80 caças KF-X a partir de 2020.

### Filipinas

O dispositivo de defesa Filipino é modesto. As Filipinas começaram a receber em 2017 doze aeronaves de treino de origem sul coreana FA-50PH. O Japão cedeu cinco aeronaves de treino TC-90. A fábrica italiana *Leonardo* dois helicópteros *Wildcat*, para serem operados a partir de 3 navios cedidos pela US Coast Guard transformados em navios de patrulha. Entraram ao serviço mais dois LPD. No domínio marítimo foi encomendado em 2016 à Coreia do Sul duas fragatas HDF-3000 que receberão a partir de 2020, e receberão também uma corveta sul coreana da classe *Pohang*.

### Japão

O Japão iniciou o desenvolvimento de uma nova geração de 13 submarinos convencionais da classe *Soryu*, desenhados pelas Mitsubishi Heavy Industries e Kawasaki Heavy Industries.

O Japão vai investir em projeção de força, mobilidade e ISR. Pretende reforçar a sua defesa antimíssil-balístico com um sistema *Aegis* terrestre. Tenciona criar uma força anfíbia. Nos seus planos está também o ganho de capacidade de proteção de terra através de sistemas antimíssil embarcados.

### Malásia

A Malásia adquiriu quatro aeronaves de transporte Airbus400M em 2016. Adjudicou a construção de seis navios-patrulhas de segunda geração da classe *Maharaja Lela*, que é considerado o seu *Littoral Combat Ship*, que começarão a entrar ao serviço em 2023. Contratou à China a construção de quatro *littoral-mission ships*, dois dos quais a construir na Malásia. Adquiriu igualmente um sistema de defesa aérea ForceSHIELD que já está ao serviço desde 2016. A Malásia adquiriu um novo sistema de vigilância costeira para ser instalado nos seus estados de Sabah e Sarawak na ilha de Bornéu.



### **Tailândia**

A Tailândia assinou em 2017 um contrato de aquisição à China de um primeiro submarino S26T. A extensão de vida e o *upgrade* dos dois submarinos da classe *Hai Lung* ainda não estão claros. Também anunciou a intenção de construir entre seis e oito submarinos na Tailândia.

### **Taiwan**

Apesar do previsto no Taiwan Relations Act, considerando as incertezas acerca da presença futura dos EUA na região e a dúvida sobre a vontade de lhes vender material tecnologicamente avançado, Taiwan deu início a diversos programas internos de desenvolvimento de meios, incluindo oito submarinos diesel-elétricos da classe *Hai Lung*, fragatas, navios lança-minas e sistemas automáticos de defesa costeira. A companhia Taiwan's China Shipbuilding Corporation abriu um estaleiro dedicado a submarinos em Kaohsiung.

A defesa antimíssil é uma das prioridades de Taiwan, sendo assegurada atualmente por baterias *Patriot PAC 2/3*. A instalação de um sistema THAAD, apesar de desejável, poderia provocar reações do lado chinês.

Taiwan encontra-se num processo de *upgrade* da sua esquadra de F-16 A/B e pretendia adquirir F-35 *Joint Strike Fighter*, mas não deverá haver abertura para isso pelos EUA. Se assim for, faz intenção de desenvolver a sua aeronave de quarta geração e meia/quinta geração, com apoio externo.

### **Singapura**

Singapura, a par com o Vietname, tem-se revelado o país mais determinado na sua modernização militar. O orçamento atribuído à defesa tem sido o maior da área do Sudeste Asiático e o País demonstra possuir capacidades militares bem mais avançadas do que as dos seus países vizinhos.

A Marinha de Singapura integrou na esquadra uma nova versão de embarcações de interceção destinadas a defesa de bases, proteção de força e operações de segurança marítima. Lançou um projeto de oito navios do tipo *Littoral Mission Vessels* da classe *Independence*, que deverão entrar ao serviço até 2020. Além dos quatro contratados, encomendou mais dois submarinos TKMS Type 218SG à Alemanha, que deverão entrar ao serviço em 2020. Tem um projeto para adquirir um navio polivalente para substituir os navios de desembarque anfíbio, que poderá vir a ter capacidade para operar helicópteros CV-22 e aeronaves F-35B.

No que respeita ao domínio aéreo, Singapura adjudicou o *upgrade* dos seus F-16C/D e adquiriu um segundo esquadrão de caças F-15SG, perfazendo um total de 40. A base de Paya Lebar será encerrada e as de Changi e de Tengah serão aumentadas.

### **Vietname**

No domínio marítimo o Vietname encomendou seis submarinos russos da classe *Kilo*, iniciou o *procurement* de mais aeronaves Su-30MK2 e de nova capacidade de defesa aérea.

### **Análise:**

Os países asiáticos vêm desenvolvendo esforços crescentes na edificação das suas capacidades de defesa, nomeadamente nos domínios aéreo e marítimo. Em 2016, dos 27 Estados asiáticos, 13 tinham em curso ou acabado de terminar programas de reequipamento contemplando navios de patrulha, nove de meios de patrulha-marítima/guerra antissubmarina e nove de submarinos (IISS, 2017).



## Apêndice I — Estratégia genética dos EUA

### 1. Prioridades da USN (CNO, 2018, p. 8)

- Acelerar a entrada ao serviço dos(as):
  - SSBN classe *Columbia*;
  - *Future frigate*;
  - *Large surface combatant*;
  - *Large unmanned surface vehicle*;
  - *Future small auxiliary* e *future large auxiliary*;
  - *Underwater unmanned vehicles*;
  - *Unmanned aerial vehicles MQ-25* e *MQ-4C*.
- Definição de requisitos para a substituição dos F/A-18E/F e EA-18G.
- Desenvolvimento e entrada ao serviço de:
  - Arma ofensiva hipersónica;
  - *Lasers* de baixa e alta potência e do Surface Navy Laser Weapons System;
- Aumento da *performance* da inovação.

### 2. Prioridades da USAF (USAF, 2018, p. 3)

- Aquisição de 48 caças F-35;
- Aquisição de 15 reabastecedores KC-46;
- Desenvolvimento do bombardeiro B-21;
- Substituição do helicóptero UH-1.
- Implementar mais satélites GPS à prova de empastelamento, melhorar a capacidade de aviso antimíssil, melhorar o conhecimento situacional espacial e aumentar a capacidade de defesa dos meios espaciais vitais dos EUA em órbita.

### 3. Prioridades dos EUA no âmbito Nuclear (DoD, 2018, p. 48)

“The United States will replace its strategic nuclear triad and sustain the warheads it carries – there is no higher priority for national defense.”

- 12 SSBN classe *Columbia* para substituir classe *Ohio* (IOC 2031);
- Substituição do SLBM D5;
- Modernização das instalações de lançamento de ICBM (450);
- Substituição dos ICBM *Minuteman III* (400);
- Modernização das esquadras de B-52H e B-2A;
- Desenvolvimento do bombardeiro de nova geração B-21 *Raider*;
- Incorporação de capacidade nuclear nas aeronaves F-35.



## Apêndice J — Guião das entrevistas

Para a realização das entrevistas semiestruturadas foi elaborado um guião de perguntas de acordo com os objetivos que se seguem:

Quadro 12 – Objetivos e questões guião das entrevistas

OBJETIVOS	QUESTÕES
a) Captar a perceção sobre a postura da reação chinesa à (re)ação americana. b) Captar a perceção sobre o impacto ao nível internacional da ação/reação.	1. Os EUA entraram em competição e estão a reagir com todos os instrumentos de poder à estratégia chinesa. Em termos militares estão a reformular a estratégia, os conceitos, a tecnologia, o dispositivo, a organização e a prontidão, preparando-se para, se necessário, confrontar a China, caso esta ataque ou os interesses dos EUA, nomeadamente o livre acesso aos <i>global commons</i> , ou os seus aliados. a. Como vai reagir a China? b. Quais as consequências para a segurança e defesa ao nível internacional?
a) Captar a perceção sobre a atitude chinesa relativamente aos espaços contestados face à pressão internacional b) Captar a perceção sobre a propensão da China para continuar a ocupar espaços contestados c) Captar a perceção sobre a reação dos EUA a novas ocupações de espaços contestados por parte da China	2. A China tem sido duramente criticada pela comunidade internacional pelo seu desrespeito pelo direito internacional e pela sua desobediência ao Tribunal Arbitral da Haia no que respeita à ocupação e à militarização de espaços contestados no mar do Sul da China. a. Qual a ação que a China vai tomar relativamente aos espaços contestados no mar do Sul da China que ocupou no passado recente nas ilhas Spratly? b. A China irá ocupar outros espaços contestados na mesma lógica do seu alegado direito histórico de posse das áreas dentro da “linha dos nove traços”? c. Qual a reação dos EUA se a China tiver intenção de ocupar um espaço que pertença ou seja contestado por um aliado seu? E se estiver ao abrigo do tratado da aliança, enfrenta ou não enfrenta a China?
Captar a perceção sobre a questão de Taiwan	3. Como e quando irá a China resolver a questão da reunificação de Taiwan?
Captar a perceção sobre as tendências de alinhamentos China vs. EUA	4. A captação de alianças entre os países do mar do Sul da China é importante para as estratégias militares quer da China, quer dos EUA. Quem convencerá quem?
Captação da perceção sobre a questão nuclear da Coreia do Norte	5. A Coreia do Norte cederá à comunidade internacional no que respeita ao programa nuclear?
Captação da perceção sobre a coerência do discurso chinês e a sua estratégia militar.	6. Considera que a estratégia militar da China é coerente com o <i>peaceful rise</i> que apregoa? Que elementos podem contribuir para uma resposta negativa?
Captação da perceção sobre o objetivo final da grande estratégia chinesa	7. Qual é o <i>end state</i> da China para os mares da China e para o Pacífico?



## Apêndice K — Quadro de peritos entrevistados

Para atingir os objetivos elencados no apêndice J, foram entrevistados sete peritos da área das relações internacionais (Quadro 13), considerados profundos conhecedores de estratégia militar, nomeadamente da China.

Quadro 13 – Relação de entrevistados

Entrevistado	Data	Local	Excerto CV
TCOR Garrinhas Carriço		IDN e <i>e-mail</i>	Assessor do IDN. Doutoramento em Relações Internacionais (RI) e mestre em Ciências Militares pela Academia Militar (AM)
COR Lemos Pires	23JAN2019	<i>e-mail</i>	Professor de História Militar e Relações Internacionais na AM e IUM. Doutor em História, Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL (com a AM) e mestre em Ciências Militares pela AM
TCOR Pinto Correia	20JAN2019	<i>e-mail</i>	Professor da área de Estratégia no IUM. Doutorando em RI
Professor Doutor Luís Tomé			Doutor em Relações Internacionais pela Universidade de Coimbra, mestre em Estratégia pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade Técnica de Lisboa e licenciado em Relações Internacionais pela Universidade Autónoma de Lisboa (UAL)
MGEN Vieira Borges		<i>e-mail</i>	Comandante da AM. Doutor em Ciência Política (UAc), mestre em “Estratégia” (ISCSP) e mestre em Ciências Militares (AM). Curso de Estado-Maior (IAEM), Curso de Defesa Nacional (IDN), Curso Aberto em Ciência Política (UCP), Curso <i>Terrorism and Security Studies</i> (Marshall Center) e Curso de Promoção a Oficial General (IESM)
Professor Doutor António Paulo Duarte			Doutor em História Institucional e Política Contemporânea, mestre em Estratégia (1997) pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, Licenciatura em História – Ramo de Formação Educacional da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, Licenciatura em História pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa
Professor Doutor Luís Cunha			Doutor em Relações Internacionais. Investigador do Instituto do Oriente, ISCSP, Universidade de Lisboa



## Apêndice L — Sinopse e análise do resultado das entrevistas

### 1. Sinopse

Quadro 14 – Sinopse das entrevistas

SITUAÇÃO: Jogo de espelhos. A perceção da China é que se estão a preparar para a atacar, e a perceção dos EUA é que a China se está a armar para impor a sua hegemonia. A denominada armadilha de Tucídides.		
China	EUA	CONSEQUÊNCIAS
<p><b>O QUE É/PRÁTICA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expansionista e revisionista</li> <li>• Estratégia militar acompanha as restantes. Assume-se militarmente. Já passou o ponto de não-retorno</li> <li>• Evita comportamento muito agressivo. Postura faseada, incrementalista e multidimensional no tempo e no espaço</li> <li>• Disfunção entre o discurso e a prática</li> </ul>	<p><b>O QUE PRÁTICA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Implementa sistema duplo para responder em contrapeso ao mesmo tempo que envolve a China para moderar o seu comportamento</li> <li>• Mais omnipresentes na região Ásia-Pacífico</li> <li>• Disputas não é assunto exclusivo da China com os países do Sudeste Asiático</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Corrida ao armamento.</li> <li>• Ásia-Pacífico saturado de meios militares</li> <li>• Número exercícios militares multinacionais conjuntos aumenta</li> <li>• Probabilidade de incidentes aumenta</li> <li>• Tensão aumenta</li> </ul>
<p><b>OBJETIVOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Moldar o sistema político internacional</li> <li>• Expurgar os EUA do sistema securitário sem provocar um conflito direto. Substituir a <i>pax americana</i> por <i>pax sinica</i>”</li> <li>• Implementar sistema tributário 2.0 na região da Ásia-Pacífico</li> <li>• Defender e conquistar área com estratégia incrementalista de ocupação e ampliação das infraestruturas. Avançar para outras áreas geográficas</li> <li>• Taiwan é objetivo crítico. Tentará resolver pacificamente. Não está fora de causa uma intervenção militar. Negação de área e anti-acesso tem que ver com Taiwan</li> </ul>	<p><b>OBJETIVOS</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manutenção do acesso aos <i>global commons</i></li> <li>• Não deixar a China repetir nas ilhas Spratly ou Senkaku o que fez nas Paracel</li> <li>• Multiplicar e reforçar acordos de cooperação em termos de segurança e defesa</li> <li>• Mitigar a incoerência dos aliados dos EUA terem na China o seu maior parceiro comercial</li> <li>• Vender armamento. Parceiros/aliados com outro papel na segurança regional e global</li> </ul>	

Nota: o registo completo das entrevistas consta do suporte digital anexo ao TII



## 2. Análise

No teatro da região Ásia-Pacífico, os principais competidores jogam com perceções, engodados na denominada “armadilha de Tucídides”: embora a guerra não favoreça nenhuma das partes, a China tem a perceção de que os EUA querem conter o seu desenvolvimento, e arma-se; os EUA têm a perceção de que a China se está a armar para os derrubar da posição hegemónica, e defende-se... armando-se.

A China tem um perfil revisionista e uma grande estratégia expansionista faseada. Iniciou a primeira fase com os MdC, prosseguirá para o Pacífico e, depois, para o resto do mundo. Não quer afrontar diretamente os EUA mas quer expurgá-los do sistema regional da Ásia-Pacífico (por agora).

Os MdC têm a particularidade de serem assumidos como zona defensiva para a China e como tal implementaram uma arquitetura defensiva A2/AD. A reunificação de Taiwan é um objetivo crítico; esse processo não está dissociado da defesa A2/AD. Tendo sido frouxa a reação da comunidade internacional a casos anteriores, a China continuará a ocupar espaço nos MdC com base na conveniência *vs.* oportunidade (*vide* definição de configuração estratégica de poder no corpo de conceitos).

Os EUA reforçarão a sua presença militar e as suas alianças na região da Ásia-Pacífico. Venderão mais armamento a Taiwan e aos seus parceiros. Implementarão mais exercícios conjuntos e combinados entre eles. Tentarão evitar que a China ocupe mais espaço contestado. Forçarão o acesso aos *global commons*.

A área da Ásia-Pacífico estará saturada de meios militares. Os exercícios tentarão marcar posições e alinhamentos. Os alinhamentos militares podem não ser coerentes com os alinhamentos económicos. O ambiente é incerto, volátil e de risco elevado.